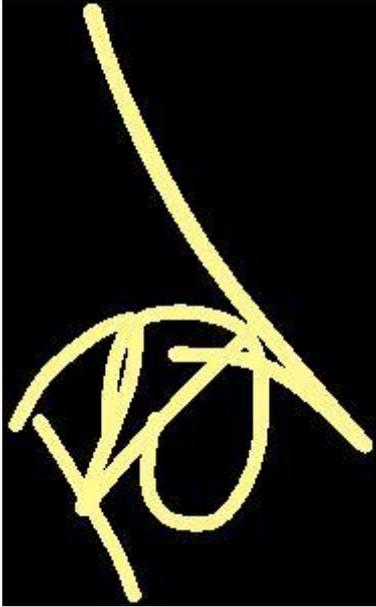


Dane Ortlund

GENTLE
and
LOWLY

*The Heart of Christ for
Sinners and Sufferers*



“Gentil e humilde vem da pena de alguém que não apenas se beneficiou da leitura dos puritanos, mas, mais importante, leu a Bíblia sob sua tutela. Um pequeno livro nunca pode ser suficiente para transmitir toda a glória do caráter de Cristo, mas este livro habilmente revela algo que muitas vezes esquecemos: Cristo é manso e humilde de coração e dá descanso para aqueles que trabalham e estão sobrecarregados. Escrito com doçura pastoral e beleza tranquila, mostra o que vinte textos bíblicos contribuem para este retrato do coração de Cristo, todos reunidos para levar conforto, força e descanso aos crentes. ”

DA Carson, Professor Emérito de Novo Testamento, Trinity Evangelical Divinity School; Co-fundador da The Gospel Coalition

“Neste trabalho oportuno, Dane Ortlund dirige nossa atenção de volta para a pessoa de Jesus. Centrado nas Escrituras e com base no melhor da tradição puritana, Ortlund nos ajuda a ver o coração de Deus conforme nos é revelado em Cristo.

Isso nos lembra não apenas das promessas de Jesus de descanso e conforto, mas também da visão bíblica de Jesus: um Rei amoroso e atencioso. ”

Russell Moore, Presidente da Comissão de Ética e Liberdade Religiosa da Convenção Batista do Sul

“O título deste livro evocou imediatamente em mim um sentimento de saudade, esperança e gratidão. A mensagem que ele contém é um bálsamo para todo coração que se sente trespassado pelo pecado ou pela dor, seja de dentro ou de fora. É um convite a experimentar as doces consolações de um Salvador que se aproxima de nós com ternura e graça, quando sabemos que merecemos o contrário dele ”.

Nancy DeMoss Wolgemuth, autor; Mestre e anfitrião, reavive nossos corações

“Minha vida foi transformada pelas maravilhosas e incríveis verdades deste livro. Dane Ortlund levanta nossos olhos para ver o coração compassivo de Cristo pelos pecadores e pelos que sofrem, provando que Jesus não é um salvador relutante, mas alguém que tem prazer em mostrar misericórdia. Para qualquer sensação de dor, cansaço ou vazio, este é o bálsamo para você. ”

Michael Reeves, Presidente e Professor de Teologia, Union School of Theology, Oxford, Reino Unido

“Na estrada áspera, pedregosa e muitas vezes escura entre o 'já' e o 'ainda não', não há nada que o seu coração cansado precise mais do que conhecer a beleza do coração de Jesus. É aquela beleza que sozinha tem o poder de sobrepujar tudo de feio que você vai encontrar ao longo do caminho. Não li nenhum livro que mostre o coração de Cristo de maneira mais cuidadosa, completa e terna do que o que escreveu Dane Ortlund. Como se estivesse ouvindo uma grande sinfonia, isso me comoveu de maneiras diferentes em diferentes passagens, mas deixei cada um sentindo-se enormemente abençoado por saber que o que estava sendo descrito era o coração de meu Salvador, meu Senhor, meu Amigo e meu Redentor.

Paul David Tripp, presidente dos Ministérios Paul Tripp; autor, New Morning Mercies e My Heart Cries

“Os puritanos respiravam práticas centradas em Cristo: eles abraçavam a Bíblia como um salva-vidas, exercitavam-na como um músculo e confiavam nela como um colete à prova de balas. Eles sabiam odiar seus pecados sem odiar a si mesmos, porque entenderam que a graça de Cristo é uma pessoa onipresente, uma pessoa que entende nossa situação e nossas necessidades melhor do que nós. Eles entenderam que sofreremos por causa do pecado. Dane Ortlund maneja magistralmente um tesouro de sabedoria puritana e habilmente o apresenta ao leitor cristão. Leia este livro e ore para que o Espírito Santo revele Cristo como os puritanos o entendiam, e você se sentirá revigorado ao compreender a graça de Deus de uma maneira totalmente nova.

”

Rosaria Butterfield, Ex-Professor de Inglês, Syracuse University; autor, O Evangelho vem com uma chave de casa

“Ele é tão forte que pode se dar ao luxo de ser legal.' Aquela velha linha de filme é mais do que um sentimento descartável quando consideramos a precisão teológica e o coração pastoral de Dane Ortlund ao descrever o coração.

de Deus para aqueles que estão fracos, cansados, enfermos de pecado e desesperados. As percepções dos mansos e humildes são verdadeiramente um rio de misericórdia fluindo do trono de Deus, através dos grandes pastores do passado e para o ministério precioso e poderoso de hoje. "

Bryan Chapell, Pastor Sênior, Grace Presbyterian Church, Peoria, Illinois

"Apenas em algumas páginas comecei a perceber o quão incomum e essencial é este livro; é uma exposição do próprio coração de Cristo. O resultado é um livro que nos surpreende pela enorme abundância e capacidade de seu amor por nós. Impressionante e curativo em igual medida, já é um dos melhores livros que já li. "

Sam Allberry, Apologista e palestrante, Ravi Zacharias International Ministries; autor, 7 mitos sobre ser solteiro

"Dane Ortlund escreve sobre o que parece bom demais para ser verdade - o Senhor se agrada em mostrar misericórdia a você e a mim - então ele trabalha com muito cuidado através de textos-chave e pede a ajuda de santos do passado. Eles me persuadiram e espero ser persuadido novamente e novamente. "

Ed Welch, conselheiro e membro do corpo docente, Christian Counseling & Educational Foundation

"Dane Ortlund nos leva ao próprio coração do Deus encarnado, não só o que Jesus fez por nós, mas também como ele se sente por nós. Isso mesmo: sinta por nós. Ancorado nas Escrituras e baseado no puritano Thomas Goodwin, este livro é um remédio para corações partidos. "

Michael Horton, J. Gresham Machen Professor de Teologia Sistemática e Apologética, Seminário de Westminster, Califórnia

"Dane Ortlund nos ajuda a redescobrir o coração de Jesus, que é o próprio coração do evangelho. Este livro encantador revela a imensidão do terno amor de Jesus por nós. Ao mergulhar no próprio coração de Cristo, você encontrará seu próprio coração aquecido pelo fogo do amor de Deus. Ortlund abre um tema esquecido entre os puritanos (em pequenas partes que não o sobrecarregarão), onde você descobrirá sua compreensão da beleza do amor de Jesus. Sua alma precisa deste livro. Eu recomendo. "

Paul E. Miller, autor, A Praying Life and J-Curve: Dying and Rising with Jesus in Everyday Life

AMÁVEL

e

HUMILDE

O Coração de Cristo por

Pecadores e vítimas

Dinamarquês ortlund

®

WHEATON, ILLINOIS

Bondoso e Humilde: O Coração de Cristo pelos Pecadores e Sofrimento
Copyright © 2020 por Dane C. Ortlund

Postado por Crossway

1300 Crescent Street

Wheaton, Illinois 60187

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocopiado, gravado ou outro, sem a permissão prévia do editor, exceto conforme fornecido pelos direitos autorais. lei.

Crossway® é uma marca registrada nos Estados Unidos da América.

Design da capa: Jordan Singer

Imagem da capa: Fotografia © Christie's Images / Bridgeman Images Primeira impressão 2020

Impresso nos Estados Unidos da América.

As citações das escrituras são da Bíblia ESV®, copyright © 2001 de Crossway, um ministério de publicação da Good News Publishers. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas marcadas com CEB foram retiradas da Common English Bible®, copyright © 2011.

Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas marcadas como CSB são da Bíblia Padrão Cristã. Copyright © 2017 por Holman Bible Publishers. Usado com permissão. Christian Standard Bible® e CSB® são marcas registradas federalmente da Holman Bible Publishers. Todos os direitos reservados.

As citações bíblicas marcadas com GNB são de Good News Bible © 1994 publicado pela Bible Societies / HarperCollins Publishers Ltd., UK Good News Bible © pela American Bible Society 1966,1971,1976,1992. Usado com permissão.

As citações bíblicas marcadas como KJV são da versão King James da Bíblia.

As citações bíblicas marcadas com NASB são da The New American Standard Bible ®. Copyright © The Lockman Foundation 1960, 1962, 1963, 1968, 1971, 1972, 1973, 1975, 1977, 1995. Usado com permissão.

As citações bíblicas marcadas com NET são de The NET Bible® copyright © 2003 da Biblical Studies Press, LLC www.netbible.com. Todos os direitos reservados. Citado com permissão.

As referências bíblicas marcadas com NIV foram retiradas de The Holy Bible, New International Version®, NIV®.

Copyright © 1973, 1978, 1984, 2011 por Biblica, Inc. ™ Usado com permissão. Todos os direitos reservados em todo o mundo.

As referências bíblicas marcadas como NKJV são da New King James Version. Copyright © 1982, Thomas Nelson, Inc. Usado com permissão.

As referências bíblicas marcadas com RSV são da Versão Padrão Revisada. Copyright © 1946, 1952, 1971, 1973 pela Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos EUA.

O autor adicionou todas as ênfases às citações das Escrituras.

Livro de bolso de negócios ISBN: 978-1-4335-6613-4

ePub ISBN: 978-1-4335-6616-5

PDF ISBN: 978-1-4335-6614-1

Mobipocket ISBN: 978-1-4335-6615-8

Nomes de Dados de Catalogação da Publicação da Biblioteca do Congresso:
Ortlund, Dane Calvin, Autor.

Título: Gentil e Humilde: O Coração de Cristo pelos Pecadores e Sofrimento /
Dane Ortlund.

Descrição do item: Wheaton: Crossway, 2020. | Inclui referências bibliográficas e índice.

Identificadores: LCCN 2019025868 (imprimir) | LCCN 2019025869 (livro eletrônico) | ISBN 9781433566134

(capa dura) | ISBN 9781433566141 (pdf) | ISBN 9781433566158 (mobi) | ISBN

9781433566165 (epub)

Tópicos: LCSH: Deus (Cristianismo) —Mercy. | Deus (Cristianismo) - Amor. Sofrendo de Deus. | Jesus Cristo.

Classificação: LCC BT153.M4 O78 2020 (impresso) | LCC BT153.M4 (e-book) | DDC 231,7 - dc23

Registro LC disponível em <https://lcn.loc.gov/2019025868>

Registro de e-book da LC disponível em <https://lcn.loc.gov/2019025869>

Crossway é um ministério de publicação da Good News Publishers.

SH 3 0 2 9 2 8 2 7 2 6 2 5 2 4 2 3 2 2 2 1 2 0 1 5 1 4 1 3 1 2 1 1 1 1 0 9

8 7 6 5 4 3 2 1

Para a esperança

Lucas 18:16

Como um pai, ele cuida de nós e nos perdoa

Bem, nosso quadro fraco sabe

Em sua mão ele gentilmente nos carrega

Resgate-nos de todos os nossos inimigos

HF Lyte, 1834

Contente

[Introdução 13](#)

[1 Seu próprio coração 17](#)

[2 Seu coração em ação 25](#)

<u>3 A Felicidade de Cristo</u>	<u>35</u>
<u>4 Capaz de simpatizar</u>	<u>43</u>
<u>5 Ele pode ser gentil</u>	<u>51</u>
<u>6 Eu nunca vou expulsar</u>	<u>59</u>
<u>7 O que nossos pecados evocam</u>	<u>67</u>
<u>8 Max</u>	<u>77</u>
<u>9 Um advogado</u>	<u>87</u>
<u>10 A Beleza do Coração de Cristo</u>	<u>95</u>
<u>11 A Vida Emocional de Cristo</u>	<u>103</u>
<u>12 Um terno amigo</u>	<u>113</u>
<u>13 Por que o Espírito?</u>	<u>121</u>
<u>14 Pai das Misericórdias</u>	<u>127</u>
<u>15 Sua obra "natural" e sua obra "estranha"</u>	<u>135</u>
<u>16 O Senhor, o Senhor</u>	<u>145</u>
<u>17 Seus caminhos não são os nossos</u>	<u>155</u>
<u>18 intestinos de desejo</u>	<u>163</u>
<u>19 Rico em misericórdia</u>	<u>171</u>
<u>20 Nossos corações de acordo com a lei, seu coração generoso</u>	<u>181</u>
<u>21 Então ele nos amou; Ele vai nos amar agora</u>	<u>189</u>
<u>22 até o fim</u>	<u>197</u>
<u>23 Enterrado em seu coração para sempre</u>	<u>205</u>
<u>Epílogo</u>	<u>215</u>
<u>Agradecimentos</u>	<u>217</u>
<u>Índice Geral</u>	<u>219</u>
<u>Índice das Escrituras</u>	<u>222</u>

Introdução

Este é um livro sobre o coração de Cristo. Quem é ele? Quem é ele realmente? O que é mais natural para ele? O que se acende dentro dele mais imediatamente quando ele se move em direção aos pecadores e aos que sofrem? O que flui mais livremente, mais instintivamente? Quem é ele?

Este livro foi escrito para os desanimados, os frustrados, os cansados, os desencantados, os cínicos, os vazios. Aqueles que trabalham com fumos. Aqueles cujas vidas cristãs sentem que estão constantemente descendo uma escada rolante descendente. Aqueles de nós que se pegam pensando: "Como eu pude estragar tanto ... de novo?" É por causa dessa suspeita crescente que a paciência de Deus conosco está se esgotando.

Para aqueles de nós que sabem que Deus nos ama, mas suspeitam que o desapontamos profundamente. Aqueles que falaram aos outros do amor de Cristo e se perguntam se, quanto a nós, ele guarda um leve ressentimento. Quem se pergunta se nós destruimos nossas vidas além do reparo? Que estão convencidos de que diminuimos permanentemente nossa utilidade para o Senhor. Aqueles que foram arrastados por nossos pés em uma dor enervante e se perguntam como podemos continuar a viver em uma escuridão tão opressora.

Aqueles que olham para nossas vidas e sabem interpretar os dados apenas concluem que Deus é fundamentalmente parcimonioso.

Em outras palavras, foi escrito para cristãos normais. Resumindo, é pelos pecadores e pelos que sofrem. Como Jesus se sente a respeito deles?

Isso já pode levantar algumas sobrancelhas. Estamos humanizando muito Jesus, falando sobre seus sentimentos dessa forma? De outro ângulo, como o coração de Cristo se relaciona com a doutrina da Trindade? Cristo se relaciona conosco de maneira diferente do que o Pai ou o Espírito se relacionam conosco? Ou já somos desproporcionais se perguntarmos o que é mais central para quem é Cristo? E como o seu coração se relaciona com a sua raiva?

Mais uma vez, como o coração de Cristo se encaixa com o que encontramos no Antigo Testamento e seu retrato de Deus?

Essas perguntas não são apenas legítimas, mas necessárias. Portanto, prosseguiremos com o cuidado teológico. Mas o caminho mais seguro para a fidelidade teológica é aderir ao texto bíblico. E vamos apenas perguntar o que a Bíblia diz sobre o coração de Cristo e considerar a glória de seu coração por nossas próprias vidas.

Mas não somos os primeiros nem os mais inteligentes a ler a Bíblia.

Ao longo da história da igreja, Deus levantou professores especialmente talentosos e perspicazes para guiar o resto de nós nas verdes pastagens e águas tranquilas de quem Deus é em Cristo. Um período particularmente concentrado na história em que Deus forneceu instrutores bíblicos penetrantes foi a Inglaterra do século 17 e a era dos puritanos. Este livro sobre o coração de Cristo não existiria se eu não tivesse conhecido os puritanos e especialmente Thomas Goodwin. É Goodwin mais do que qualquer pessoa que abriu meus olhos para quem Deus é em Cristo, mais natural e facilmente, para pecadores volúveis. Mas Goodwin e os outros discutidos neste livro, como Sibbes e Bunyan, são canais, não fontes. A Bíblia é a fonte.

Portanto, a estratégia deste livro será simplesmente pegar uma passagem da Bíblia ou um pequeno ensinamento dos puritanos ou outros e considerar o que é dito sobre o coração de Deus e de Cristo.

Consideraremos os profetas Isaías e Jeremias, os apóstolos João e Paulo, os puritanos Goodwin e Sibbes e Bunyan e Owen, e outros como Edwards e Spurgeon e War Field e nos abriremos para o que eles nos dizem sobre o coração de Deus e o coração de Deus, Cristo. A questão de controle é: quem é ele? Haverá uma progressão bastante natural ao longo do livro de capítulo a capítulo, embora não tanto como um argumento de construção lógica, mas sim olhando para o diamante único do coração de Cristo de muitos ângulos diferentes.

Uma coisa é perguntar o que Cristo fez. E existem muitos livros sólidos sobre isso. Considere a Cruz de Cristo de Stott; 1º Trespasado por nossas transgressões de Jeffery, Ovey e Sach; 2 ou O Cristo crucificado de Macleod; 3 ou artigo de referência de Packer de 1974; 4 ou uma dúzia de outros tratamentos históricos ou contemporâneos sólidos. Não estamos nos concentrando centralmente no que Cristo fez. Estamos considerando quem é. As duas questões estão interligadas e, de fato, interdependentes. Mas eles são diferentes. O evangelho não nos oferece apenas uma exoneração legal - uma verdade inviolável e preciosa! - mas também nos leva ao próprio coração de Cristo.

Talvez você saiba que Cristo morreu e ressuscitou em seu nome, enquanto você lavava todos os seus pecados; mas você conhece o seu coração mais profundo por você? Você está consciente não apenas da obra expiatória dele pelo seu pecado, mas também do desejo de seu coração em meio ao seu pecado?

Uma esposa pode dizer muito sobre seu marido: sua altura, sua cor de olhos, seus hábitos alimentares, sua educação, seu trabalho, sua habilidade em casa, seu melhor amigo, seus hobbies, seu perfil de personalidade Myers-Briggs, seus esportes favoritos. equipe. Mas o que ela pode dizer para comunicar seu olhar conhecedor do outro lado da mesa durante o jantar em seu restaurante?

favorito? Esse olhar que reflete anos de amizade aprofundada, milhares de conversas e discussões pelas quais chegaram com segurança, uma adaptação amadurecida ao longo do tempo na segurança do abraço, aconteça o que acontecer. Aquele olhar que fala em um momento de sua proteção amorosa com mais clareza do que mil palavras? Em suma, o que ela pode dizer para comunicar o coração de seu marido por ela a outra pessoa?

Uma coisa é descrever o que seu marido diz, faz e se parece. É outra coisa, algo mais profundo e mais real, que descreve o coração dele para você.

Assim foi com Cristo. Uma coisa é conhecer as doutrinas da encarnação e da expiação e uma centena de outras doutrinas vitais. É outra questão mais detalhada conhecer o coração dele por você.

Quem é ele?

1

O próprio coração dele

Eu sou manso e humilde de coração.

Mateus 11:29

Meu pai apontou algo para mim que Charles Spurgeon apontou para ele. Nos quatro relatos do evangelho dados a nós em Mateus, Marcos, Lucas e João (oitenta e nove capítulos do texto bíblico), há apenas um lugar onde Jesus fala conosco de seu próprio coração.

Aprendemos muito nos quatro Evangelhos sobre o ensino de Cristo. Lemos sobre seu nascimento, seu ministério e seus discípulos. Somos informados de suas viagens e hábitos de oração. Encontramos longos discursos e repetidas objeções de seus ouvintes, o que nos levou a mais ensinamentos. Aprendemos com a maneira como ele se entendia cumprir todo o Antigo Testamento.

E aprendemos nos quatro relatos de sua prisão injusta, morte vergonhosa e ressurreição surpreendente. Considere as milhares de páginas que os teólogos escreveram nos últimos dois mil anos sobre todas essas coisas.

Mas em um lugar, talvez as palavras mais maravilhosas já pronunciadas por lábios humanos, ouvimos o próprio Jesus abrir seu coração para nós:

Venham a mim, todos vocês que estão cansados e oprimidos, e eu os aliviarei. Peguem meu jugo e aprendam comigo, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para suas almas.

Para meu jugo é fácil e meu fardo é leve. (Mateus 11: 28-30) 1

No único lugar na Bíblia onde o Filho de Deus remove o véu e nos permite olhar para o centro de quem ele é, não nos é dito que ele é "austero e exigente de coração". Não nos é dito para sermos "exaltados e dignos de coração". Nem mesmo devemos ser "alegres e generosos de coração". Deixando Jesus estabelecer os termos, sua surpreendente afirmação é que ele é "manso e humilde de coração".

Uma coisa que devemos esclarecer desde o início é que quando a Bíblia fala do coração, seja no Antigo Testamento ou no Novo, ela não fala apenas de nossas vidas emocionais, mas do centro animador central de tudo o que fazemos. É o que nos tira da cama pela manhã e o que sonhamos acordado enquanto adormecemos. É a nossa sede de motivação. O coração, em termos bíblicos, não é parte de quem somos, mas o centro de quem somos. Nosso coração é o que nos define e nos dirige. É por isso que Salomão nos diz para "guardar [o] coração com toda vigilância, porque dele fluem as fontes da vida" (Provérbios 4:23). 2 em 1 tapete. 11:29 foi o versículo bíblico favorito do reformador alemão Philip Melancthon.

Herman Bavinck, "John Calvin: A Conference on His 400th Anniversary", trad.

John Bolt, *The Bavinck Review* 1 (2010): 62.

2 Outro puritano, John Flavel, dedicou um tratado inteiro a este versículo e estratégias para manter o coração: John Flavel, *Mantendo o Coração: Como Manter Seu Amor por Deus* (Fearn, Escócia: Christian Focus, 2012).

O coração é uma questão de vida. É o que nos torna o ser humano que cada um de nós é. O coração dirige tudo o que fazemos. É quem nós somos.

E quando Jesus nos conta o que o anima mais profundamente, o que é mais verdadeiro dele, quando expõe os recantos mais íntimos do seu ser, o que encontramos é: suave e humilde.

Quem poderia ter pensado em tal Salvador?

ou

“Eu sou gentil. . . ”

A palavra grega traduzida como "manso" aqui ocorre apenas três outras vezes no Novo Testamento: na primeira bem-aventurança, que "os mansos"

ele herdará a terra (Mt 5: 5); na profecia em Mateus 21: 5

(citando Zacarias 9: 9) que Jesus, o rei "vem a vós, humilde e montado em um jumento"; e no encorajamento de Pedro às esposas a nutrir mais do que qualquer outra coisa "a pessoa oculta do coração com a beleza imperecível de um espírito sereno e quieto" (1 Ped.

3: 4). Manso. Humilde. Amável. Jesus não é fácil de atirar. Não severo, reacionário, facilmente exasperado. Ele é a pessoa mais compreensiva do universo. A postura mais natural para ele não é um dedo apontado, mas os braços abertos.

" . . e humilde. . . "

O significado da palavra "humilde" se sobrepõe ao de "gentil",

juntos comunicando uma única realidade sobre o coração de Jesus. Esta palavra específica humilde é geralmente traduzida como "humilde" no Novo Testamento. Um excelente tratamento do ensino da Bíblia sobre o coração neste sentido é Craig Troxel, *Com todo o seu coração: Voltando sua mente, desejos e vontade para Cristo* (Wheaton, IL: Crossway, 2020).

No Novo Testamento, como em Tiago 4: 6: “Deus se opõe aos soberbos, mas dá graça aos humildes”. Mas, tipicamente, em todo o Novo Testamento, esta palavra grega se refere não à humildade como uma virtude, mas à humilhação no sentido de miséria ou sendo empurrada para baixo pelas circunstâncias da vida (que também é o modo como esta palavra grega é geralmente usada em as versões gregas do Antigo Testamento). , especialmente nos salmos). No canto de Maria enquanto ela estava grávida de Jesus, por exemplo, esta palavra é usada para falar de como Deus exalta aqueles que são "humildes" (Lucas 1:52). Paulo usa a palavra quando nos diz para "não ser arrogantes, mas associar-se com os humildes" (Rom. 12:16), referindo-se aos socialmente inexpressivos, aquelas que não são a vida da festa, mas envergonham o anfitrião. quando eles aparecem.

O objetivo de dizer que Jesus é humilde é que ele é acessível.

Apesar de toda a sua glória resplandecente e santidade deslumbrante, sua singularidade e alteridade supremas, ninguém na história humana foi mais acessível do que Jesus Cristo. Sem pré-requisitos. Sem obstáculos para pular. War Field, comentando sobre Mateus 11:29, escreveu:

«A sua manifestação de vida não impressionou mais profundamente na consciência dos seus seguidores do que a da nobre humildade do seu porte». 4. A barreira mínima para se envolver no abraço de Jesus é simplesmente: abrir-se a ele. É tudo que você precisa. Na verdade, é a única coisa com que ele trabalha. O versículo 28 da nossa passagem em Mateus 11 nos diz explicitamente quem se qualifica para ter comunhão com Jesus: "todos os que são

trabalhou e sobrecarregado. "Você não precisa desabafar ou se recompor e então vir a Jesus. Seu próprio fardo é o que o qualifica para vir. Nenhum pagamento exigido;

4 BB War field, *The Person and Work of Christ* (Oxford, Reino Unido: Benediction Classics, 2015), 140 diz: "Eu vou descansar." Sua pausa é um presente, não uma transação. Esteja você trabalhando ativamente duro para enganchar sua vida em direção à suavidade ("trabalho") ou passivamente se encontrando oprimido por algo além de seu controle ("carga pesada"), o desejo de Jesus Cristo de que você encontre descanso, entre na tempestade, supera até mesmo o seu .

"Gentil e humilde." Este, de acordo com seu próprio testemunho, é o próprio coração de Cristo. Este é quem ele é. Oferta. Aberto. Receber.

Serviçal. Entendimento. Amigável. Se nos for pedido que digamos apenas uma coisa sobre quem Jesus é, estaremos honrando o próprio ensino de Jesus se nossa resposta for gentil e humilde.

Se Jesus fosse hospedar seu próprio site pessoal, a linha mais proeminente no menu suspenso "Sobre mim" seria: Gentil e humilde de coração.

Ele não é assim para todos, indiscriminadamente. Este é ele para aqueles que vêm a ele, pegam seu jugo e clamam por sua ajuda. O parágrafo que precede essas palavras de Jesus nos dá uma imagem de como Jesus trata os impenitentes: "Ai de você, Corazim! Ai de você, Betsaida! . . . Digo-te que no dia do juízo será mais tolerável para a terra de Sodoma do que para ti "(Mt 11.21,24). "Gentil e humilde" não significa

"Macio e espumoso".

Mas para o penitente, seu coração terno nunca é superado por nossos pecados, fraquezas, inseguranças, dúvidas, ansiedades e fracassos. Porque a humildade não é uma das maneiras que Jesus ocasionalmente age com os outros. Doçura é quem ela é. É o seu coração. Ele não pode ficar desanimado com o seu mais do que você ou eu podemos mudar a cor dos olhos. É o que somos.

A vida cristã é inescapavelmente de labuta e trabalho (1Co

15:10; Phil. 2: 12-13; Colossenses 1:29). O próprio Jesus deixou isso claro neste mesmo Evangelho (Mt 5: 19-20; 18: 8-9). Sua promessa aqui em Mateus 11 é "descanso para suas almas", não "descanso para seus corpos". Mas todo trabalho cristão flui da comunhão com um Cristo vivo, cuja realidade transcendente e definidora é: manso e humilde. Ele nos surpreende e nos sustenta com sua infinita bondade. Somente à medida que caminhamos cada vez mais profundamente nesta terna bondade seremos capazes de viver a vida cristã como o Novo Testamento nos chama. Somente ao bebermos a bondade do coração de Cristo, iremos

Ao passarmos, aonde quer que formos, sentiremos o cheiro do céu, e um dia morreremos tendo assustado o mundo com lampejos de bondade divina grandes demais para sermos encaixotados pelo que merecemos.

Essa noção de bondade está aqui em nossa passagem. A palavra traduzida como "fácil" em sua declaração, "Meu jugo é fácil", deve ser cuidadosamente entendida. Jesus não está dizendo que a vida é livre de dores ou dificuldades. Esta é a mesma palavra traduzida em outro lugar como "bondoso", como em, por exemplo, Efésios 4:32: "Sejam bondosos uns para com os outros, misericordiosos".

(também Romanos 2: 4). Considere o que Jesus está dizendo. Um jugo é a barra transversal pesada colocada sobre os bois para forçá-los a arrastar o equipamento agrícola pelo campo. Jesus está usando uma espécie de ironia, dizendo que o jugo imposto aos seus discípulos é um não jugo. Porque é um jugo de bondade.

Quem poderia resistir a isso? É como dizer a um homem que está se afogando para colocar a carga de um colete salva-vidas e ouvi-lo gritar de volta, balbuciando: "De jeito nenhum! Eu não! Já é difícil se afogar aqui nessas águas tempestuosas. A última coisa de que preciso é a carga extra de um colete salva-vidas ao redor do meu corpo! "Todos nós somos assim, confessando Cristo com os lábios, mas geralmente evitando uma comunhão profunda com ele, devido a uma compreensão muda do seu coração.

Seu jugo é suave e seu fardo é leve. Isto é, seu jugo não é um jugo e seu fardo não é um fardo. O que o hélio faz com um balão, o jugo de Jesus faz com seus seguidores. Somos movidos em vida por sua infinita doçura e sua humildade extremamente acessível. Ele não nos encontra simplesmente em nosso lugar de necessidade; viver em nosso lugar de necessidade. Ele não se cansa de nos envolver em seu terno abraço. É o seu próprio coração. É o que te tira da cama pela manhã.

Não é assim que pensamos intuitivamente em Jesus Cristo. Refletindo sobre essa passagem em Mateus 11, o antigo pastor inglês Thomas Goodwin nos ajuda a aprofundar o que Jesus está realmente dizendo.

Os homens tendem a ter suposições contrárias sobre Cristo, mas ele lhes fala sobre seu caráter ali, evitando tais pensamentos severos sobre ele, a fim de atraí-los para mais perto dele. Tendemos a pensar que ele, sendo tão santo, é, portanto, de uma disposição severa e amarga contra os pecadores, e não pode suportá-los. "Não", diz ele; "Eu sou manso; mansidão é minha natureza e meu temperamento."⁵

Projetamos nossos instintos distorcidos sobre como o mundo funciona em Jesus. A natureza humana determina que quanto mais rica uma pessoa é, mais ela tende

a desprezar os pobres. Quanto mais bonita uma pessoa, mais desanimada com o que é feio. E sem perceber o que estamos fazendo, assumimos

quietamente que alguém tão elevado e exaltado tem a correspondente dificuldade em se aproximar do desprezível e impuro.

Claro, Jesus se aproxima de nós, concordamos, mas ele segura o nariz. Afinal, este Cristo ressuscitado é aquele a quem "Deus exaltou às alturas", diante de cujo nome todo joelho um dia se dobrará em submissão (Fp 2: 9-11). Este é aquele cujos olhos são "como uma chama de fogo" e cuja voz é "como o rugido de muitas águas" e que tem "uma espada afiada de dois gumes" saindo de sua boca e cujo rosto é "como o sol brilhando com toda a sua força" (Apocalipse 1: 14-16) - em outras palavras, este é um tão indescritivelmente brilhante que seu esplendor não pode ser adequadamente capturado em palavras, tão inefavelmente magnífico que toda a linguagem se desvanece diante de seu esplendor.

leste Ele é aquele cujo coração mais profundo é, mais do que qualquer outra coisa, gentil e humilde.

Goodwin está dizendo que este alto e santo Cristo não tem vergonha de estender a mão e tocar os pecadores sujos e aqueles que sofrem.

Esse abraço é exatamente o que ele adora fazer. Não agüento mais segurar. Naturalmente, pensamos em Jesus nos tocando da mesma forma que uma criança pequena se aproxima para tocar uma lesma pela primeira vez: com o rosto enrugado, estendendo cautelosamente um braço, soltando um grito de desgosto com o contato e se retirando instantaneamente. Imaginamos o Cristo ressuscitado se aproximando de nós com "uma disposição severa e amarga", como Goodwin coloca.

É por isso que precisamos de uma Bíblia. Nossa intuição natural só pode nos dar um Deus como nós. O Deus revelado nas Escrituras desconstrói nossas predileções intuitivas e nos surpreende com alguém cuja infinidade de perfeições corresponde à sua infinidade de doçura. Na verdade, suas perfeições incluem sua delicadeza perfeita.

É quem é. É o seu próprio coração. O próprio Jesus disse isso.

Venham a mim, todos vocês que estão cansados e oprimidos, e eu os aliviarei. Peguem meu jugo e aprendam comigo, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para suas almas.

Para meu jugo é fácil e meu fardo é leve.

Seu coração em ação

E ele teve compaixão deles.

Mateus 14:14

O que vemos Jesus afirmar com suas palavras em Mateus 11:29, o vemos demonstrar com suas ações repetidas vezes em todos os quatro Evangelhos.

O que é, ele faz. Ele não pode agir de outra forma. Sua vida testa seu coração.

- Quando o leproso diz: "Senhor, se quiseres, podes limpar-me",

Jesus imediatamente estende sua mão e o toca, com as palavras: "Eu quero; ele limpo "(Mat. 8: 2-3). A palavra "vontade" tanto no pedido do leproso quanto na resposta de Jesus é a palavra grega para desejo ou desejo. O leproso perguntou sobre o desejo mais profundo de Jesus.

E Jesus revelou seu desejo mais profundo ao curá-lo.

- Quando um grupo de homens traz seu amigo paralisado até Jesus, Jesus não consegue nem esperar que eles peçam o que desejam.

"Quando Jesus viu a fé deles, disse ao paralisado: 'Coragem, meu filho; seus pecados estão perdoados "(Mateus 9: 2). Antes que eles pudessem abrir a boca para pedir ajuda, Jesus não pôde evitar - palavras de conforto e calma fluíram para fora.

- Viajando de cidade em cidade, "ele viu as multidões, [e] teve compaixão delas, porque eram caçadas e indefesas".

(Mateus 9: 36). Então, ensine-os e cure suas doenças (Mt

9:35). Apenas vendo o desamparo da multidão, a piedade aumenta.

- Esta compaixão vem em ondas repetidas vezes no ministério de Cristo, levando-o a curar os enfermos ("e teve compaixão deles e curou os seus enfermos", Mateus 14:14), alimentando os famintos ("Tenho compaixão dos multidões, porque eles já estão comigo há três dias e não têm nada para comer ", Mateus 15:32), ensine a multidão ("e teve compaixão deles ... e começou a ensinar-lhes muitas coisas", Marcos 6:34), e enxugou as lágrimas dos aflitos ("e teve compaixão dela e disse a ele:

'Não chore' ", Lucas 7:13). A palavra grega para "compaixão"

é o mesmo em todos esses textos e se refere mais literalmente às entranhas ou às entranhas de uma pessoa; é uma velha maneira de se referir ao que surge de

o mais íntimo de todos. Essa compaixão reflete o coração mais profundo de Cristo.

- Duas vezes nos evangelhos, somos informados de que Jesus desabou e chorou. E em nenhum caso é dor para si mesmo ou para sua própria dor. Em ambos os casos, é dor para outro, em um caso, Jerusalém (Lucas 19:41), e no outro, seu amigo falecido, Lázaro (João 11:35). Qual foi a sua angústia mais profunda? A angústia dos outros. O que levou seu coração a ponto de chorar?

As lágrimas dos outros.

- Vez após vez, são os moralmente repulsivos, os socialmente vilipendiados, os imperdoáveis e os indignos que não apenas recebem a misericórdia de Cristo, mas para quem Cristo gravita mais naturalmente. Ele é, de acordo com o testemunho de seus inimigos, o "amigo dos pecadores" (Lucas 7:34).

Quando tomamos os Evangelhos como um todo e consideramos o quadro composto que nos é dado de quem é Jesus, o que se destaca com mais força?

Sim, ele é o cumprimento das esperanças e anseios do Antigo Testamento (Mt 5:17). Sim, ele é alguém cuja santidade faz com que até mesmo seus amigos fiquem com medo, cientes de sua pecaminosidade (Lucas 5: 8). Sim, ele é um professor poderoso, cuja autoridade ultrapassava até mesmo a dos médicos religiosos da época (Marcos 1:22). Diminuir qualquer um desses é sair da ortodoxia histórica vital. Mas a nota dominante que ressoa em nossos ouvidos após a leitura dos Evangelhos, o elemento mais vívido e cativante do retrato, é a maneira como o Santo Filho de Deus estende a mão, toca, cura, abraça e perdoa aqueles que menos merecem. ainda. gostaria que.

O puritano Richard Sibbes expressou desta forma: “Quando [Cristo] viu pessoas na miséria, suas entranhas doeram; as obras da graça e misericórdia em Cristo, vêm primeiro de suas entranhas. "Isto é," tudo o que Cristo fez ... ele o fez por amor, graça e misericórdia "- mas então Sibbes vai um passo mais fundo - de dentro para fora por dentro. ”¹ O Jesus que nos é dado nos Evangelhos não é simplesmente aquele que ama, mas aquele que é amor, afeições misericordiosas que brotam do íntimo do seu coração como os raios do sol.

Mas e quanto ao lado mais difícil de Jesus?

Jl Packer uma vez escreveu que “uma meia verdade disfarçada de toda a verdade se transforma em uma falsidade total”. 2. Este é um ponto especialmente sensível quando falamos da revelação bíblica de Cristo. As heresias da história da igreja não são representações universalmente invertidas de Jesus, mas simplesmente distorcidas. As controvérsias cristológicas do

Os primeiros séculos afirmaram toda a doutrina cristã básica, exceto por um elemento vital: às vezes a verdadeira humanidade de Cristo, às vezes Sua verdadeira divindade. Estamos em perigo, falando do coração de Cristo, de negligenciar sua ira? Extrair um lado de Cristo negligenciando o outro?

Talvez para muitos de nós o perigo seja mais sutil do que a heresia total.

Podemos ser totalmente ortodoxos em nossa teologia, mas atraídos, por várias razões, mais para um lado de Jesus do que para o outro. É possível que alguns de nós tenham crescido em um ambiente com muitas regras que nos sufocaram com uma sensação interminável de não acompanhar. Somos especialmente atraídos pela graça e misericórdia de Cristo. Outros de nós podem ter crescido em um vale tudo caótico, e a estrutura e a ordem de uma vida moralmente circunscrita que flui dos mandamentos de Cristo podem ser especialmente atraentes. Outros de nós foram profundamente maltratados por aqueles que deveriam ter sido nossos protetores em vida, e ansiamos pela justiça e retribuição do céu e do inferno para corrigir todos os erros.

Ao nos concentrarmos no coração zeloso de Cristo, como podemos garantir que estamos crescendo em uma compreensão saudável de todo o conselho de Deus e em uma visão completa e, portanto, proporcional de quem é Cristo?

Três comentários são necessários aqui. Primeiro, a ira de Cristo e a misericórdia de Cristo não estão em conflito uma com a outra, como uma gangorra, uma diminuindo conforme a outra é sustentada.

Em vez disso, os dois sobem e descem juntos. Quanto mais forte a compreensão da justa ira de Cristo contra tudo o que é mau tanto ao nosso redor quanto dentro de nós, mais sólida é a nossa compreensão de sua misericórdia.

Em segundo lugar, quando falamos especificamente do coração de Cristo (e do coração de Deus no Antigo Testamento), não estamos realmente no espectro da raiva e misericórdia de qualquer maneira. Seu coração é seu coração. Quando falamos sobre o coração de Cristo, não estamos falando muito sobre um atributo junto com outros. Estamos perguntando quem é mais profundo. O que sai disso de forma mais natural?

Terceiro, simplesmente procuramos seguir o testemunho bíblico ao falar do coração afetuoso de Cristo para com os pecadores e aqueles que sofrem.

Em outras palavras, se parece haver algum senso de desproporção no retrato bíblico de Cristo, então sejamos desproporcionais. É melhor ser bíblico do que artificialmente "equilibrado".

Ao longo do restante de nosso estudo, retornaremos à questão de como ajustar o próprio coração de Cristo com suas ações ou declarações bíblicas que podem parecer desconfortáveis para ele. Mas os três pontos acima devem ser mantidos em mente o tempo todo. Resumindo: é impossível que o coração amoroso de Cristo seja exagerado, exagerado, exagerado. Não pode ser sondado. Mas é negligenciado, é facilmente esquecido. Obtemos muito pouca força com isso. Não estamos deixando o lado mais difícil de Jesus para trás quando falamos de seu coração. Nosso único objetivo é seguir o próprio testemunho da Bíblia à medida que investigamos quem é Jesus de maneira surpreendente.

E se as ações de Jesus refletem mais profundamente quem ele é, não podemos evitar a conclusão de que é a própria queda que veio para desfazer que o atrai de forma mais irresistível.

Isso é mais profundo do que dizer que Jesus é amoroso, misericordioso ou misericordioso.

O testemunho cumulativo dos quatro evangelhos é que, quando Jesus Cristo vê a queda do mundo ao seu redor, seu desejo mais profundo, seu instinto mais natural, é mover-se em direção ao pecado e ao sofrimento, não para longe deles.

Uma maneira de ver isso é no contexto da categoria do Velho Testamento de limpo e impuro. Em termos bíblicos, essas categorias geralmente não se referem à higiene física, mas à pureza moral. Os dois não podem ser completamente desemaranhados, mas a limpeza moral ou ética é o significado principal. Isso é evidente porque a solução para a impureza não era tomar banho, mas oferecer um sacrifício (Lv 5: 6).

O problema não era sujeira, mas culpa (Lv 5: 3). Os judeus do Antigo Testamento, portanto, operavam sob um sofisticado sistema de graus de impureza e várias ofertas e rituais para se tornarem moralmente limpos mais uma vez. Uma parte particularmente surpreendente desse sistema é que, quando uma pessoa impura entra em contato com uma pessoa limpa, essa pessoa limpa se torna impura. A sujeira moral é contagiosa.

Considere Jesus. Nas categorias levíticas, ele é a pessoa mais limpa que já andou na face da terra. Ele era o Limpo. Quaisquer que sejam os horrores que nos envergonham, nós, que somos naturalmente impuros e decaídos, faríamos Jesus se encolher ainda mais. Não podemos compreender a pureza absoluta, santidade, limpeza de sua mente e coração. A simplicidade, a inocência, a beleza.

E o que ele fez quando viu o homem impuro? Qual foi o seu primeiro impulso ao se deparar com prostitutas e leprosos? Ele se moveu em direção a eles. A compaixão inundou seu coração, o anseio pela verdadeira compaixão. Ele

passou um tempo com eles. Ele os tocou. Todos nós podemos testemunhar a humanidade do toque. UMA

Um abraço caloroso faz algo que apenas palavras calorosas de saudação não conseguem. Mas há algo mais profundo no toque compassivo de Cristo. Ele estava revertendo o sistema judaico. Quando Jesus, o Limpo, tocou um pecador impuro, Cristo não se tornou impuro. O pecador foi purificado.

O ministério terreno de Jesus Cristo consistia em restaurar pecadores indignos à sua humanidade. Temos a tendência de pensar nos milagres nos evangelhos como rupturas na ordem natural. No entanto, o teólogo alemão Jürgen Moltmann aponta que os milagres não são uma interrupção da ordem natural, mas a restauração da ordem natural. Estamos tão acostumados com um mundo decaído que doença, dor e morte parecem naturais. Na verdade, eles são a interrupção.

Quando Jesus expulsa demônios e cura os enfermos, Ele está expulsando os poderes de destruição da criação, e Ele está curando e restaurando seres criados que estão feridos e enfermos. O senhorio de Deus testemunhado por curas restaura a saúde da criação. Jesus'

Curas não são milagres sobrenaturais em um mundo natural. Eles são a única coisa verdadeiramente "natural" em um mundo que é antinatural, demonizado e ferido.

Jesus caminhou pela terra reumanizando os desumanizados e purificando os impuros. Porque? Porque seu coração se recusou a deixá-lo dormir. A tristeza o enfrentou em todas as cidades. Portanto, aonde quer que fosse, sempre que enfrentasse a dor e a saudade, ele espalhava o bom contágio de sua misericórdia purificadora. Thomas Goodwin disse:

“Cristo é amor coberto de carne” 4. Imagine isso. Remova a carne do Stepford Wives ou do Terminator e você encontrará a máquina; retire a carne de Cristo e você encontrará o amor.

Se a compaixão se revestisse de um corpo humano e andasse por esta terra, como seria? Não precisamos nos perguntar.

Mas isso foi quando ele viveu na terra. Que tal hoje?

Aqui, lembramos que o testemunho do Novo Testamento é que "Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre".

(Hebreus 13: 8). O mesmo Cristo que chorou no túmulo de Lázaro chora conosco em nosso desespero solitário. O mesmo que estendeu a mão e tocou os leprosos hoje nos rodeia com o braço quando nos sentimos incompreendidos e marginalizados. O Jesus que estendeu a mão e limpou os pecadores sujos alcança nossas almas e responde ao nosso apelo tímido por misericórdia com a poderosa e invencível purificação de alguém que não suporta fazer mais nada.

Em outras palavras, o coração de Cristo não está longe, apesar de sua presença agora no céu, porque ele faz tudo isso por seu próprio Espírito. Vamos prestar atenção à relação entre o coração de Cristo e o Espírito Santo no capítulo

13. Por enquanto, simplesmente notamos que, por meio do Espírito, o próprio Cristo não apenas nos toca, mas vive em nós.

O Novo Testamento ensina que estamos unidos a Cristo, uma união tão íntima que tudo o que nossas partes do corpo fazem, pode-se dizer que o corpo de Cristo faz (1 Coríntios 6: 15-16). Jesus Cristo está mais perto de você hoje do que dos pecadores e sofredores com quem você falou e tocou em seu ministério terreno. Por meio de seu Espírito, o coração de Cristo envolve seu povo em um abraço mais próximo e mais forte do que qualquer abraço físico poderia alcançar. Suas ações na terra em um corpo refletiam seu coração; o mesmo coração agora age da mesma maneira conosco, de modo que agora somos seu corpo.

3

[A felicidade de cristo](#)

Pela alegria que foi oferecida. . .

Hebreus 12: 2

Thomas Goodwin escreveu que “a própria alegria, conforto, felicidade e glória de Cristo aumentam e se ampliam. . .”

Agora, como você terminaria essa frase?

Existem várias maneiras bíblicas de responder, e devemos ser cautelosos com um retrato unidimensional de Cristo que eleva alguém à negligência de outros. Seria verdade dizer que Jesus se alegra quando seus discípulos abandonam tudo para segui-lo (Marcos 10: 21-23). Seria válido ver Cristo se alegrar quando a fidelidade dos crentes em um pouco os prepara para serem fiéis em muito (Mateus 25:21, 23). Podemos afirmar que ele se alegra na maneira como seu Pai revela as verdades divinas aos filhos, em vez de aos impressionantes intelectualmente (Lucas 10:21).

Mas existe uma verdade bíblica que é mais facilmente esquecida em nossos pensamentos sobre Cristo. Os cristãos sabem intuitivamente que Cristo se agrada quando o ouvimos e obedecemos. Mas e se o seu coração e a sua alegria estiverem engajados de uma nova maneira em nossas fraquezas e falhas?

Goodwin completa sua frase da seguinte maneira: "A alegria, o conforto, a felicidade e a glória de Cristo aumentam e se ampliam à medida que ele mostra graça e misericórdia ao perdoar, acalmar e confortar seus membros aqui na terra."

Um médico compassivo aventurou-se na selva para fornecer cuidados médicos a uma tribo primitiva que sofria de uma doença contagiosa. Eles transferiram seu equipamento médico. Você diagnosticou corretamente o problema e os antibióticos estão prontos e disponíveis. Ele é rico de forma independente e não precisa de qualquer tipo de compensação financeira. Mas enquanto procura cuidar, os aflitos recusam. Eles querem cuidar de si mesmos. Eles querem se curar em seus próprios termos. Por fim, alguns jovens corajosos se apresentam para receber os cuidados que lhes é prestado gratuitamente.

O que o médico sente?

Alegria.

Sua alegria aumenta à medida que os enfermos se voltam para ele em busca de ajuda e cura. É a única razão pela qual ele veio.

Quanto mais se os doentes não forem estranhos, mas sua própria família?

O mesmo acontece conosco e com Cristo. Ele não fica nervoso ou frustrado quando vamos a ele para um novo perdão, para um perdão renovado, com angústia e necessidade e vazio. Esse é ponto principal. É o que veio para curar. Ele mergulhou no horror da morte e se lançou para o outro lado para fornecer um suprimento ilimitado de misericórdia e graça para seu povo.

Mas há um ponto mais profundo que Goodwin está fazendo aqui. Jesus não quer que nos voltemos para sua graça e misericórdia apenas porque ele vindica sua obra expiatória. Ele quer que nos voltemos para sua graça e misericórdia porque ele é quem ele é. Ele veio a nós em encarnação para que a sua alegria e a nossa pudessem subir e descer juntas: a dele ao dar misericórdia, a nossa ao recebê-la. Goodwin ainda argumenta que Cristo obtém mais alegria e conforto do que nós quando nos voltamos para ele em busca de ajuda e misericórdia. Da mesma forma que um marido amoroso obtém mais alívio e conforto da cura de sua esposa do que da sua própria, Cristo “traz mais conforto para si mesmo. . . do que ele os obtém” quando ele vê que nossos pecados estão sob seu próprio sangue.

Refletindo sobre Cristo como nosso mediador celestial, ou seja, aquele que esclarece qualquer motivo pelo qual não podemos ter amizade com Deus, ele escreve:

[A] glória e felicidade de Cristo [são] ampliadas e aumentadas ainda, à medida que seus membros passam a ter a compra de sua morte cada vez mais imposta a eles; assim como quando seus pecados são perdoados, seus corações mais santificados e seus espíritos consolados, então ele passa a ver o fruto de seu trabalho, e se consola com isso, porque é mais glorificado por isso, sim, ele fica muito mais satisfeito . e eles se alegraram por que eles

eles próprios podem ser. E isso mantém em seu coração seu cuidado e amor por seus filhos aqui embaixo, para regá-los e renová-los o tempo todo.

Tradução: Quando você vem a Cristo em busca de misericórdia, amor e ajuda em sua angústia, perplexidade e pecaminosidade, você se deixa levar pelos desejos mais profundos dele, não contra eles.

Temos a tendência de pensar que, quando nos aproximamos de Jesus em busca de ajuda em nossa necessidade e misericórdia em meio aos nossos pecados, de alguma forma o desvalorizamos, o atenuamos, o empobrecemos. Goodwin mantém o oposto. Jesus nos surpreende “exercitando atos de graça e fazendo continuamente o bem para os seus membros e para eles. . . para enchê-los de toda misericórdia, graça, conforto e felicidade, enchendo-se ainda mais, enchendo-os”⁴. Como verdadeiramente Deus, Cristo não pode se tornar mais completo; ele compartilha a plenitude imortal, eterna e imutável de seu pai. No entanto, como verdadeiramente homem, o coração de Cristo não se esgota quando vamos a ele; seu coração se enche ainda mais com a nossa vinda para ele.

Colocando de outra forma: quando nos retemos, espreitando nas sombras, com medo e falhando, perdemos não apenas nosso maior conforto, mas também o maior conforto de Cristo. Viva para isso.

É isso que você adora fazer. Sua alegria e a nossa sobem e descem juntas é um termo antigo para felicidade. Como disse outro pastor sênior de maneira pungente: “Se você encontrar aquele pobre desgraçado que me esfaqueou no lado, diga-lhe que há outra maneira, uma maneira melhor de alcançar meu coração, se ele se arrepender, e veja quem ele tem. vai chorar. Vou acariciá-lo nesse mesmo seio que doeu; Você descobrirá no sangue que derramou uma grande expiação pelo pecado de derrama-lo.

E diga a ele por mim que ele vai me causar mais dor e nojo, rejeitando esta oferta do meu sangue do que quando ele a tirou. ”

Mas isso é bíblico?

Considere Hebreus 12. Lá Jesus é chamado de “o fundador e consumidor da nossa fé, o qual, pela alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, desprezando-o, e está sentado à direita do trono de Deus” (Hb 12: 2)

“Pela alegria”. Que alegria? O que esperava Jesus do outro lado da cruz? A alegria de ver seu povo perdoado.

Lembre-se de todo o ponto de Hebreus: Jesus é o sumo sacerdote para acabar com todos os sumos sacerdotes, que fez o sacrifício expiatório final para cobrir completamente os pecados de seu povo a serem providos

“Até o último” (7:25). E lembre-se do que o escritor quer dizer quando fala sobre Jesus sentado à destra de Deus, no final de Hebreus 12: 2. Em outro lugar, o autor de Hebreus é explícito sobre o que isso significa:

Após a purificação dos pecados, ele se sentou à direita da Majestade nas alturas. (1: 3)

Agora, o ponto é o que estamos dizendo é o seguinte: temos um tal sumo sacerdote, aquele que se senta à direita do trono da Majestade no céu. (8: 1)

Mas quando Cristo ofereceu um sacrifício pelos pecados para sempre, ele se sentou à destra de Deus. (10:12) Em todos esses textos, o assento de Jesus à direita de Deus está associado à sua obra expiatória sacerdotal. O padre era a ponte entre Deus e a humanidade. Ele reconectou o céu e a terra. Jesus fez isso supremamente por meio de seu sacrifício culminante e final de si mesmo, purificando seu povo de uma vez por todas, limpando-os de seus pecados.

Foi a alegre expectativa de ver seu povo invencível limpo que o fez passar por sua prisão, morte, sepultamento e ressurreição. Quando participamos dessa obra expiatória hoje, achegando-nos a Cristo para obter perdão, comunicando-nos com ele apesar de nossa pecaminosidade, nos apegamos ao mais profundo anseio e alegria por Cristo.

Isso se conecta com outros textos do Novo Testamento, como a alegria no céu pelo arrependimento de um pecador (Lucas 15: 7) ou o desejo de Cristo de que sua própria alegria se sobreponha à alegria de seus discípulos enquanto eles permanecem em seu amor (João 15 : 11; 17:13). Ele quer que retiremos força de seu amor, mas os únicos qualificados para isso são pecadores que precisam de amor imerecido. E ele não quer apenas que sejamos perdoados. Ele nos ama. Como Jesus fala de seus desejos mais profundos? Assim: "Pai, também quero que os que me deste, estejam comigo" (João 17:24).

Nossos corações incrédulos estão desconfiados aqui. Não é uma audácia presunçosa apelar para a misericórdia não filtrada de Cristo?

Não deveríamos ser medidos e razoáveis, cuidadosos para não extrair muito disso?

Será que um pai com um filho sufocante gostaria que seu filho utilizasse o tanque de oxigênio de maneira moderada e razoável?

Nosso problema é que não levamos as Escrituras a sério quando falam de nós como o corpo de Cristo. Cristo é a cabeça; nós somos as partes de seu próprio corpo. O que uma cabeça sente por sua própria carne? O apóstolo Paulo nos diz: “Ele a nutre e cuida dela” (Efésios 5:29). E então Pablo faz a conexão

explícito com Cristo: “assim como Cristo faz a igreja, porque somos membros de seu corpo ”(5: 29-30). Como cuidamos de uma parte do corpo ferida? Amamentamos ele, colocamos bandagem, protegemos, damos tempo para ele sarar. Porque essa parte do corpo não é apenas uma amiga íntima; é parte de nós. Assim é com Cristo e os crentes. Nós fazemos parte disso.

É por isso que o Cristo ressuscitado pergunta a um perseguidor de seu povo: "Por que você me persegue?" (Atos 9: 4).

Jesus Cristo é consolado quando você tira as riquezas de sua obra expiatória, porque seu próprio corpo está sendo curado.

4

Capaz de simpatizar

Não temos um sumo sacerdote que não consiga simpatizar com nossas fraquezas.

Hebreus 4:15

A maneira como os puritanos escreveriam livros é pegando um único versículo da Bíblia, espremendo-o para toda a teologia pungente que pudessem encontrar e, duzentas ou trezentas páginas depois, submetendo suas descobertas a um editor. O coração de Cristo de Thomas Goodwin não é diferente. E o versículo que vazou é Hebreus 4:15: Porque não temos um sumo sacerdote que não se compadeça das nossas fraquezas, mas um que foi tentado em tudo como nós, mas sem pecado.

O encargo de Goodwin é convencer os crentes desanimados de que, embora Cristo esteja agora no céu, ele é tão aberto e terno em seu abraço aos pecadores e sofredores como sempre foi na terra. A página de título original do livro de sua publicação de 1651 reflete isso; observe especialmente a justaposição proeminente entre "Cristo no céu" e "pecadores na terra":

a

CORAÇÃO

a partir de

CRISTO no céu

Em direção a

Pecadores na Terra.

ATREADIST

demonstrando

A disposição gentil e terna

A afeição de Cristo em sua natureza humana agora em glória, para seus membros sob todos os tipos de fraquezas, seja por pecado ou miséria. As linhas finais deixam claro que pelo coração de Cristo, ele se refere a

"Boa disposição e terna afeição." Goodwin quer surpreender os leitores com a evidência bíblica de que o Senhor ressuscitado, vivo e bem no céu hoje, de alguma forma, não é menos acessível e menos compassivo do que era quando andou sobre a terra.

Depois de uma seção introdutória, Goodwin explica por que escolheu Hebreus 4:15 para explorar este ponto:

Escolhi este texto como aquele que, acima de qualquer outro, fala mais sobre seu coração e estabelece a estrutura e a operação dele para com os pecadores; e que tão sensatamente que, por assim dizer, pegue nossas mãos e as coloque sobre o peito de Cristo, e sinta como seu coração bate e suas afeições anseiam por nós, mesmo agora ele está na glória, sendo o próprio escopo dessas palavras para encorajar os crentes contra qualquer coisa que possa desencorajá-los de considerar o coração de Cristo para com eles agora no céu.

Qual seria a sensação de um amigo pegar nossas duas mãos e colocá-las sobre o peito do Senhor Jesus Cristo ressuscitado para que, como um estetoscópio que nos permite ouvir fisicamente a força vigorosa de um coração batendo, nossas mãos nos deixem sentir o força vigorosa? força das mais profundas afeições e anseios de Cristo? Goodwin está dizendo: Não precisamos nos perguntar. Hebreus 4:15 é esse amigo.

Vale a pena manter o contexto mais amplo de Hebreus 4:15 diante de nós.

Retrocedendo um pouco, a passagem mais completa é assim: Desde então, temos um grande sumo sacerdote que já passou pelos céus, Jesus, o Filho de Deus, retenhamos nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não se compadeça de nossas fraquezas, mas alguém que foi tentado em tudo como nós, mas sem pecado. Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com confiança, para que possamos receber misericórdia e encontrar graça para nos ajudar em tempos de necessidade. (4:14 - 16)

Cada versículo 14 e 16 contém uma exortação: fidelidade na doutrina sobre Deus ("Retenhamo-nos da nossa confissão", v. 14) e confiança na comunhão com Deus ("Cheguemo-nos, pois, com confiança").

1 Thomas Goodwin, *The Heart of Christ* (Edimburgo: Banner of Truth, 2011), 48.v. 16). O "porque" começando no versículo 15 (o versículo em itálico acima) significa que o versículo 15 apóia o versículo 14. E o "então" próximo ao início do versículo 16 significa que o versículo 15 também apóia o versículo 16. Em outras palavras Em outras palavras, versículo 15 é a âncora da passagem, os versos circundantes destacam suas implicações.

O tema central deste versículo âncora é a absoluta solidariedade de Jesus Cristo com seu povo. Todas as nossas intuições naturais nos dizem que Jesus está conosco, ao nosso lado, presente e ajudando, quando a vida vai bem. Este texto diz o contrário. É nas "nossas fraquezas" que Jesus se compadece de nós. A palavra para "simpatizar" aqui é uma palavra composta feita do prefixo que significa "com" (como nosso prefixo inglês co-) unido ao verbo sofrer. "Simpatizar" aqui não é uma pena fria e distante. É uma solidariedade profunda que ecoa em nossas próprias vidas apenas como pais de filhos. Na verdade, é ainda mais profundo do que isso. Em nossa dor, Jesus está sofrendo; no nosso sofrimento, sinta o sofrimento como seu, mesmo que não seja, não porque sua divindade invencível esteja ameaçada, mas no sentido de que seu coração é atraído por nossa angústia. Sua natureza humana aborda nossos problemas de maneira holística.² Seu amor é que não pode ser reprimido quando ele vê seu povo sofrer.

O autor de Hebreus está nos conduzindo pela mão e nos conduzindo profundamente ao coração de Cristo, mostrando-nos a confissão desenfreada de Jesus em relação ao seu povo. No capítulo 2, o escritor de Hebreus disse que Jesus foi “feito como seus irmãos em cada 2 Sobre sua natureza humana (em oposição à divina), como especificamente o que está envolvido na solidariedade sentida de Cristo com seu povo em seus sofrimentos, veja esp. John Owen, uma exposição da epístola aos hebreus, em *The Works of John Owen*, vol. 25, ed. WH Goold (repr., Edimburgo: Banner of Truth, 1965), 416-28. respeito ”e que“ ele mesmo sofreu quando foi tentado ”(usando a mesma palavra grega para tentado / provado que aparece em 4:15).

O verdadeiro escândalo de Hebreus 4:15, entretanto, é o que nos é dito sobre por que Jesus está tão perto e com seu povo em suas dores. Ele foi "tentado" (ou "provado", como a palavra também pode denotar) "como somos", não apenas isso, mas "em todos os aspectos" como somos. A razão pela qual Jesus está tão solidário conosco é que o difícil caminho que percorremos não é exclusivo de nós. Ele mesmo viajou. Não é só que Jesus pode nos livrar de nossos problemas, como um médico que prescreve remédios; é também que, antes que chegue qualquer alívio, ele está conosco em nossos problemas, como um médico que sofreu da mesma doença.

Jesus não é Zeus. Ele era um homem sem pecado, não um Superman sem pecado.

Ele acordou na cabeceira da cama. Eu tive espinhas aos treze. Nunca teria aparecido na capa da Men's Health (não tinha “nenhuma beleza para desejarmos”, Isaías 53: 2). Ele veio como um homem normal para homens normais. Ele sabe o que é estar com sede, fome, desprezado, rejeitado, desprezado, envergonhado, envergonhado, abandonado, incompreendido, falsamente acusado, sufocado, torturado e assassinado. Você sabe o que é estar sozinho. Seus amigos o abandonaram quando ele mais precisava; Se ele tivesse vivido hoje, cada último seguidor do Twitter e amigo do Facebook teria deixado de ser seu amigo quando ele fizesse trinta e três anos ...

aquele que nunca nos abandonará.

A chave para entender o significado de Hebreus 4:15 é pressionar com igual força as duas frases "em todos os aspectos" e "mas sem pecado". Todas as nossas fraquezas, na verdade toda a nossa vida, estão tingidas de pecado. Se o pecado fosse a cor azul, ocasionalmente não dizemos ou fazemos algo azul; tudo o que dizemos, fazemos e pensamos tem algo azul. Jesus não. Ele não tinha pecado. Ele era "santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores" (Hebreus 7: 26-27). Mas devemos refletir sobre a frase "em todos os sentidos" de uma forma que mantenha a impecabilidade de Jesus sem diluir o que essa frase significa. Aquela tentação tentadora, aquela prova dolorosa, aquela perplexidade desconcertante, ele esteve lá. Na verdade, sua pureza absoluta sugere que ele sentiu essas dores com mais intensidade do que os pecadores.

Considere sua própria vida.

Quando a relação azeda, quando sentimentos de inutilidade nos invadem, quando sentimos que a vida está passando por nós, quando parece que nossa única chance de sentido escorregou por entre nossos dedos, quando não podemos ordenar nossas emoções, quando o amigo de nossa vida nos deixa na mão, quando um membro da família nos trai, quando nos sentimos profundamente incompreendidos, quando o impressionante ri de nós, enfim, quando a queda do mundo paira sobre nós e nos dá vontade de nos jogar na toalha, aí Bem ali, temos um amigo que sabe exatamente como são esses testes, e senta-se perto de nós, nos abraça. Conosco. Solidariedade.

Nossa tendência é sentir intuitivamente que quanto mais difícil a vida se torna, mais sozinhos estamos. À medida que afundamos mais na dor, afundamos ainda mais na sensação de isolamento. A Bíblia nos corrige. Nossa dor nunca excede o que ele compartilha. Nunca estamos sozinhos. Aquela dor que parece tão isolada, tão única, foi por ele suportada no passado e agora ele a sustenta no presente.

Como o versículo 14 nos diz, Jesus agora subiu ao céu. Mas isso não significa que ele esteja distante ou afastado de nossa dor. O versículo 15 diz

Goodwin, “permite-nos compreender quão sensível e sensível é o coração de Cristo para com os pecadores abaixo de todos. . . suas doenças.”³ Nossas dificuldades trazem uma profundidade de sentimento em Cristo além do que conhecemos.

Mas e os nossos pecados? Devemos ficar desanimados porque Jesus não pode ser solidário conosco na mais pungente dor, culpa e vergonha de nosso pecado? Não, por duas razões.

Uma é que a impecabilidade de Jesus significa que ele conhece a tentação melhor do que nós. CS Lewis fez isso ao falar de um homem que anda contra o vento. Assim que o vento da tentação se torna forte o suficiente, o homem se deita, cedendo e, portanto, sem saber como seria dez minutos depois. Jesus nunca se deitou; Ele suportou todas as nossas tentações e provações sem nunca desistir. Portanto, ele conhece a força da tentação melhor do que qualquer um de nós. Só ele sabe realmente o custo.

A segunda razão é que nossa única esperança é que aquele que compartilha toda a nossa dor a compartilhe como o puro e o santo. Nosso sumo sacerdote sem pecado não precisa de resgate, mas aquele que o fornece. É por isso que podemos recorrer a ele para "receber misericórdia e encontrar graça".

(4:16). Ele mesmo não está preso no buraco do pecado conosco; só ele pode nos tirar. Sua impecabilidade é nossa salvação. Mas aqui estamos começando a nos mover em direção à obra de Cristo. O peso de Hebreus 4:15 e do livro de Thomas Goodwin é o coração de Cristo. Sim, o versículo 16 fala do "trono da graça". Mas o versículo 15 abre o coração da graça para nós. Ele não apenas pode nos tirar do buraco do pecado; Só ele deseja escalar e carregar nossos fardos. Jesus pode simpatizar. Ele "co-sofre" conosco.

Como John Owen, contemporâneo de Goodwin, colocou, Cristo “se inclina para fora de seu próprio coração e afeições para dar. . . nos ajuda e alívio. . .

e se move interiormente durante nossos sofrimentos e provações com um sentido e um sentimento de sua companhia”⁵.

Se você está em Cristo, você tem um Amigo que, em sua dor, nunca lançará um discurso de encorajamento do céu. Ele não consegue manter distância. Nada pode impedir isso. O coração dele está muito ligado ao seu.

[Ele pode tratar gentilmente](#)

Ele pode tratar o ignorante e obstinado com bondade.

Hebreus 5: 2

No antigo Israel, o rei representava Deus perante o povo, enquanto o sacerdote representava o povo perante Deus. O rei fornecia autoridade sobre o povo; o padre simpatizou com o povo. O livro de Hebreus está na Bíblia para nos dizer o que significa para Jesus ser nosso sacerdote, o verdadeiro sacerdote, o sacerdote de quem todos os outros são uma sombra e para quem todos os outros são um indicador.

Os próprios sacerdotes de Israel eram pecadores. Portanto, eles precisavam oferecer sacrifícios não apenas pelos pecados do povo, mas também pelos seus próprios pecados. Os sacerdotes de Israel não eram apenas pecadores por definição; eles eram claramente pecadores pela prática. Alguns sacerdotes antigos estavam entre os personagens mais hediondos do Antigo Testamento; pense em Ofni e Finéias, por exemplo (1 Sam. 1-4). Hoje, precisamos de um sacerdote não menos do que os antigos israelitas. Precisamos de alguém que nos represente diante de Deus. Mas os padres da antiguidade às vezes eram tão decepcionantes, tão malvados, tão severos.

Mas se nosso próprio padre soubesse como é sentida nossa fraqueza, de forma que ele sentiu uma profunda simpatia por nós, e ainda assim ele mesmo nunca teria pecado, e assim seu coração nunca teria se entregado por autopiedade ou egocentrismo, isso seria ser um grande problema. padre verdadeiramente capaz de nos tratar com gentileza.

Hebreus 5 continua a linha de pensamento considerada em nosso último capítulo, onde olhamos para o final de Hebreus 4. Lá consideramos a maneira como o coração de Cristo é atraído para seu povo em solidariedade a eles em sua dor e angústia. Agora, em Hebreus 5: 2, consideramos mais uma verdade: a maneira como ele trata o seu povo por quem é atraído. Vemos o quê do papel sacerdotal de Cristo em 4:15, o como em 5: 2.

E como?

Suavemente.

A palavra grega subjacente para "tratar com delicadeza" em 5: 2 compartilha uma raiz comum com "simpatizar" em 4:15, e os ouvintes e leitores originais de Hebreus provavelmente teriam entendido isso de uma forma que é esquecida em inglês. Também encontramos em ambos os textos o verbo grego *dunamai* repetido, mesmo na mesma forma verbal (embora não o vejamos

facilmente em versões divergentes de 'poder' e 'poder'), bem como uma menção repetida de 'fraqueza' "(à qual retornaremos mais adiante neste capítulo).

Deixe-me dar-lhe as duas frases transliteradas para que você possa ter uma ideia do paralelo que os ouvintes originais teriam notado: 4:15 dunamenon sunpathesai tois ("capaz de simpatizar com ele ...")

5: 2 metriopathein dunamenon tois ("Ele pode tratar com cuidado o ...")

Junto com a palavra repetida dunamenon, que significa "aquele que pode" ou "aquele que tem a habilidade de", observe a raiz comum do verbo-chave em cada versículo, que sublinhei. Observamos no capítulo anterior que sunpathesai significa "co-sofrimento" no sentido de sentir que está totalmente solidário conosco. Embora você possa ver como essa palavra grega nos dá nossa palavra simpatia, o significado é mais rico do que simpatia tende a denotar em nossas mentes. Agora, em 5: 2, à medida que o escritor continua a expor como Jesus é nosso grande sumo sacerdote, encontramos a palavra metriopathein. Este é o único uso deste verbo no Novo Testamento. Significa exatamente o que está escrito no texto: seja gentil. O prefixo metrio - tem o sentido de moderação ou moderação, e a raiz patheo se refere a paixão ou sofrimento. A ideia aqui em 5: 2 é que Jesus não levanta as mãos no ar quando envolve pecadores. É calmo, fofinho, calmante, contido.

Ele nos trata com bondade.

Com quem você "trata com bondade"? Aqueles de fracasso razoável e moderado, certamente, reservando uma resposta mais dura para os maiores pecadores?

Uma leitura atenta do texto não nos permite concluir isso.

"Ele pode tratar o ignorante e obstinado com bondade." O ignorante e o obstinado não são duas classes de pecadores menores, separados dos pecadores maiores. Não, essa é a maneira do escritor incluir a todos.

No Antigo Testamento, e lembre-se de quão rica e onipresente esta carta aos Hebreus é construída a partir do Antigo Testamento, descobrimos que havia basicamente dois tipos de pecados: involuntários e deliberados, ou acidentais e deliberados, ou como Números 15 diz, involuntários . e "com mão alta" (Num. 15: 27-31). É quase certo que o que o escritor de Hebreus tem em mente, com "Ignorante" referindo-se a pecados acidentais e "rebelde" referindo-se a pecados deliberados.

Em outras palavras, quando Hebreus 5: 2 diz que Jesus "pode tratar os ignorantes e os rebeldes com bondade", o ponto é que Jesus trata com gentileza e só

graciosamente a todos os pecadores que vêm a ele, independentemente de sua ofensa em particular e quão hediondo seja.

O que desperta ternura em Jesus não é a gravidade do pecado, mas se o pecador vem a ele. Qualquer que seja nossa ofensa, ele nos trata com bondade. Se nunca formos a ele, passaremos por um julgamento tão violento que será como uma espada de dois gumes saindo de sua boca em nossa direção (Ap 1:16; 2:12; 19:15, 21). Se formos a ele, não importa o quão violento o julgamento de seu leão possa ter sido contra nós, sua ternura como um cordeiro por nós será tão profunda (ver Apocalipse 5: 5-6; Isaías 40: 10-11).) Estaremos envolvidos em um ou outro. Jesus não será neutro para ninguém.

Considere o que tudo isso significa. Quando pecamos, somos encorajados a levar nossa bagunça a Jesus porque ele saberá como nos receber.

Ele não nos trata mal. Ele não faz cara feia e repreende. Ele não ataca, como muitos de nossos pais fizeram. E toda essa restrição de sua parte não é porque ele tem uma visão diluída de nossa pecaminosidade. Ele conhece nossa pecaminosidade muito mais profundamente do que nós. Na verdade, só temos consciência da ponta do iceberg de nossa depravação, mesmo em nossos momentos de maior busca pelo autoconhecimento. Sua restrição simplesmente flui de seu terno coração por seu povo. Hebreus não apenas nos diz que, em vez de nos repreender, Jesus nos ama. Diga-nos o tipo de 1 Owen argumenta este ponto e o expressa com particular elegância: John Owen, Uma exposição da epístola aos Hebreus, em *The Works of John Owen*, vol. 21, ed. WH Goold (repr., Edimburgo: Banner of Truth, 1968), 457–

61. amor que ele tem: em vez de dispensar a graça do alto, ele desce conosco, nos envolve com o braço, nos trata exatamente como precisamos. Ele nos trata com bondade.

Talvez o comentário mais significativo escrito até agora na carta aos Hebreus tenha sido o trabalho de John Owen. Dos vinte e três volumes que atualmente constituem as obras completas de Owen, sete deles são uma viagem versículo por versículo de Hebreus.² Isso levou quase vinte anos para ser concluído, o primeiro volume foi publicado em 1668 e o último em 1684. O que este grande expositor de Hebreus diz sobre o que Hebreus 5: 2 está tentando nos dizer? Owen escreve que quando somos informados de que o sumo sacerdote "pode lidar gentilmente com os ignorantes e rebeldes", isso significa que ele não pode rejeitar pobres pecadores por sua ignorância e má orientação da mesma forma que um pai que amamenta deve rejeitar um amamentando criança está chorando. . . . Assim deve ser com um sumo sacerdote, e assim é com Jesus Cristo. Ele é capaz, com toda a mansidão e mansidão, com paciência e moderação, de suportar as doenças, pecados e provocações de seu

povo, como o faz uma ama ou um pai que cria com fraqueza. . . de uma criança pobre.

Jesus não se atreve a impor-vos o braço rígido daquilo que o pai amoroso de um recém-nascido que chora não ousa impor ao seu filho amado. O coração de Jesus é atraído por você. Nada pode acorrentar suas afeições ao céu; seu coração está muito cheio de terno amor.

Mais do que isso, a "mansidão e mansidão" de Cristo, sua "paciência e moderação", não é periférica ou acidental para quem Cristo é, como se seus verdadeiros prazeres estivessem em outro lugar. Esse mesmo cuidado, esse tratamento gentil com todos os tipos de pecadores, é a coisa mais natural para ele. Owen prossegue, dizendo que Cristo "não estabelece, em seus tratos conosco, mais adequada ou mais completamente qualquer propriedade de sua natureza do que sua compaixão, longanimidade e tolerância" .4 Em outras palavras, quando Jesus "trata com bondade "com a gente, você está fazendo o que é melhor para você e isso é natural.

Na verdade, dada a profundidade de nossa pecaminosidade, o fato de que Jesus ainda não nos rejeitou prova que seu desejo e deleite mais profundos é a mansidão paciente. Owen diz que esse tratamento gentil do sumo sacerdote "aplicado a Jesus Cristo, é uma questão de grande encorajamento e conforto para os crentes. Se não houvesse nele uma suficiência absoluta desta disposição, e que, como acontece com todos os acontecimentos, ele deve despedir-nos a todos com nojo"5. Essa é a maneira antiquada e desajeitada de Owen de dizer: Nossa pecaminosidade é tão profunda que uma medida morna de gentileza de Jesus não seria suficiente; mas quanto mais profunda nossa pecaminosidade, mais profunda é sua mansidão.

Mas porque? Por que Cristo nos trata com bondade?

O texto nos diz: "visto que ele mesmo está cercado de fraquezas".

Mais imediatamente, isso se refere ao sumo sacerdócio em geral.

Isso fica claro no próximo versículo, que fala da necessidade do sumo sacerdote de oferecer sacrifício por seus próprios pecados (5: 3), o que Jesus não precisava fazer (7:27). Mas lembre-se do que vimos alguns versículos antes em 4:15: o próprio Jesus, embora "sem pecado", pode "simpatizar com as nossas fraquezas" (a mesma palavra grega em 5: 2) como "aquele que por todos foi tentado como nós. "Jesus não tinha pecado. Mas ele experimentou tudo o mais que significa viver como um ser humano real neste mundo decaído: a fraqueza do sofrimento, tentação e todos os outros tipos de limitação humana (ver também 2:14 - 18). Os vários sumos sacerdotes ao longo da história de Israel eram pecaminosamente fracos; Jesus, o sumo sacerdote, era fraco sem pecado (veja 2 Coríntios 13: 5).

Ao contrário do que esperamos que seja o caso, portanto, quanto mais nos imergimos na fraqueza, sofrimento e provação, mais profundamente

solidariedade de Cristo conosco. À medida que mergulhamos na dor e na angústia, descemos cada vez mais fundo no próprio coração de Cristo, não nos afastamos dele.

Olhe para Cristo. Ele o trata com bondade. É a única maneira de você saber ser. Ele é o sumo sacerdote para acabar com todos os sumos sacerdotes. Enquanto você fixar sua atenção em seu pecado, você não pode ver como pode ter certeza. Mas enquanto você olhar para este sumo sacerdote, você não verá como pode estar em perigo. Olhando para dentro de nós mesmos, podemos apenas antecipar a dureza do céu. Olhando para Cristo, podemos apenas antecipar mansidão.

6

[Eu nunca vou lançar fora](#)

Quem vem a mim, eu não o expulso.

João 6:37

Tudo o que foi Thomas Goodwin e John Owen ...

erudito, bem educado, analítico, em casa nas melhores universidades do mundo; John Bunyan, não. Bunyan era pobre e sem educação.

Pelos padrões mundiais, tudo era contra Bunyan ter um impacto duradouro na história humana. Mas é assim que o Senhor tem prazer em trabalhar: pegando os marginalizados e esquecidos e, silenciosamente, dando-lhes papéis essenciais no desenrolar da história redentora. E Bunyan, embora muito mais terreno em seu estilo de escrita, compartilhou a capacidade de Goodwin de abrir o coração de Cristo para seus leitores.

Bunyan é mais famoso por *The Pilgrim's Progress*, que é, além da Bíblia, o livro mais vendido da história. Mas ele também foi autor de cinquenta e sete outros livros. Um dos mais belos é *Venha e Bem-vindo a Jesus Cristo*, escrito em 1678. O calor do título é representativo de todo o tratado. No típico estilo puritano, Bunyan pegou um único verso e escreveu um livro inteiro sobre ele, refletindo sobre ele em profundidade. Esse versículo, para *Venha e Bem-vindo a Jesus Cristo*, foi João 6:37. Ao se pronunciar como o pão da vida dado aos famintos espiritualmente (João 6: 32-40), Jesus declara:

Tudo o que o Pai me dá virá a mim; e o que vem a mim, não o lançarei fora.

Foi um dos versos favoritos de Bunyan, como evidenciado pela frequência com que ele o cita ao longo de seus escritos. Mas, neste livro em particular, ele pega o texto e se concentra nele, olhando para ele de todos os ângulos, espremendo-o até secar.

Há uma montanha de teologia reconfortante embalada neste único versículo. Considere o que Jesus disse:

- "Todos ...," Não "mais". Uma vez que o Pai põe seu olhar amoroso em um pecador errante, o resgate desse pecador é certo.
- ". . . Pai . . ." "Nossa redenção não é uma questão de um Filho bondoso tentando acalmar um Pai incontrolavelmente zangado.

O próprio Pai ordena nossa libertação. Tome a iniciativa amorosa (observe v. 38).

- ". . . dá . . . , “Ele não“ barganha ”. É o maior deleite do Pai confiar livremente os rebeldes recalcitrantes aos cuidados bondosos de seu Filho.
- ". . . virá . . . "O propósito salvador de Deus para um pecador nunca é frustrado. Nunca é frustrado. Nunca esgota os recursos.

Se o Pai nos chamar, iremos a Cristo.

- ". . . e quem vier. . . "No entanto, não somos robôs. Embora o Pai seja claramente o superintendente soberano de nossa redenção, não somos atraídos a Cristo por chutar e gritar contra nossa vontade.

A graça divina é tão radical que alcança e vira nossos próprios desejos. Nossos olhos se abrem. Cristo se torna belo.

Nós vamos até ele. E qualquer pessoa, "quem quer", é bem-vinda. Venha e seja bem-vindo a Jesus Cristo.

- ". . . vem até mim . . . “Não chegamos a um conjunto de doutrinas.

Não vamos a uma igreja. Nós nem mesmo chegamos ao evangelho. Tudo isso é vital. Mas, mais verdadeiramente, chegamos a uma pessoa, ao próprio Cristo.

Bunyan traz tudo isso e muito mais. Vale a pena ler o livro na íntegra.¹ Mas são as últimas palavras do versículo em que ele se detém mais que significam mais para ele. No centro de seu livro, ele confronta nossas suspeitas inatas do mais profundo coração de Cristo. Usando sua tradução da KJV ("Quem vier a mim não o lançarei fora"), Bunyan escreve: Aqueles que vêm a Jesus Cristo muitas vezes temem sinceramente que Jesus Cristo não os receba.

Esta observação está implícita no texto. Eu deduzo da amplitude e franqueza da promessa: "Não vou lançar fora de forma alguma." Pois, se não houvesse em nós uma inclinação para "temer a expulsão", Cristo não teria necessidade

de evitar nosso medo, como faz com esta grande e estranha expressão: "De maneira alguma".

Não era necessário, como posso dizer, que tal promessa foi inventada pela sabedoria do céu, e redigida a tal taxa, por assim dizer em 1 Exists as a Standalone Volume, publicado por Banner of Truth: Come and Welcome to Jesus Cristo (Edimburgo: Banner of Truth, 2004); também pode ser encontrado no vol. 1 of The Works of John Bunyan, 3 vols., Ed. George Offor (repr., Edinburgh: Banner of Truth, 1991), 240-99. propósito de esmagar de uma só vez todas as objeções dos pecadores por vir, se eles não estivessem propensos a admitir tais objeções, a fim de desencorajar suas próprias almas.

Porque esta palavra, "de forma alguma", corta o pescoço de todas as objeções; e foi descartado pelo Senhor Jesus para esse propósito; e ajuda a fé misturada com incredulidade. E é, por assim dizer, a soma de todas as promessas; nem pode objetar à indignidade que você encontra em si mesmo, de que esta promessa não entrará em colapso.

Mas eu sou um grande pecador, você diz.

“De maneira nenhuma vou expulsar”, diz Cristo.

Mas eu sou um velho pecador, você diz.

“De maneira nenhuma vou expulsar”, diz Cristo.

Mas eu sou um pecador de coração duro, você diz.

“De maneira nenhuma vou expulsar”, diz Cristo.

Mas eu sou um pecador rebelde, você diz.

“De maneira nenhuma vou expulsar”, diz Cristo.

Mas eu tenho servido a Satanás todos os meus dias, você diz.

“De maneira nenhuma vou expulsar”, diz Cristo.

Mas eu pequei contra a luz, você diz.

“De maneira nenhuma vou expulsar”, diz Cristo.

Mas eu pequei contra a misericórdia, você diz.

“De maneira nenhuma vou expulsar”, diz Cristo.

Mas não tenho nada de bom para trazer comigo, você diz.

“De maneira nenhuma vou expulsar”, diz Cristo.

Esta promessa foi feita para responder a todas as objeções e responde a elas.

Não usamos mais a expressão "por qualquer meio", mas era uma maneira inglesa do século XVII de capturar a negação enfática do grego de João 6:37. O texto diz literalmente: "quem vem a mim, não vou expulsar". Às vezes, como aqui, o grego usa dois negativos empilhados um em cima do outro para lhe dar força literária. "Provavelmente, eu nunca vou ser expulso." É essa negação enfática de que Cristo sempre expulsará o que Bunyan chama de "esta grande e estranha expressão".

O que Bunyan está procurando?

A declaração de Jesus em João 6:37 e o livro Venha e Bem-vindo a Jesus Cristo, e esta citação no centro desse livro, existem para nos acalmar com a natureza perseverante do coração de Cristo. Dizemos,

"Mas eu ..." Ele diz, "Eu nunca vou lançar fora".

Os pecadores caídos e ansiosos não têm limites em sua capacidade de perceber as razões pelas quais Jesus os expulsou. Somos fábricas de novas resistências ao amor de Cristo. Mesmo quando não temos motivos tangíveis para sermos expulsos, como pecados ou falhas específicas, tendemos a manter um vago sentimento de que, com tempo suficiente, Jesus acabará se cansando de nós e nos manterá à distância. Bunyan nos entende. Ele sabe que tendemos a nos desviar das certezas de Cristo.

"Não, espere", dizemos, aproximando-nos de Jesus com cautela, "você não entende. Eu realmente estive errado de muitas maneiras. "

Eu sei, responda.

Você com certeza sabe a maior parte disso. Certamente mais do que os outros veem. Mas há uma maldade dentro de mim que está escondida de todos. "

Sei tudo.

"Bem, a questão é que não é apenas o meu passado. Também é meu presente. "

Eu entendo.

"Mas não sei se vou conseguir me livrar disso tão cedo."

Esse é o único tipo de pessoa que estou aqui para ajudar.

"O fardo está pesado e está ficando cada vez mais pesado."

Então deixe-me pegar.

"É demais para suportar."

Não para mim.

"Não o entendo. Minhas ofensas não são dirigidas a outras pessoas.

Eles estão contra você. "

Então, estou mais apto para perdoá-los.

"Mas quanto mais da feiúra em mim ele descobre, mais cedo se cansa de mim."

Quem vem a mim, eu não o expulso.

Com um desafio de parar de falar, Bunyan conclui sua lista de objeções que levantamos para vir a Jesus. "Esta promessa foi feita para responder a todas as objeções, e realmente responde a elas." Caso encerrado. Não podemos apresentar uma razão para que Cristo finalmente feche seu coração às suas próprias ovelhas. Não existe esse motivo. Todo amigo humano tem um limite.

Se ofendermos o suficiente, se um relacionamento for prejudicado o suficiente, se traírmos várias vezes, seremos expulsos. As paredes sobem. Com Cristo, nossos pecados e fraquezas são os próprios elementos do currículo que nos qualificam para abordá-lo. Nada é necessário, exceto vir a ele, primeiro na conversão e mil vezes depois, até que estejamos com ele quando morrermos.

Talvez não sejam tanto os pecados, mas os sofrimentos que fazem alguns de nós questionar a perseverança do coração de Cristo. À medida que a dor se acumula, à medida que o entorpecimento se instala, com o passar dos meses, em algum momento a conclusão parece óbvia: fomos expulsos. Certamente, não é assim que a vida seria para alguém que foi sepultado no coração de um Salvador manso e humilde? Mas Jesus não disse que aqueles que vivem sem dor nunca são expulsos. Ele diz que aqueles que vêm a ele nunca são expulsos. Não é o que a vida nos traz, mas a quem pertencemos, que determina o coração de amor de Cristo por nós.

A única coisa necessária para desfrutar esse amor é ir para ele. Para pedir que você nos hospede. Ele não diz: "Quem vier a mim com bastante contrição", "Quem vier a mim sentindo-se bastante mal por causa de seu pecado" ou "Quem vier a mim com esforços redobrados".

Ele diz: "Quem vem a mim, não o lançarei fora."

Nossa força de determinação não faz parte da fórmula para preservar sua boa vontade. Quando meu filho Benjamin, de dois anos, começa a entrar na encosta suave da piscina de entrada zero perto de nossa casa, ele instintivamente agarra minha mão. Ele agarra com firmeza à medida que a água se aprofunda gradualmente. Mas o aperto de uma criança de dois anos não é

muito forte. Em pouco tempo, não é ele quem está me segurando, mas eu o estou agarrando. Deixado por sua própria conta, sem dúvida escapará do meu alcance. Mas se decidi que não vai sair do controle, você tem certeza. Você não pode fugir de mim se tentar.

Assim foi com Cristo. Nós nos agarramos a ele, sem dúvida. Mas nosso aperto é o de uma criança de dois anos em meio às tempestuosas ondas da vida. Seu aperto seguro nunca vacila. O Salmo 63: 8 expressa a dupla verdade: “A minha alma se apega a ti; sua mão direita me apóia ”.

Estamos falando sobre algo mais profundo do que a doutrina da segurança eterna, ou "uma vez salvo, sempre salvo", uma doutrina gloriosa, uma doutrina verdadeira, às vezes chamada de perseverança dos santos.

Chegamos, mais profundamente, à doutrina da perseverança do coração de Cristo. Sim, os cristãos professos podem se afastar, mostrando que nunca estiveram verdadeiramente em Cristo. Sim, uma vez que um pecador se junta a Cristo, não há nada que possa separá-lo. Mas dentro da estrutura esquelética dessas doutrinas, o que é o coração pulsante de Deus, tornado tangível em Cristo? O que é mais instintivo para ele quando nossos pecados e sofrimentos se acumulam? O que impede que esfrie? A resposta é o seu coração. A obra expiatória do Filho, decretada pelo Pai e aplicada pelo Espírito, garante que estejamos eternamente seguros. Mas um texto como João 6:37 nos assegura que isso não é apenas uma questão de decreto divino, mas de desejo divino. Este é o deleite do céu. Venha para mim, diz Cristo.

Você já considerou o que é verdade sobre você se você está em Cristo?

Para que você não venha a um abraço de amor no coração de Cristo, tanto agora como na eternidade, o próprio Cristo teria que ser levantado do céu e devolvido à sepultura. Sua morte e ressurreição tornam certo que Cristo nunca lança fora os seus, não importa quantas vezes eles caíam. Mas animando esta obra de Cristo está o coração de Cristo. Ele não suporta ser separado dos seus, mesmo quando eles mais merecem ser abandonados.

"Mas eu . . . "

Declare suas objeções. Ninguém pode ameaçar com estas palavras invencíveis:

“Quem vem a mim, eu não o lançarei fora”.

Para aqueles que estão unidos a ele, o coração de Jesus não é alugado; é a sua nova residência permanente. Você não é um inquilino; você é uma criança.

Seu coração não é uma bomba-relógio; seu coração são as pastagens verdes e as águas calmas de garantias infinitas de sua presença e conforto, quaisquer que sejam nossas conquistas espirituais presentes. É quem é.

7

O que nossos pecados evocam

Meu coração recua dentro de mim.

Oséias 11: 8

É provavelmente impossível conceber o horror do inferno e a ferocidade da justiça retributiva e a justa ira que se apoderará daqueles que estão fora de Cristo no último dia. Talvez uma palavra como ferocidade aqui pareça que a ira de Deus está fora de controle ou fora de proporção. Mas não há nada descontrolado ou desproporcional em Deus.

A razão pela qual achamos que a ira divina pode ser facilmente exagerada é que não sentimos o verdadeiro peso do pecado. Martyn Lloyd-Jones, refletindo sobre isso, disse:

Você nunca se sentirá pecador, porque existe um mecanismo em você como resultado do pecado que sempre o defenderá de todas as acusações. Estamos todos muito bem conosco próprios e podemos sempre apresentar um bom argumento para nós próprios. Mesmo se tentarmos nos fazer sentir como

somos pecadores, nunca seremos. Só existe uma maneira de saber que somos pecadores: ter uma concepção vaga e resplandecente de Deus.

Em outras palavras, não sentimos o peso do nosso pecado por causa de: nosso pecado. Se pudéssemos ver mais claramente como o pecado é insidioso, difuso e nojento, e como Lloyd-Jones sugeriu anteriormente, poderíamos ver isso apenas se víamos a beleza e a santidade de Deus.

Saberíamos que o mal humano exige uma intensidade de julgamento de proporções divinas. Mesmo alguém com um sentimento tão profundo do amoroso coração de Cristo como Thomas Goodwin não tem problema em afirmar igualmente que se "sua ira contra o pecado foi o fogo", então

“Todos os foles terrestres o fariam. . . não tendo conseguido aquecer suficientemente o forno”. 2

E assim como dificilmente podemos compreender a ferocidade divina que aguarda os que estão fora de Cristo, é igualmente verdade que dificilmente podemos compreender a ternura divina que agora repousa sobre aqueles que estão em Cristo. Podemos nos sentir um pouco tímidos ou desconfortáveis ou mesmo culpados ao enfatizar o

A ternura de Deus é tão intensa quanto Sua raiva. Mas a Bíblia não sente tanto desconforto. Considere Romanos 5:20: "Onde aumentou o pecado, superabundou a graça." A culpa e a vergonha dos que estão em Cristo são sempre superadas por sua graça abundante. Quando sentimos que nossos pensamentos, palavras e ações estão diminuindo a graça de Deus para conosco, esses pecados e falhas estão na verdade fazendo com que isso venha à tona ainda mais.

Mas vamos prosseguir neste princípio inviolável na economia do evangelho. Temos falado sobre a graça de Deus e como ela é sempre desenhada para atender abundantemente a necessidade dela. Mas, falando puramente, não existe tal "coisa" como graça. Essa é a teologia católica romana, na qual a graça é uma espécie de tesouro armazenado que pode ser acessado por vários meios cuidadosamente controlados. Mas a graça de Deus não vem a nós nem mais nem menos do que a que Jesus Cristo vem até nós. No evangelho bíblico não recebemos nada; recebemos uma pessoa.

Vamos cavar ainda mais fundo. O que nos é dado quando recebemos Cristo? Mais claramente, se podemos falar da graça como sempre sendo levada pelo nosso pecado, mas como vindo a nós apenas no próprio Cristo, então nos deparamos com um aspecto vital de quem é Cristo, um aspecto bíblico no qual os puritanos estão preocupados. ele gostava de ponderar. : Quando pecamos, o próprio coração de Cristo é atraído para nós.

Isso pode fazer alguns de nós estremecer. Se Cristo é perfeitamente santo, ele não deve necessariamente se afastar do pecado?

Aqui entramos em um dos mistérios mais profundos de quem é Deus em Cristo. Não apenas a santidade e o pecado são mutuamente exclusivos, mas Cristo, sendo perfeitamente santo, conhece e sente o horror e o peso do pecado mais profundamente do que qualquer um de nós pecadores poderia, assim como quanto mais puro ele é. com a ideia de seus vizinhos serem assaltados ou abusados. Pelo contrário, quanto mais corrupto é o coração, menos é afetado pelos males que o rodeiam.

Leve a analogia um pouco mais longe. Assim como quanto mais puro é um coração, mais horrorizado com o mal, também quanto mais puro é um coração, mais naturalmente ele é atraído para ajudar, acalmar, proteger e confortar, enquanto um coração corrupto permanece quieto, indiferente. Assim foi com Cristo. Sua santidade acha o mal nojento, mais nojento do que qualquer um de nós jamais poderia sentir. Mas é essa mesma santidade que também atrai seu coração para ajudar, acalmar, proteger e confortar. Mais uma vez, devemos ter em mente a distinção crucial entre aqueles que não estão em Cristo e aqueles que estão em Cristo. Para aqueles que não pertencem a ele, os pecados evocam a ira sagrada. Como um Deus moralmente sério poderia responder de outra forma? Mas para aqueles que pertencem a ele, os pecados evocam santo anseio, santo amor, santo

ternura. No texto-chave sobre a santidade divina (Is 6: 1-8), essa santidade (6: 3) flui natural e imediatamente para o perdão e misericórdia (6: 7).

É assim que Goodwin explica fechando seu livro O Coração de Cristo com uma série de aplicações finais. Refletindo sobre as “consolações e encorajamentos” que temos à luz do próprio Cristo sentindo dor por nossos próprios pecados e sofrimentos, ele escreve:

Há consolo em relação a essas fraquezas, no sentido de que seus próprios pecados o levam a sentir pena em vez de raiva. . . . Porque ele sofre conosco em nossas enfermidades, e por enfermidades entendemos os pecados, assim como outras misérias. . . . Cristo participa com você e está tão longe de ser provocado contra você, pois toda a sua ira se volta contra o seu pecado para destruí-lo; sim, a compaixão dele aumenta mais por você, mesmo que o coração de um pai seja por um filho que tem alguma doença nojenta, ou como alguém seja por um membro do corpo que tem lepra, ele não odeia o membro, porque é a sua carne, mas a doença, e isso o faz sentir pena da parte mais afetada. O que não haverá para nós, 3 quando os nossos pecados, que são tanto contra Cristo como contra nós,

Ou seja, o que não se tornará nosso benefício e bem-estar.

Quanto maior a miséria, maior a pena quando a festa é amada. Agora, de todas as misérias, o pecado é o maior; e enquanto você olha para ele como tal, Cristo também o verá como tal. E ele, amando sua pessoa e odiando apenas o pecado, seu ódio cairá todo, e somente sobre o pecado, para libertá-lo dele por sua ruína e destruição, mas suas afeições serão mais atraídas por você; e isso tanto quando ele está sob o pecado como sob qualquer outra aflição. Portanto, não tenha medo.

O que Goodwin diz aqui?

Se você faz parte do próprio corpo de Cristo, seus pecados evocam seu mais profundo coração, compaixão e misericórdia. Ele "participa com você", ou seja, está do seu lado. Ele fica do seu lado contra o seu pecado, não contra você por causa do seu pecado. Ele odeia o pecado. Mas ele te ama.

Comprendemos isso, diz Goodwin, quando consideramos o ódio que um pai tem contra uma doença terrível que aflige seu filho: o pai odeia a doença enquanto ama o filho. Na verdade, em algum nível, a presença da doença atrai ainda mais seu coração para o seu filho.

Não se trata de ignorar o aspecto disciplinar do cuidado de Cristo por seu povo. A Bíblia ensina claramente que nossos pecados atraem a disciplina de Cristo (por exemplo, Hebreus 12: 1-11). Ele não nos amaria realmente se não fosse

certo. Mas mesmo isso é um reflexo de seu grande coração por nós. Quando uma parte do corpo é ferida, isso requer dor e trabalho de fisioterapia. Mas essa fisioterapia não é punitiva; destina-se a trazer cura. É fora dos cuidados desse membro que a fisioterapia é designada.

Veremos uma série de textos do Antigo Testamento mais adiante neste livro, mas vamos considerar um agora, porque reúne vários aspectos que estivemos refletindo neste capítulo, levando-nos profundamente ao coração de Deus que toma forma concreta. em Jesus. Em Oséias 11, lemos: Meu povo está determinado a se afastar de mim,

e embora clamem ao Altíssimo,

não vai levantá-los de forma alguma.

Como posso abandonar você, Efraim?

Como posso libertar você, Israel?

Como posso fazer você gostar de Admah?

Como posso tratá-lo como Zeboim?

Meu coração recua dentro de mim;

minha compaixão se torna calorosa e terna.

Eu não executarei a queima de minha raiva;

Não vou destruir Efraim novamente;

porque eu sou Deus e não um homem,

o Santo no meio de você,

e eu não irei com raiva. (Oséias 11: 7-9)

Aqui temos todos os elementos levantados até agora neste capítulo: o próprio povo de Deus, em meio à sua pecaminosidade, com referência ao coração de Deus e a afirmação explícita da santidade de Deus. E o que o texto conclui? A observação principal é esta: é em consideração aos pecados de seu povo que o coração de Deus se compadece deles.

Deus olha para seu povo em toda a sua imundície moral. Eles mostraram sua apostasia repetidas vezes, não ocasionalmente, mas "eles estão decididos a se afastar de mim" (v. 7). Isso é teimosia determinada.

Mas é o seguinte: eles são seus. Então, o que acontece dentro de Deus? Devemos ter cuidado aqui; Deus é Deus, e Ele não está à mercê de emoções fugazes como nós, criaturas encarnadas, muito menos nós, criaturas encarnadas pecaminosas. Mas o que diz o texto? Temos um raro vislumbre do âmago de quem Deus é, e vemos e sentimos as convulsões profundamente afetivas dentro do próprio ser de Deus. Seu coração está inflamado de piedade e compaixão por seu povo. Você simplesmente não pode desistir deles. Nada poderia fazê-lo abandoná-los. Eles são seus.

Que pai poderia decidir desistir de seu filho amado para adoção, só porque seu filho cometeu um grande erro?

Não desonremos a Deus enfatizando tanto sua transcendência que percamos o significado da vida emocional de Deus, da qual nossas próprias emoções são um eco, embora um eco caído e distorcido.⁵ Deus não é um ideal platônico inamovivelmente austero além do alcance do significado engajamento humano. Deus está livre de todas as emoções decaídas, mas não de todas as 5 O nome dos teólogos para a maneira como a Bíblia fala da vida emocional de Deus é antropopatismo. Isso é paralelo ao antropomorfismo, no qual a Bíblia usa termos humanos para falar de Deus de maneiras que não podem ser interpretadas literalmente, como falar da "mão" de Deus.

O antropopatismo é um pouco mais complicado. Com ele, queremos proteger o fato de que Deus não é como nós em nossa inconstância emocional; em vez disso, é completamente perfeito e transcendente e não é afetado pelas circunstâncias da mesma forma que nós, humanos finitos. É "impassível". Ao mesmo tempo, não devemos descartar a maneira como a Bíblia fala da vida interior de Deus (com termos como antropopatismo) que fazemos de Deus um poder basicamente platônico divorciado do bem-estar de seu povo. A chave aqui é entender que, embora nada pegue Deus desprevenido e nada possa afetar Deus de fora de Deus de uma forma que ameace sua perfeição e simplicidade, ele envolve livremente seu povo por meio de um relacionamento de aliança e está genuinamente comprometido com eles. para o seu bem-estar.

“Emoção” inútil, pense em vez (como dizem os Puritanos) nas “afeições” divinas: a prontidão do coração de Deus para abraçar seu povo sofredor e pecador. Para explorar mais como Deus é impassível e ainda capaz de emoção, ver Rob Lister, Deus é impassível e apaixonado: em direção a uma teologia do divino

Emoção (Wheaton, IL: Crossway, 2012) emoção (ou sentimento) em tudo: de onde vêm nossas próprias emoções, nós que somos feitos à sua imagem?

O texto diz que sua "compaixão se torna calorosa e terna" à luz dos pecados de seu povo. Quem poderia imaginar que Deus é mais profundo? O texto conecta a suprema santidade de Deus com sua recusa em ir com raiva. Quem poderia ter pensado isso? Lemos: Eu sou Deus e não um homem, o Santo no meio de você, e não irei gozar com raiva.

É isso que você espera que Deus diga? Você realmente não espera que eu diga o seguinte, com uma pequena mudança de palavra?

Eu sou deus e não um homem,

o Santo no meio de você,

e, portanto, virei com raiva.

A Bíblia diz que quando Deus olha para a pecaminosidade de seu povo, sua santidade transcendente - sua divindade, sua própria divindade, aquela coisa sobre Deus que o torna diferente de nós - é o que o torna incapaz de cair sobre seu povo com raiva. Temos a tendência de pensar que, porque ele é Deus e não nós, o fato de ele ser santo torna mais certo que ele instilará raiva em seu povo pecador. Mais uma vez, somos corrigidos; somos arrancados de nossa maneira natural de criar Deus à nossa imagem e permitimos que o próprio Deus nos diga quem ele é.

Assim como vivemos tão facilmente com uma visão diminuída do julgamento punitivo de Deus que irá varrer aqueles que estão fora de Cristo, nós também vivemos 74

O que nossos pecados evocam

Viver facilmente com uma visão diminuída do coração compassivo de Deus arrebatando aqueles que estão em Cristo. Thomas Goodwin e Oséias 11

e a extensão de toda a história bíblica nos faz recuperar o fôlego. Os pecados daqueles que pertencem a Deus abrem as comportas de seu coração de compaixão por nós. A barragem se rompe. Não é a nossa beleza que ganha seu amor. É nossa falta de amor.

Nossos corações engasgam quando colocamos isso em dia. Não é assim que o mundo ao nosso redor funciona. Não é assim que nosso coração funciona. Mas nós nos curvamos em humilde submissão, permitindo que Deus estabeleça os termos em que Ele nos amará.

Ao máximo

Ele sempre vive para interceder por eles.

Hebreus 7:25

Uma das doutrinas mais negligenciadas na igreja hoje é a intercessão celestial de Cristo. Quando falamos sobre a intercessão de Cristo, estamos falando sobre o que Jesus está fazendo agora. Houve uma notável recuperação da glória do que Cristo fez então, em sua vida, morte e ressurreição, para me salvar. Mas e o que você está fazendo agora? Para muitos de nós, nosso Jesus funcional não está fazendo nada agora; Temos a tendência de pensar que tudo de que precisamos para ser salvos já foi realizado.

Mas não é assim que o Novo Testamento apresenta a obra de Cristo. Passaremos algum tempo considerando a intercessão celestial de Cristo, não apenas porque é negligenciada hoje, mas também porque é uma parte da obra de Cristo que reflete de maneira única seu coração.

Como forma de enquadrar o que é intercessão e seu atual abandono, considere-a em relação à doutrina da justificação. Muito foi escrito, pregado e ensinado sobre essa gloriosa doutrina nos últimos anos, como deveria ser. Ser justificado é ser declarado justo aos olhos de Deus, totalmente exonerado legalmente no tribunal divino, baseado inteiramente no que outro (Jesus) fez em nosso lugar.

Mas nossos corações estão tão conectados que constantemente mudamos de uma crença de momento a momento nesta exoneração total. Essa resistência do coração para a absolvição completa diante de Deus com base no que Cristo fez foi codificada na teologia medieval e, posteriormente, católica romana. Reformadores como Lutero e Calvino recuperaram e centralizaram corretamente a doutrina da justificação, e cada geração desde então teve que redescobrir essa doutrina por si mesmas. É o aspecto mais contraditório do Cristianismo, declarar-se correto a Deus não quando começamos a agir juntos, mas quando caímos em um reconhecimento honesto de que nunca o faremos.

Mas a justificação é em grande parte uma doutrina do que Cristo fez no passado, enraizada centralmente em sua morte e ressurreição. “Portanto, uma vez que fomos justificados. . .”(Romanos 5: 1). Ele morreu e ressuscitou, e se depositarmos nossa fé nele, seremos justificados, porque ele morreu a morte que nós merecemos.

Mas o que ele está fazendo agora?

Não precisamos especular. A Bíblia nos diz. Ele está intercedendo por nós.

A justificação está ligada ao que Cristo fez no passado. Intercessão é o que você está fazendo no presente.

Pense desta maneira. O coração de Cristo é uma realidade constante que flui no tempo. Não é como se seu coração batesse por seu povo quando ele estava na terra, mas se dissipou agora que ele está no céu. Não é que seu coração tenha fluído em uma explosão de misericórdia que o levou à cruz, mas que agora ele esfriou e se acomodou.

Ao extremo

volte mais uma vez à indiferença amigável. Seu coração está tão atraído por seu povo agora como sempre esteve em seu estado corporificado. E a presente manifestação de seu coração por seu povo é sua constante intercessão por eles.

O que é intercessão?

De um modo geral, significa que um terceiro se posiciona entre dois outros e apresenta um caso a um em nome do outro. Pense em um pai defendendo com um professor em nome de uma criança ou um agente defendendo com uma franquia de esportes em nome de um atleta.

Então, o que significa Cristo interceder? Quem são as partes envolvidas? Deus Pai, por um lado, e nós, crentes, por outro. Mas por que Jesus teria que interceder por nós? Afinal, já não fomos completamente justificados? O que Cristo pode pedir por nós? Ele já não fez todo o necessário para nos absolver completamente? Em outras palavras, a doutrina da intercessão celestial de Cristo significa que algo foi deixado incompleto em sua obra expiatória na cruz? Se falamos da obra consumada de Cristo na cruz, a doutrina da intercessão sugere que a cruz foi realmente deixada inacabada?

A resposta é que a intercessão aplica o que a expiação realizou. A presente intercessão celestial de Cristo em nosso favor é um reflexo da plenitude, vitória e plenitude de sua obra terrena, não um reflexo de qualquer coisa que falta em sua obra terrena. A expiação realizou nossa salvação; a intercessão é a aplicação momento a momento dessa obra expiatória. No passado, Jesus fez o que agora fala; no presente, Jesus fala sobre o que fez então. É por isso que o Novo Testamento casa justificação e intercessão, como em Romanos 8: 33-34: “Quem acusará os eleitos de Deus? É Deus quem justifica.

Quem vai condenar? Cristo Jesus é aquele que morreu e, mais ainda, aquele que ressuscitou, aquele que está à direita de Deus, aquele que verdadeiramente intercede por nós”. o

A intercessão é a constante "atualização" de nossa justificação na corte celestial.

Ao pressionar mais profundamente, a intercessão de Cristo reflete quão profundamente pessoal é nosso resgate. Se soubéssemos da morte e ressurreição de Cristo, mas não de sua intercessão, seríamos tentados a ver nossa salvação em termos excessivamente formulados. Seria mais mecânico do que Cristo realmente é. Sua intercessão por nós reflete seu coração; o mesmo coração que o conduziu pela vida e pela morte em nome do seu povo, é o coração que agora se manifesta em constante súplica, lembrando e persuadindo seu Pai a nos acolher sempre.

Isso não significa que o Pai está relutante em nos abraçar, ou que o Filho tem uma disposição mais amorosa para conosco do que o pai. (Consideraremos isso com mais detalhes no capítulo 14.) A obra expiatória do Filho foi algo que o Pai e o Filho concordaram em fazer juntos com prazer na eternidade passada. A intercessão do Filho não reflete a frieza do Pai, mas o puro calor do Filho.

Cristo não intercede porque o coração do Pai é morno para conosco, mas porque o coração do Filho está muito cheio para conosco. Mas o deleite mais profundo do Pai é dizer sim ao apelo do Filho em nosso nome.

Pense em um irmão mais velho torcendo por seu irmão mais novo em uma competição de corrida. Mesmo que, nessa reta final, o irmão mais novo esteja bem à frente e, sem dúvida, ganhe a corrida, o irmão mais velho se sente calmo, complacentemente satisfeito? De jeito nenhum, ele está gritando a plenos pulmões exclamações de encorajamento, de afirmação, de celebração, de vitória, de solidariedade. Você não pode acalmá-lo. O mesmo acontece com nosso irmão mais velho.

John Bunyan escreveu um livro completo sobre a intercessão celestial de Cristo, chamado Cristo de Salvador Completo. Em um momento, explique como a doutrina da intercessão é uma questão do coração de Cristo. Há um lado objetivo de nossa salvação, que Bunyan coloca em termos de justificação: Deus "nos justifica, não nos dando leis, ou se tornando nosso exemplo, ou seguindo-o em algum sentido, mas com seu sangue derramado por nós. Ele justifica doar sobre nós, não esperar de nós. Mas adicionado a este lado objetivo do evangelho há uma realidade subjetiva, e observe como Bunyan a expressa: Como você deve conhecê-lo, e como os homens são justificados por ele, então você deve conhecer a disposição nele para receber e fazer por aqueles que precisam vir a Deus por ele. Suponha que seus méritos fossem [completamente] eficazes, mas se pudesse ser demonstrado que há nele uma relutância de que esses méritos sejam concedidos aos próximos poucos, poucas aventuras o aguardariam. Mas agora, como está cheio, é grátis. Nada o agrada mais do que dar o que ele tem; do que dá-lo aos pobres e necessitados.

Mesmo se crêssemos totalmente na doutrina da justificação e soubéssemos que todos os nossos pecados foram totalmente perdoados, não viríamos a Cristo com alegria se Ele fosse um Salvador austero. Mas sua postura agora, enquanto está no céu, sua disposição, seu desejo mais profundo, é derramar seu coração em nosso nome perante o pai. A intercessão de Cristo é o seu coração que conecta o nosso coração com o coração do pai.

Aquele texto no qual Bunyan baseou Cristo, um Salvador completo, Hebreus 7:25, é talvez o texto-chave em todo o Novo Testamento sobre a doutrina da intercessão de Cristo. Depois de refletir sobre o sacerdócio permanente e permanente de Cristo, o escritor conclui: Conseqüentemente, ele pode salvar até o fim aqueles que se aproximam de Deus por meio dele, pois vive sempre para interceder por eles.

A frase "ao extremo" é uma palavra grega (pantheles). É uma palavra que denota amplitude, integridade, integridade exaustiva. O único outro lugar que é usado no Novo Testamento é Lucas 13:11, onde descreve uma mulher que não consegue ficar em pé direito.

"Até o fim", mas ele está desativado há dezoito anos.

Qual é o sentido de dizer que Cristo salva "até o fim"? Nós, que conhecemos nosso coração, entendemos. Nós somos os mais pecadores.

Precisamos de um Salvador supremo.

Cristo não apenas nos ajuda. Ele nos salva. Isso pode parecer óbvio para aqueles de nós que andam com o Senhor há algum tempo. Claro que Jesus nos salva. Mas considere como seu coração funciona.

Você não consegue encontrar dentro de si uma necessidade mesquinha e incessante de fortalecer sua obra salvadora por meio de sua própria contribuição? Temos a tendência de agir como se Hebreus 7:25 dissesse que Jesus "pode salvar em grande parte aqueles que se aproximam de Deus por meio dele". Mas a salvação que Cristo traz são panteras; é abrangente. Na corrente de pensamento em Hebreus 7, parece haver um foco especial no aspecto temporal desta salvação. Porque Jesus "possui seu sacerdócio permanentemente" e "permanece para sempre" nele (v. 24), ao contrário dos sacerdotes anteriores que morreram (v. 23), Cristo "pode salvar até o fim".

Nossa presença no bom favor de Deus e na família nunca vai engasgar e morrer, como um motor ficando sem gasolina.

Todos nós tendemos a ter algum pequeno bolso em nossa vida onde achamos difícil acreditar que o perdão de Deus vem. Dizemos que estamos totalmente perdoados. E acreditamos sinceramente que nossos pecados estão perdoados.

Praticamente, pelo menos. Mas existe aquela parte profunda e sombria de nossas vidas, mesmo nossa vida atual, que parece tão intratável, tão feia, tão irrecuperável. "Ao máximo" em Hebreus 7:25 significa: O toque perdoador, redentor e restaurador de Deus alcança as fendas mais escuras de nossas almas, aqueles lugares onde estamos mais envergonhados, mais derrotados. Mais do que isso: essas fendas do pecado são em si os lugares onde Cristo mais nos ama. Seu coração vai lá de boa vontade. Seu coração está mais fortemente atraído para lá. Ele nos conhece plenamente e nos salva plenamente, porque seu coração está profundamente atraído por nós. Não podemos pecar para escapar de seu terno cuidado.

Mas como sabemos? O texto nos diz. "Ele pode salvar perpetuamente aqueles que se aproximam de Deus por meio dele, visto que vive sempre para interceder por eles." A intercessão celestial de Cristo é a razão pela qual sabemos que ele nos salvará completamente.

Isso é o que isso significa. O Filho divino nunca cessa (observe a palavra

"Sempre") para trazer sua vida expiatória, morte e ressurreição diante de seu Pai, momento a momento. Cristo "volta os olhos do Pai para a sua própria justiça", escreveu Calvino, "para desviar o olhar de nossos pecados. O coração do Pai nos reconcilia tanto que por sua intercessão

prepara-nos o caminho e o acesso ao trono do Pai"³. Percebemos o que isso significa? Observe o bendito realismo da Bíblia. Este é o reconhecimento explícito de que os cristãos são pecadores contínuos. Cristo continua a interceder por nós no céu porque continuamos a falhar aqui na terra. Ele não nos perdoa por meio de seu trabalho na cruz e depois espera que o façamos no resto do caminho.

Imagine um planador, elevado ao céu por um avião, para logo ser lançado para flutuar até o solo. Nós somos esse planador; Cristo é o avião.

Mas nunca se desconecta. Ele nunca nos deixa ir, desejando-nos bem, esperando que possamos deslizar o resto do caminho para o céu. Ele nos leva até o fim.

Portanto, uma maneira de pensar sobre a intercessão de Cristo é simplesmente esta: Jesus está orando por você agora. "É um pensamento reconfortante", escreveu o teólogo Louis Berkhof, "que Cristo está orando por nós, mesmo quando somos negligentes em nossa vida de oração."⁴ Nossa vida de oração é uma droga na maior parte do tempo. Mas e se você ouvir Jesus orando em voz alta por você na sala ao lado? Poucas coisas nos acalmariam mais profundamente.

A doutrina da atual intercessão celestial de Cristo é negligenciada hoje. Isso é uma pena, porque é uma verdade reconfortante e flui diretamente do

coração de Cristo. Enquanto a doutrina da expiação nos reafirma sobre o que Cristo fez no passado, a doutrina de sua intercessão nos reafirma sobre o que ele está fazendo no presente.

Se estás em Cristo, tens um intercessor, um mediador atual, que celebra com alegria com o seu Pai a razão abundante para que ambos te abracem no fundo do coração. Richard Sibbes escreveu:

Que consolo agora, em nossa abordagem diária de Deus, para ministrar coragem a nós mesmos em todas as nossas vestes, que vamos a Deus em nome de alguém que ele ama, em quem sua alma se agrada, que temos um amigo no tribunal, um amigo no céu para nós, que está à destra de Deus, e aí está ele para nós, em todas as nossas roupas que nos tornam agradáveis, que perfuma as nossas orações e as torna agradáveis. . . . Portanto, certifique-se em todas as nossas ações perante Deus de trazer nosso irmão mais velho. . . . Deus olha para nós, ama nele e se deleita em nós, visto que somos membros dele.⁵

Nosso pecado atinge seu ápice. Mas sua salvação atinge o máximo. E a sua salvação sempre supera e supera o nosso pecado, porque ele vive sempre para interceder por nós.

9

Um advogado

Advogado que temos diante do Pai,

Jesus Cristo, o justo.

1 João 2: 1

Uma noção intimamente relacionada à intercessão é a de promoção.

As duas ideias se sobrepõem, mas há uma nuance ligeiramente diferente nas palavras gregas subjacentes a cada uma. A intercessão tem a ideia de mediar entre duas partes, unindo-as. A incidência é semelhante, mas tem a ideia de se alinhar com outra. Um intercessor fica entre duas partes; Um defensor não se limita a ficar entre as duas partes, mas se aproxima e se junta a uma delas quando se aproxima da outra. Jesus não é apenas um intercessor, mas um advogado. E como a intercessão, a defesa de direitos é um ensino negligenciado na igreja hoje, e flui diretamente do fundo do coração de Cristo.

Bunyan escreveu um livro sobre Hebreus 7:25, o texto-chave da intercessão celestial de Cristo; Ele também escreveu um em 1 João 2: 1, o texto-chave da defesa celestial de Cristo, que diz:

Filhos meus, escrevo estas coisas para vocês, para que não pequem. Mas se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.

A mensagem da graça do Novo Testamento não é moralmente indiferente.

O evangelho nos chama a deixar o pecado. Juan diz explicitamente que escreveu esta carta para que seus leitores "não pequem". E se essa fosse a única mensagem na carta, seria uma intimação válida e apropriada.

Mas isso nos esmagaria. Precisamos não apenas de exortação, mas de libertação.

Não precisamos apenas de Cristo como rei, mas Cristo como amigo. Não apenas sobre nós, mas junto conosco. E é isso que o resto do versículo nos dá.

Mas se alguém pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo.

A palavra grega traduzida em 1 João 2: 1 como "advogado" (parakletos) é usada cinco vezes no Novo Testamento. Os outros quatro são encontrados no Discurso do Cenáculo em João 14–16, cada vez referindo-se ao ministério do Espírito Santo depois que Jesus ascende ao céu (14:16, 26; 15:26; 16: 7). É difícil entender o significado de parakletos com uma única palavra em inglês. A dificuldade se reflete na diversidade de traduções, incluindo "Helper" (ESV, NKJV, GNB, NASB), "Advogado" (NIV, NET), "Conselheiro" (CSB, RSV), "Consolador" (KJV) e "Companheiro" (CEB). Muitas dessas traduções contêm uma nota de rodapé textual oferecendo versões alternativas, refletindo a dificuldade de capturar parakletos com uma palavra em inglês. A ideia é que alguém aparece em nome de outro; pode ser

“Advogado” é a palavra mais próxima de todas as nossas palavras em inglês para expressar o papel de um parakletos. (Teólogos antigos como Tertuliano e

Agostinho escreve em latim frequentemente traduzido parakletos no Novo Testamento com advocatus. 1)

O texto de 1 João passa imediatamente a dizer que Jesus também é

“A propiciação pelos nossos pecados” (1 João 2: 2). Jesus como nossa "propiciação" significa que ele acalma ou afasta a justa ira do Pai contra os nossos pecados. É um termo legal, objetivo. Cristo, como nosso advogado, pode ter uma ligeira conotação jurídica, mas na maioria das vezes na literatura fora do Novo Testamento, nos primeiros tempos, tem a ver com algo mais subjetivo, expressando profunda solidariedade. Jesus compartilha

conosco nossa experiência atual. Sinta o que sentimos. Se aproxima. E fale com saudade em nosso nome.

Para quem é esse advogado? O texto nos diz: "qualquer um". A única qualificação necessária é o desejo.

Quando receberemos esta promoção? O texto diz-nos: não diz "teremos um defesa", mas sim "temos um defesa". Todos os que estão em Cristo têm, agora mesmo, alguém falando em seu nome.

Por que esse advogado pode nos ajudar? O texto nos diz: é

"justo". Ele e apenas ele. Somos injustos; ele é justo.

Até mesmo nosso melhor arrependimento por nossos pecados está infestado de mais pecados que precisam de mais perdão. Ir ao Pai sem advogado é inútil. Estar em aliança com um advogado, alguém que veio e me procurou em vez de esperar que eu fosse até ele, alguém que é justo em todas as coisas que eu não sou: isso é calma e confiança diante do Pai.

Vamos examinar mais profundamente a diferença entre a intercessão de Cristo e Sua defesa, observando a diferença entre Hebreus 7:25 e 1 João 2: 1. Hebreus 7:25 diz que Cristo sempre vive para interceder por nós, enquanto 1 João 2: 1 Ele diz: "Se alguém pecou, temos um advogado."

Você vê a diferença? Intercessão é algo que Cristo está sempre fazendo, enquanto defesa é algo que ele faz quando a ocasião exige. Ele aparentemente intercede por nós devido à nossa pecaminosidade geral, mas implora por nós no caso de pecados específicos. Bunyan explica assim:

Cristo, como sacerdote, vem antes, e Cristo, como advogado, vem depois.

Cristo, como sacerdote, intercede continuamente; Cristo, como Advogado, em caso de grandes transgressões, pleiteia.

Cristo, como sacerdote, deve sempre agir, mas Cristo, como advogado, apenas às vezes.

Cristo, como sacerdote, age em tempo de paz; mas Cristo, como Advogado, em tempos de tumulto, perturbação e contenda aguda; portanto, Cristo, como Advogado, é, como posso chamá-lo, uma reserva, e então sua hora é se levantar, se levantar e implorar, quando os seus estão revestidos de algum pecado imundo em que recentemente caíram.

Observe a natureza pessoal da defesa de Cristo. Não é uma parte estática do seu trabalho. Sua defesa se levanta quando a ocasião o exige. A bíblia em

Em nenhum lugar ensina que, uma vez que nos unimos a Cristo para a salvação, descobriremos que os pecados graves são coisa do passado. É nosso estado de regeneração que mais profundamente nos sensibilizou para a falta de correção de nossos pecados. Nossos pecados parecem muito mais pecaminosos depois que nos tornamos crentes do que antes. E não é apenas a nossa percepção sincera de nossa pecaminosidade; na verdade, continuamos a pecar depois de nos tornarmos crentes. Às vezes cometemos pecados graves. E é para isso que serve a defesa de Cristo. É a maneira de Deus nos encorajar a não jogar a toalha. Sim, falhamos com Cristo como seus discípulos. Mas sua defesa em nosso favor é maior do que nossos pecados. Sua defesa fala mais alto do que nossos fracassos. Tudo está pronto.

Quando você pecar, lembre-se de sua posição legal perante Deus por causa da obra de Cristo; mas lembre-se também de seu advogado diante de Deus por meio do coração de Cristo. Ele se levanta e defende sua causa, baseado nos méritos de seus próprios sofrimentos e morte. Sua salvação não é simplesmente uma questão de fórmula salvadora, mas de uma pessoa salvadora. Quando você peca, a força de determinação dele aumenta ainda mais.

Quando seus irmãos e irmãs falham e tropeçam, ele os defende porque é quem ele é. Ele não pode suportar nos deixar sozinhos para nos defendermos por nós mesmos.

Considere sua própria vida. O que você acha da atitude de Jesus em relação a esse bolso escuro da sua vida que só você conhece? Dependência excessiva de álcool. O mau humor, uma e outra vez. A obscura questão de suas finanças. O inveterado complacente que parece gentil com os outros, mas você sabe que teme o homem. O ressentimento arraigado que irrompe em acusações pelas costas. O uso habitual de pornografia.

Quem é Jesus, nesses momentos de vazio espiritual? Não: quem é ele depois de vencer esse pecado, mas quem é ele no meio dele?

O apóstolo João diz: levante-se e desafie todos os acusadores. "Satanás teve a primeira palavra, mas Cristo a última", escreveu Bunyan. "Satanás deve permanecer em silêncio após o apelo de nosso advogado." ³ Jesus é nosso Paráclito, nosso defensor consolador, aquele que está mais perto do que imaginamos, e seu coração é tal que ele se levanta e fala em nossa defesa quando pecamos, não depois de vencê-lo. Nesse sentido, sua defesa é em si nossa conquista dela.

Na verdade, somos chamados a abandonar nossos pecados, e nenhum cristão saudável sugeriria o contrário. Quando decidimos pecar, abandonamos nossa verdadeira identidade como filhos de Deus, convidamos a miséria para nossa vida e desagradamos a nosso Pai celestial. Somos chamados a amadurecer em

níveis mais profundos de santidade pessoal à medida que caminhamos com o Senhor, um

consagração mais verdadeira, novas perspectivas de obediência. Mas quando não ...

Quando escolhemos pecar, embora abandonemos nossa verdadeira identidade, nosso Salvador não nos abandona. Estes são os momentos em que seu coração explode em nosso nome em uma defesa renovada no céu com uma defesa retumbante que silencia todas as acusações, surpreende os anjos e celebra o abraço do Pai por nós, apesar de toda nossa desordem.

Que tipo de cristão acredita nesta doutrina?

Os humanos caídos são autodefensores por natureza. Isso flui de nós.

Auto-exoneração, legítima defesa. Não precisamos ensinar as crianças a dar desculpas quando pego se comportando mal.

Existe um mecanismo embutido natural que entra em ação imediatamente para explicar por que não foi realmente sua culpa. Nossos corações caídos fabricam intuitivamente razões pelas quais nosso caso não é tão ruim. A queda se manifesta não apenas em nosso pecado, mas em nossa resposta ao nosso pecado. Minimizamos, pedimos desculpas, explicamos. Em suma, falamos, mesmo que apenas em nossos corações, em nossa defesa.

Nós defendemos a nós mesmos.

E se nunca tivéssemos que nos defender porque outra pessoa havia prometido fazê-lo? E se aquele advogado soubesse perfeitamente como somos desanimados e, ao mesmo tempo, pudesse fazer uma defesa melhor para nós do que jamais poderíamos? Sem mudança de culpas ou desculpas, a maneira como nossas autodefesas tendem a operar, mas perfeitamente justo, apontando para o seu sacrifício e sofrimentos suficientes na cruz em nosso lugar? Estaríamos livres. Livres da necessidade de nos defendermos, de reforçar nosso senso de valor por meio da auto-contribuição, de exibirmos com calma nossas virtudes diante dos outros em uma dolorosa consciência subconsciente de nossas inferioridades e fraquezas. Podemos deixar nosso caso nas mãos de Cristo, o único justo.

Bunyan coloca da melhor forma:

Cristo deu por nós o preço do sangue; Mas isso não é tudo; Cristo, como Capitão, venceu a morte e a sepultura por nós, mas isso não é tudo; Cristo como sacerdote intercede por nós no céu; Mas isso não é tudo. O pecado ainda está em nós e conosco, e se mistura com tudo o que fazemos, seja religioso ou civil; não apenas por nossas orações e nossos sermões, nossas audiências e pregação; mas nossas casas, nossas lojas, nossos escritórios e nossas camas estão todos contaminados com o pecado.

Nem o diabo, nosso adversário dia e noite, se abstém de contar nossas más ações a nosso Pai, insistindo para que sejamos deserdados para sempre por causa disso.

Mas o que faríamos agora, se não tivéssemos advogado? sim, se não tivéssemos quem mendigar; sim, se não tivéssemos alguém que pudesse prevalecer e cumprir fielmente esse ofício por nós? Por que, devemos morrer.

Mas já que somos resgatados por ele, nós, como nós, colocamos a mão na boca e guardamos silêncio.

Não minimize seu pecado nem o desculpe. Não se defenda.

Basta levá-lo a quem já está à direita do Pai, defendendo-o com base nas suas próprias feridas. Deixe sua própria injustiça, em todas as suas trevas e desespero, levá-lo a Jesus Cristo, o justo, em todo o seu brilho e suficiência.

10

[A Beleza do Coração de Cristo](#)

*Quem ama mais o pai ou a mãe
que não sou digno de mim.*

Mateus 10:37

No verão de 1740, Jonathan Edwards pregou um sermão exclusivamente para os filhos de sua congregação, com idades entre um e quatorze anos. Imagine o grande teólogo, preparando-se em seu estudo lá em Northampton, Massachusetts, pensando no que dizer às crianças de seis, oito e dez anos de idade em sua igreja. O sermão, conforme ele o preparava, cobria doze pequenas páginas em sua bela caligrafia floreada. O topo da primeira página simplesmente diz:

"Para as crianças, agosto de 1740".

O que você espera que o maior teólogo da história americana diga às crianças de sua congregação? Este foi o ponto principal de Edwards: "As crianças devem amar o Senhor Jesus Cristo acima de todas as coisas no mundo."

Ele tomou como texto Mateus 10:37, que em sua versão King James dizia: "Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim." Foi um sermão curto, levando talvez quinze ou vinte minutos para pregar. Nele, Edwards lista

seis razões pelas quais as crianças devem amar Jesus mais do que qualquer outra coisa na vida. A primeira é: não há amor tão grande e maravilhoso como o que está no coração de Cristo. Ele é aquele que se deleita na misericórdia; está disposto a ter pena daqueles que estão em circunstâncias dolorosas e dolorosas; aquele que se deleita na felicidade de suas criaturas. O amor e a graça que Cristo manifestou superam tudo neste mundo, pois o sol é mais brilhante do que uma vela. Os pais costumam ser muito bondosos para com os filhos, mas essa bondade não é como a de Jesus Cristo.

A primeira coisa que saiu da boca de Jonathan Edwards, ao exortar os filhos de sua igreja a amar Jesus mais do que tudo que este mundo tem a oferecer, foi o coração de Cristo. E neste sermão e em seus escritos mais amplamente, Edwards nos leva em uma direção diferente daquela que Goodwin e outros teólogos tendem a seguir. Quando Edwards fala do coração de Cristo, ele frequentemente enfatiza a beleza ou amabilidade de seu coração gracioso. E isso vale um capítulo.

Olhe novamente para o que Edwards diz: "Não há amor tão grande e maravilhoso como aquele que está no coração de Cristo."

Os seres humanos são criados com uma atração embutida pela beleza. Nos prende. Edwards compreendeu isso profundamente e viu que essa atração magnética pela beleza também ocorre nas coisas espirituais; na verdade, Edwards diria que é a beleza espiritual da qual todas as outras 96

A Beleza do Coração de Cristo A beleza é uma sombra ou um eco. Ao longo de seu ministério, Edwards procurou cortejar as pessoas com a beleza de Cristo, e isso é tudo o que ele está fazendo com as crianças em sua igreja em agosto de 1740. Mais tarde neste sermão, ele comenta: o belo em Deus está em Cristo, e tudo o que é ou pode ser belo em qualquer homem; porque ele é homem e também Deus, e é o mais santo, manso, humilde e em todos os sentidos o homem mais excelente que já existiu”².

Toda a beleza possível está em Jesus, porque “ele é o homem santíssimo, manso e humilde e, em todos os sentidos, o homem mais excelente que já existiu”. Esta linguagem da mansidão e humildade de Cristo é como o próprio Cristo descreve seu próprio coração em Mateus 11:29. Em outras palavras, é o doce coração de Cristo que o adorna com beleza; Em outras palavras, o que mais nos atrai a Cristo é seu coração meigo, terno e humilde.

Em nossas igrejas hoje, frequentemente nos referimos à glória de Deus e à glória de Cristo. Mas o que há na glória de Deus que nos atrai e nos faz superar nossos pecados e nos torna pessoas radiantes? É o tamanho de Deus, uma consideração da vastidão do universo e, portanto, do Criador, um senso da grandeza transcendente de Deus, que nos atrai a Ele? Não,

Edwards diria; é a beleza do seu coração. É, diz ele, “uma visão da beleza divina de Cristo, que inclina as vontades e atrai o coração dos homens. Uma visão da grandeza de Deus em seus atributos pode oprimir os homens. "Mas ver a grandeza de Deus não é nossa necessidade mais profunda, mas ver sua bondade. Ver apenas sua grandeza", a inimizade e oposição do coração, pode permanecer em toda a sua força, e a vontade permanecerá inflexível, enquanto a bondade de Jesus Cristo, que brilha no coração, vence e anula esta oposição e inclina a alma a Cristo, por assim dizer, por um poder onipotente”³.

Somos atraídos a Deus pela beleza do coração de Jesus. Quando pecadores e sofredores vêm a Cristo, Edwards diz em outro sermão, "a pessoa que eles encontram é extremamente boa e bonita."

Porque eles vêm para alguém que não é apenas “de excelente majestade e perfeita pureza e brilho”, mas também alguém em quem esta majestade está “unida com a mais doce graça, alguém que está vestido de mansidão, mansidão e amor”.⁴ Jesus está “extremamente pronto para recebê-los”. Dada a sua pecaminosidade, eles ficam surpresos ao descobrir que seus pecados o tornam mais disposto a afundá-los em seu coração. “Eles o encontram inesperadamente de braços abertos para abraçá-los, pronto para esquecer para sempre todos os seus pecados como se eles nunca tivessem existido”⁵.

Em outras palavras, quando vamos a Cristo, ficamos impressionados com a beleza de seu coração acolhedor. A surpresa é por si só o que nos atrai.

Já consideramos a beleza do coração de Cristo?

Talvez a beleza não seja uma categoria que vem naturalmente à mente quando pensamos em Cristo. Talvez pensemos em Deus e Cristo.

A Beleza do Coração de Cristo em termos de verdade, não beleza. Mas a única razão pela qual nos preocupamos com a sã doutrina é preservar a beleza de Deus, assim como a única razão pela qual nos preocupamos com lentes focais eficazes em uma câmera é para capturar com precisão a beleza que fotografamos.

Deixe Jesus atrair você através da beleza de seu coração. Este é um coração que repreende o impenitente com toda a aspereza apropriada, mas abraça o penitente mais francamente do que podemos sentir. É um coração que nos conduz ao campo luminoso do amor de Deus sentido. É um coração que atraiu o desprezado e indefeso a seus pés em esperança altruísta. É um coração em perfeito equilíbrio e proporção, nunca exagerando, nunca dando desculpas, nunca atacando. É um coração que bate de desejo pelos sem-teto. É um coração que inunda o sofrimento com as profundezas

consolo de solidariedade compartilhada naquele sofrimento. É um coração manso e humilde.

Portanto, deixe o coração de Jesus ser algo que não é apenas gentil com você, mas também encantador para você. Se posso dizer assim: apaixone-se pelo coração de Jesus. Tudo o que quero dizer é: reflita sobre ele através do seu coração. Deixe-se seduzir. Por que não incorporar a tranquilidade sem pressa à sua vida, onde, entre outras disciplinas, você considera a radiância de quem você realmente é, o que o anima, qual é o seu deleite mais profundo? Por que não dar à sua alma espaço para se encantar com Cristo repetidas vezes?

Quando você olha para os gloriosos santos maiores em sua igreja, como você acha que eles chegaram lá? Sã doutrina, sim. Obediência determinada, sem dúvida. Sofra sem se tornar cínico, claro. Mas talvez outra razão, talvez a razão mais profunda, é que, com o tempo, eles foram conquistados em suas afeições mais profundas por um Salvador gracioso. Talvez eles simplesmente tenham saboreado, por muitos anos, a surpresa de um Cristo por quem seus próprios pecados os atraem em vez de afastá-los. Talvez eles não apenas soubessem que Jesus os amava, mas eles sentiam isso.

Não podemos encerrar este capítulo sem pensar nas crianças em nossas vidas. Jonathan Edwards disse às crianças que conhecia: "Não há amor tão grande e maravilhoso como o que está no coração de Cristo." Como poderíamos, à nossa maneira e em nosso tempo, fazer o mesmo?

O que as crianças que saudamos nos corredores de nossa igreja precisam? Mais profundamente? Sim, eles precisam de amigos, incentivo, apoio acadêmico e boas refeições.

Mas poderia ser que a necessidade mais verdadeira, o que irá sustentá-los e oxigená-los quando todas essas outras necessidades vitais não forem satisfeitas, é o senso de atração de quem Jesus é para eles? Como você realmente se sente em relação a eles?

Com nossos próprios filhos, se somos pais, qual é o nosso trabalho? Essa pergunta poderia ser respondida com uma centena de respostas válidas. Mas, no fundo, nosso trabalho é mostrar a nossos filhos que mesmo nosso melhor amor é a sombra de um amor maior. Para lhe dar um toque mais nítido: para tornar o terno coração de Cristo irresistível e inesquecível. Nosso objetivo é que nossos filhos saiam de casa aos dezoito anos e não possam viver o resto de suas vidas acreditando que seus pecados e sofrimentos repelem a Cristo.

Este é talvez o melhor presente que meu pai me deu. Sem dúvida, ele ensinou a meus irmãos e a mim a sã doutrina à medida que envelhecíamos, o que é um lapso doloroso na vida familiar evangélica hoje. Mas há algo que me mostrou que é ainda mais profundo do que a verdade sobre

Deus, e esse é o coração de Deus, testado em Cristo, o amigo dos pecadores. Papai fez isso 100

A Beleza do Coração de Cristo é um lindo coração para mim. Ele não me meteu nisso; ele me atraiu. Nós também temos o privilégio de encontrar maneiras criativas de atrair as crianças ao nosso redor para o coração de Jesus. Seu desejo de alcançar pecadores e aqueles que sofrem não é apenas doutrinariamente verdadeiro, mas também esteticamente atraente.

onze

[A vida emocional de Cristo](#)

Quando Jesus a viu chorando e os judeus que haviam vindo com ela também chorando, seu espírito ficou profundamente comovido e ele ficou profundamente comovido.

João 11:33

Uma das doutrinas na área da cristologia que é difícil para alguns cristãos entenderem é a permanência da humanidade de Cristo.

A impressão frequentemente parece ser que o Filho de Deus desceu do céu em forma encarnada, passou aproximadamente três décadas como humano e então voltou ao céu para retornar ao seu estado pré-encarnado.

Mas este é um erro cristológico, se não uma heresia absoluta. O Filho de Deus se revestiu de humanidade e jamais se despirá. Ele se tornou um homem e sempre será. Este é o sentido da doutrina da ascensão de Cristo: ele subiu ao céu com o mesmo corpo, refletindo sua humanidade plena, que ressuscitou da sepultura. Ele é e sempre foi divino também, é claro. Mas sua humanidade, uma vez assumida, nunca terá fim. Em Cristo, diz o Catecismo de Heidelberg, “temos a nossa própria carne no céu” (p. 49).

Uma implicação desta verdade da eterna humanidade de Cristo é que quando vemos os sentimentos, paixões e afeições do Cristo encarnado para com os pecadores e aqueles que sofrem conforme nos foi dado nos quatro evangelhos, estamos vendo quem Jesus é para nós hoje . O Filho não se retirou para o estado divino incorpóreo em que existia antes de se tornar carne.

E aquela carne que o Filho assumiu era a humanidade verdadeira, plena e completa. Na verdade, Jesus foi a pessoa mais verdadeiramente humana que já viveu. Heresias antigas como o eutiquianismo e o monofisismo viam Jesus como uma espécie de mistura entre o humano e o divino, um terceiro tipo de ser único em algum lugar entre Deus e o homem.

heresias que foram condenadas no quarto concílio ecumênico de Calcedônia (na atual Turquia) em 451. O credo calcedoniano que emergiu daquele concílio fala de Jesus como "verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem", em vez de uma mistura reduzida de ambos. O que quer que signifique ser humano (e humano sem pecado), Jesus era e é. E as emoções são uma parte essencial do ser humano. Nossas emoções estão doentes com a queda, é claro, assim como cada parte da humanidade caída foi afetada pela queda. Mas as emoções não são o resultado da queda. Jesus experimentou toda a gama de emoções que experimentamos (Hebreus 2:17; 4:15)

.1 Como Calvino disse, "o Filho de Deus, tendo-se revestido de nossa carne, por sua própria vontade também se revestiu de sentimentos humanos, para que não diferisse em nada de seus irmãos, exceto no pecado."2

O grande teólogo de Princeton BB War Field (1851-1921) escreveu um famoso ensaio em 1912 chamado "Sobre a vida emocional de Nosso Senhor". Nele, ele explorou o que os Evangelhos revelam sobre a vida interior de Cristo, o que War Field chama de sua vida "emocional". Campo de guerra não significava o que geralmente queremos dizer com a palavra emocional: desequilibrado, reacionário, impulsionado por nossos sentimentos de uma forma doentia. Você está simplesmente percebendo o que Jesus sentiu. E enquanto reflete sobre as emoções de Cristo, War Field observa repetidamente a maneira como suas emoções fluem do fundo de seu coração.

O que vemos então nos evangelhos da vida emocional de Jesus? Como é uma vida emocional piedosa? É uma vida interior de perfeito equilíbrio, proporção e controle, por um lado; mas também de uma grande profundidade de sentimento, por outro lado.

O campo da guerra reflete em várias emoções que vemos refletidas em Jesus nos Evangelhos. Dois deles, compaixão e raiva, são explorados de uma forma que completa nosso próprio estudo do coração de Cristo.

War Field começa seu estudo de emoções específicas na vida de Cristo desta forma:

A emoção que devemos naturalmente esperar encontrar é muitas vezes atribuída àquele Jesus cuja vida inteira foi uma missão de misericórdia e cujo ministério foi tão marcado por obras de caridade que se resumiu na memória de seus seguidores como uma passagem pela terra. . "fazer o bem" (Atos 11:38), certamente é "compaixão". Na verdade, essa é a emoção mais atribuída a ele3.

Ele então cita exemplos específicos da compaixão de Cristo.

Em todos os momentos, ele está tentando nos ajudar a ver que Jesus não agiu simplesmente por compaixão, mas na verdade sentiu a agitação interna e as emoções turbulentas de piedade para com os desafortunados. Quando o cego, o coxo e o aflito apelaram a Jesus, “seu coração respondeu com um profundo sentimento de pena deles. Sua compaixão foi cumprida no ato externo; mas o que enfatiza o termo usado para expressar a resposta de nosso Senhor é. . . o movimento interno profundo de sua natureza emocional.”⁴ Ouça a súplica, por exemplo, de dois cegos para ver (Mateus 20: 30-31) ou do leproso para ser purificado (Marcos 1:40), ou simplesmente ver (sem ouvir nenhuma súplica) um angustiado viúva (Lucas 7:12), “fez o coração de nosso Senhor palpitar de piedade”.

Em cada um desses casos, Jesus é descrito agindo a partir do mesmo estado interno (Mateus 20:34; Marcos 1:41; Lucas 7:13). A palavra grega é *splanchnizo*, frequentemente traduzida como “tenha compaixão”.

Mas a palavra denota mais do que pena passageira; refere-se a um sentimento profundo no qual seus sentimentos e anseios se agitam dentro de você. A forma substantiva deste verbo significa literalmente as vísceras ou os intestinos.

War Field é particularmente revelador, no entanto, sobre a implicação dessa compaixão em como entendemos quem Jesus era e como realmente era sua vida emocional interior. Ao longo de seu ensaio, Warfield reflete sobre o fato de que Jesus é o único ser humano perfeito que já andou na face da terra; Como, então, devemos entender sua vida emocional e uma emoção como a compaixão? O que nos ajuda a ver é que as emoções de Cristo superam as nossas em sentimento, porque ele era verdadeiramente humano (em oposição a uma mistura divino-humana) e porque era um ser humano perfeito.

Talvez um exemplo esclarecesse. Lembro-me de andar pelas ruas de Bangalore, Índia, alguns anos atrás. Eu tinha acabado de pregar em uma igreja na cidade e estava esperando meu veículo chegar. Imediatamente fora do terreno da igreja estava um homem mais velho, aparentemente sem-teto, sentado em uma grande caixa de papelão. Suas roupas estavam esfarrapadas e sujas. Vários dentes estavam faltando. E o que foi imediatamente mais angustiante foram suas mãos. A maioria de seus dedos estavam parcialmente comidos. Estava claro que eles não haviam sido danificados por um ferimento, mas simplesmente consumidos com o tempo. Ele era um leproso.

O que aconteceu em meu coração naquele momento? Meu coração caiu, propenso a vagar? Compaixão. Um pouco, pelo menos. Mas foi uma compaixão morna. A queda me arruinou, tudo de mim, incluindo minhas emoções. As emoções caídas não reagem apenas de forma pecaminosa; eles também reagem de uma maneira

pecaminoso. Por que meu coração estava tão frio com este senhor miserável? Porque sou um pecador.

Então, o que deve significar para um homem sem pecado com emoções totalmente funcionais colocar os olhos naquele leproso? O pecado restringiu minhas emoções de compaixão; Como seriam as emoções desenfreadas de compaixão?

Isso é o que Jesus sentiu. Compaixão perfeita, não filtrada. Como deve ter sido isso, surgir dentro dele? Como seria a piedade perfeita, mediada não por um oráculo profético como no Antigo Testamento, mas por um ser humano real, real? E se aquele humano ainda fosse humano, mesmo estando agora no céu, e olhasse para cada um de nós, leprosos espirituais com compaixão não filtrada, uma afeição transbordante que não é limitada pela auto-absorção pecaminosa que restringe nossa própria compaixão?

E não apenas compaixão. Qual seria a aparência da raiva perfeita?

Esta é talvez a contribuição chave do ensaio seminal War Field, e pode corresponder a uma questão que surge em sua própria mente no decorrer deste estudo do coração de Cristo. Isto é, como essa ênfase no coração de Cristo, seu coração manso e humilde, sua profunda compaixão, se encaixa com os episódios de raiva que encontramos nos Evangelhos?

Estaremos sendo inutilmente tendenciosos se nos concentrarmos em sua bondade? Ele também não está com raiva?

Considere o que War Field diz quando você começa a explorar a ira de Jesus. Depois de notar que é uma questão de perfeição moral não apenas distinguir entre o bem e o mal, mas ser positivamente atraído por um e repelido pelo outro, ele diz:

Seria impossível, portanto, para um ser moral permanecer na presença de um mal percebido, indiferente e impassível. Precisamente o que queremos dizer com um ser moral é um ser que está ciente da diferença entre o bem e o mal e reage apropriadamente ao bem e ao mal percebidos como tal. As emoções de indignação e raiva pertencem, portanto, à própria expressão de um ser moral como tal e não podem faltar na presença do mal⁶.

War Field está dizendo que um humano moralmente perfeito como Cristo seria uma contradição se ele não ficasse com raiva. Talvez sintamos que, ao enfatizar a compaixão de Cristo, estamos negligenciando sua raiva; e na medida em que enfatizamos sua raiva, negligenciamos sua compaixão. Mas o que devemos ver é que os dois surgem e caem juntos. Um Cristo sem compaixão jamais poderia ter se irritado com as injustiças que o cercam, a severidade e a barbárie humana, mesmo aquela que brota da elite religiosa. Não, “compaixão e indignação são

eles crescem juntos em suas almas ”. 7 É o pai que mais ama a filha que fica mais ferozmente irado se ela for maltratada.

Considere a ira de Jesus por meio do seguinte silogismo lógico: Premissa # 1: A bondade moral se rebela em raiva indignada contra o mal.

Premissa # 2: Jesus era o epítome da bondade moral; ele era moralmente perfeito.

Conclusão: Jesus se rebelou contra o mal com uma raiva indignada mais profundamente do que qualquer um.

Sim, Jesus proferiu duras denúncias contra aqueles que fazem os filhos pecar, dizendo que seria um destino melhor se eles se afogassem (Mateus 18: 6), não porque ele gosta de torturar os ímpios com alegria, mas mais profundamente porque ama as crianças. É o seu coração de amor, não uma alegria que exige justiça, que se eleva da sua alma para provocar tão terrível declaração de dor.

O mesmo é o caso com o pronunciamento sustentado do julgamento sobre os escribas e fariseus ao longo de Mateus 23: o que alimenta essas censuras terríveis? É sua preocupação para aqueles que são enganados e maltratados por esses venerados médicos religiosos. Aqueles que ouvem esses professores estão recebendo "fardos pesados, difíceis de suportar".

(Mateus 23: 4). Essas queridas pessoas estão sendo feitas “duas vezes mais filhos do inferno” que os escribas e fariseus (23:15). Resumindo, os escribas e fariseus são culpados do sangue de uma cadeia inteira de profetas justos (23:34-35). Seu coração pelas pessoas era o oposto do coração de Jesus. Eles queriam usar pessoas para se construir; Jesus queria servir as pessoas, edificá-las. Jesus queria reunir as pessoas sob suas asas da mesma forma que uma galinha reúne seus pintinhos sob as asas para proteção materna (23:37).

Que tal tirar os cambistas do templo? Isso não foi exatamente uma coisa muito legal de se fazer. Como seu coração se encaixa nisso? Na verdade, somos informados de que Jesus fez ele mesmo o chicote (João 2:15). Imagine-o ali, sozinho, movendo-se de um lado para o outro, construindo calmamente a arma com a qual expulsaria ferozmente os cambistas, virando a mesa. Mas por que ele fez isso? Porque eles haviam pervertido o uso do templo. Esta era a casa de Deus, o único lugar onde os pecadores podiam vir e oferecer sacrifícios e desfrutar da comunhão com Deus, a certeza de seu favor e graça. Seria um lugar de oração, de troca abençoada entre Deus e seu povo. Os cambistas foram os que deram a volta por cima: mudando o templo de um lugar para conhecer e ver Deus para um lugar para ganhar dinheiro.

O que estamos dizendo é que, sim, Cristo estava zangado e ainda está zangado, porque ele é o ser humano perfeito, que ama demais para permanecer indiferente. E esta

a raiva justa reflete seu coração, sua terna compaixão. Mas porque seu coração mais profundo é de terna compaixão, ele é o mais rápido em ficar com raiva e sente a raiva mais furiosamente, e tudo isso sem nenhum indício de pecado para manchar essa raiva.

O exemplo mais claro da justa ira de Cristo nos Evangelhos é a morte de Lázaro em João 11, onde o verbo usado nos versículos 33 e 38 para descrever o estado interior de Jesus é de profunda fúria. “Jesus se aproximou do túmulo de Lázaro, em um estado, não de dor incontrollável, mas de raiva irreprimível. . . . A emoção que rasgou seu peito e clamou por expressão era simplesmente raiva.”⁸ War Field continua a considerar o papel do episódio de Lázaro no Evangelho de João como um todo. Observe a maneira como ele está ligado ao coração de Cristo: uma fúria inextinguível se apodera dele. . . . A morte é o objeto de sua ira, e por trás da morte aquele que tem o poder da morte e que veio ao mundo para destruir. Lágrimas de simpatia podem encher seus olhos, mas isso é acidental. Sua alma está dominada pela raiva. . . . A ressurreição de Lázaro torna-se assim, não uma maravilha isolada, mas. . . um exemplo decisivo e símbolo aberto da conquista da morte e do inferno por Jesus.

O que John faz por nós. . . é descobrir o coração de Jesus, visto que ele conquista para nós a nossa salvação. Não com fria indiferença, mas com raiva ardente contra o inimigo, Jesus ataca em nosso nome.

Ele não apenas nos salvou dos males que nos oprimem; Ele sentiu por nós e conosco em nossa opressão e, sob o impulso desses sentimentos, cumpriu nossa redenção.

Enquanto Cristo é um leão para o impenitente, ele é um cordeiro para o penitente: o pequeno, o aberto, o faminto, o ansioso, o confessor, o humilde. Odeie com ódio tudo que te atormenta. Lembre-se de que Isaías 53 fala de Cristo suportando nossas dores e suportando nossas dores (v. 4). Ele não foi apenas punido em nosso lugar, experimentando algo que nunca vamos experimentar (condenação); Ele também sofreu conosco, vivenciando o que nós mesmos fazemos (maus tratos). Em sua dor, ele está triste. Em sua angústia, ele está angustiado.

Você está com raiva hoje? Não vamos nos precipitar em tentar espalhar isso como pecaminoso. Afinal, a Bíblia nos ordena positivamente que fiquemos zangados quando a ocasião o exigir (Salmos 4: 4; Efésios 4:26). Você pode ter motivos para estar com raiva. Talvez eles tenham pecado contra você e a única resposta apropriada seja a raiva. Console-se com isso: Jesus está zangado com você. Ele se junta a você em sua raiva. Na verdade, ele está mais furioso do que você poderia estar com o mal que eles fizeram a você. Sua justa raiva é uma sombra da dele. E a raiva dele, ao contrário da sua, não tem mancha de pecado. Ao considerar aqueles que o injustiçaram, deixe Jesus ficar zangado por você.

Sua raiva pode ser confiável. Porque é uma raiva que surge da compaixão dele por você. A indignação que sentiu quando

encontrada com os maus-tratos de outras pessoas nos Evangelhos é a mesma indignação que você sente agora no céu com os maus-tratos de você.

Com esse conhecimento, libere seu devedor e respire novamente. Que o coração de Cristo por ti não só te lave na sua compaixão, mas também te assegure a sua solidariedade na raiva contra tudo o que te aflige, especialmente a morte e o inferno.

12

Um amigo carinhoso

. . . amigo de cobradores de impostos e pecadores!

Mateus 11:19

Uma categoria na qual pensar sobre o coração de Cristo é a amizade. Seu coração se forma como nosso amigo que nunca falha.

Essa era uma maneira comum de entender Cristo mais nas gerações passadas do que hoje. Consideramos o assunto da amizade divina nos puritanos neste capítulo, mas não precisamos nem mesmo recorrer a autores históricos ou mesmo cristãos para saber que hoje, infelizmente, empobrecemos até mesmo a categoria da amizade entre humanos, talvez especialmente entre os homens. Richard Godbeer, professor de história na Virginia Commonwealth University, demonstrou, por meio de uma extensa revisão da correspondência escrita, que a amizade masculina se diluiu muito hoje em comparação com a riqueza da afeição saudável e não erótica entre os homens da América colonial.

Mas se permitirmos que o mundo ao nosso redor, em nosso atual momento cultural, dite o significado da amizade, não apenas perderemos uma realidade vital para o florescimento humano em um nível horizontal; perdemos, pior ainda, em desfrutar da amizade de Cristo em um nível vertical.

Uma das referências mais marcantes à amizade de Cristo é encontrada pouco antes do texto Estrela Polar de nosso estudo em Mateus 11: 28-30. Em Mateus 11,19, Jesus cita seus acusadores, chamando-o com desdém de "amigo de cobradores de impostos e pecadores!" (quer dizer, amigo dos pecadores mais desprezíveis que se conhecem naquela cultura). E como é frequentemente o caso nos Evangelhos, como quando os demônios dizem: "Eu sei quem tu és, o Santo de Deus" (Marcos 1:24), ou quando o próprio Satanás reconhece que Cristo é "o Filho de Deus". "(Lc 4, 9): não são os seus discípulos, mas os seus adversários que percebem mais claramente quem ele é. Embora a multidão o chame de amigo dos pecadores como uma acusação, o rótulo é um conforto indescritível para aqueles que se dizem pecadores.

O que significa que Cristo é amigo dos pecadores? No mínimo, significa que você gosta de passar o tempo com eles. Isso também significa que eles se sentem bem-vindos e confortáveis com isso. Observe a passagem que começa com uma série de parábolas em Lucas: "Agora os publicanos e pecadores se aproximavam para ouvi-lo."

(Lucas 15: 1). Os mesmos dois grupos de pessoas que Jesus é acusado de fazer amizade em Mateus 11 são aqueles que não conseguem ficar longe dele em Lucas 15. Eles se sentem confortáveis com ele. Eles sentem algo diferente nele. Outros os seguram com os braços estendidos, mas Jesus oferece a intriga tentadora de uma nova esperança. O que você realmente está fazendo, no fundo, é atraí-los para o seu coração.

Considere seu próprio círculo relacional. Claro, a linha de quem são seus amigos pode ser desenhada em diferentes lugares, como círculos concêntricos afilando em um alvo. Existem algumas pessoas em nossas vidas cujos nomes conhecemos, mas na verdade estão na periferia de nossas afeições. Outros estão mais próximos do meio, mas podem não ser amigos íntimos. Continuando a nos mover em direção ao centro, alguns de nós somos abençoados por ter um ou dois amigos particularmente próximos, alguém que realmente nos conhece e "agarra" a nós, alguém para quem é simplesmente um prazer mútuo estar na companhia um do outro. Para muitos de nós, Deus nos deu um cômigo como nosso amigo terreno mais próximo.

Mesmo percorrer esse breve experimento mental, é claro, acende bolsões de dor mental. Alguns de nós somos forçados a admitir que não temos um amigo verdadeiro, alguém a quem possamos recorrer em caso de problemas, sabendo que não seremos rejeitados. Com quem em nossas vidas nos sentimos seguros, realmente seguros, seguros o suficiente para falar sobre tudo?

Aqui está a promessa do evangelho e a mensagem de toda a Bíblia: Em Jesus Cristo, recebemos um amigo que sempre desfrutará, em vez de rejeitar nossa presença. Este é um companheiro cujo abraço em relação a nós não fortalece nem enfraquece dependendo de quão limpo ou impuro, quão atraente ou nojento, quão fiel ou inconstante nós somos atualmente.

A bondade de seu coração para conosco subjetivamente é tão fixa e estável quanto o é a declaração de sua justificação de nós objetivamente.

A maioria de nós não vai admitir que, mesmo com nossos melhores amigos, não nos sentimos completamente à vontade para espalhar tudo sobre nossas vidas? Nós gostamos deles, e até os amamos, saímos de férias com eles e cantamos seus louvores aos outros, mas realmente, no nível mais profundo do coração, não nos confiamos a eles. Mesmo em muitos de nossos

Casais, somos algum tipo de amigos, mas não nos despimos da alma como o fizemos no corpo.

E se você tivesse um amigo no centro do alvo do seu círculo de relacionamento, que você soubesse que nunca levantaria uma sobrelha com o que você compartilha com ele, mesmo as piores partes de você? Todas as nossas amizades humanas têm um limite para o que podem suportar. Mas e se houvesse um amigo sem limites? Sem limite para o que ele toleraria e ainda gostaria de estar com você? "Todos os tipos e graus de amizade são encontrados em Cristo", escreveu Sibbes.²

Considere a descrição do Cristo ressuscitado em Apocalipse 3. Lá ele diz (para um grupo de cristãos que são "miseráveis, miseráveis, pobres, cegos e nus", v. 17): "Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, "o que Cristo fará?

"Entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo" (v. 20).

Jesus quer ir até você, miserável, miserável, pobre, cego, nu, e desfrutar das refeições juntos. Passe um tempo com você. Aprofunde o conhecimento. Com um bom amigo, você não precisa preencher constantemente todos os espaços silenciosos com palavras. Eles podem estar calorosamente presentes juntos, desfrutando silenciosamente da companhia um do outro. "A comunhão mútua é a alma de toda amizade verdadeira", escreveu Goodwin, "e uma conversa em família com um amigo tem a maior doçura."

Não devemos domesticar Jesus abertamente aqui. Ele não é qualquer amigo. Alguns capítulos anteriores em Apocalipse, vemos uma descrição de Cristo tão avassaladora para João que ele cai imobilizado (1: 12-16). Mas também não devemos diluir a humanidade, o puro desejo relacional, claramente presente nestas palavras da boca do próprio Cristo ressuscitado. Ele não está esperando que você ative o seu coração; Ele já está parado na porta, batendo, querendo entrar em você. Qual é o nosso trabalho? "Nosso dever", diz Sibbes, "é aceitar o convite de Cristo para nós. O que faremos por ele se não festejarmos com ele? "

Mas você não está apenas sendo perseguido por um verdadeiro amigo; permite que você o persiga e se abre para você sem impedi-lo. Você já notou o ponto específico que Jesus está fazendo quando chama seus discípulos de "amigos" em João 15? Prestes a ir para a cruz, Jesus diz-lhes: "Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; Mas chamei-vos de amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos fiz saber"(João 15:15).

Os amigos de Jesus são aqueles a quem ele abriu seus propósitos mais profundos. Jesus diz que não transmite aos seus discípulos algo do que o Pai lhe disse; conta tudo a eles.

Não há nada retido. Ele os deixa entrar completamente. Amigos de Jesus são bem-vindos para vir a ele. Jonathan Edwards pregou: Deus em Cristo permite que criaturas tão pequenas e pobres quanto você venham a ele, amem a comunhão com ele e mantenham uma comunicação amorosa com ele. Você pode ir a Deus e dizer a ele o quanto você o ama e abrir seu coração e ele aceitará. . . . Ele desceu do céu e assumiu a natureza humana com um propósito: estar perto de você e ser, por assim dizer, seu companheiro.

Parceiro é outra palavra para amigo, mas conota especificamente a ideia de alguém acompanhando você em uma viagem. Enquanto fazemos nossa peregrinação por este vasto mundo selvagem, temos um amigo constante e constante.

O que estou tentando dizer neste capítulo é que o coração de Cristo não apenas cura nossos sentimentos de rejeição com seu abraço, e não apenas corrige nosso senso de sua aspereza em vista de sua doçura, e não apenas muda nossa suposição de sua distância, em uma consciência de sua simpatia por nós, mas ele também cura nossa solidão com sua simples companhia.

No volume 2 de suas Obras, Richard Sibbes reflete sobre o que significa que Jesus Cristo é nosso amigo. Particularmente surpreendente é o tema comum, pois destaca várias facetas da amizade de Cristo com o seu povo. Esse tema comum é reciprocidade; Em outras palavras, a amizade é uma relação bidirecional de alegria, conforto e abertura, 5 Jonathan Edwards, "O espírito dos verdadeiros santos é um espírito de amor divino", no de companheiros, em oposição a uma relação unilateral, como o de rei com súdito ou pai com filho. Na verdade, Cristo é de fato nosso governante, nossa autoridade, aquele a quem toda lealdade e obediência são reverentemente devidas. Sibbes nos lembra explicitamente disso quando refletimos sobre a amizade de Cristo ("Como ele é nosso amigo, assim é nosso rei" 6). Mas também,

Considere a maneira como Sibbes fala da amizade de Cristo conosco: na amizade há consentimento mútuo, uma união de julgamento e afeições. Existe uma simpatia mútua entre os mocinhos e os malvados. . . .

Existe liberdade que é a vida de amizade; existe uma troca livre entre amigos, uma abertura gratuita de segredos. Portanto, aqui Cristo abre seus segredos para nós e nós para ele. . . .

Na amizade, existe conforto mútuo e conforto no outro. Cristo se deleita em seu amor pela igreja, e sua igreja se deleita em seu amor por Cristo. . . .

Na amizade existe honra e respeito mútuos.

Você vê a linha comum? Observe a palavra "mútuo" ou a frase "um ao outro" em todas as facetas da amizade de Cristo. A questão é que ele está conosco, como um de nós, compartilhando nossa vida e experiência, e o amor e o conforto que um ao outro desfruta entre amigos também é desfrutado entre Cristo e nós. Em suma, se refere a nós como pessoa. Jesus não é a ideia de amizade, de forma abstrata; ele é um verdadeiro amigo.

Seria cruel sugerir que a amizade humana é irrelevante, uma vez que se tornou amigo de Cristo. Deus nos criou para a comunhão, para a união do coração, com outras pessoas. Todos se sentem solitários, incluindo os introvertidos.

Mas o coração de Cristo para nós significa que ele será nosso amigo que nunca falha, não importa os amigos que tenhamos ou não tenhamos na terra. Ele nos oferece uma amizade que vai além da dor da nossa solidão.

Embora essa dor não vá embora, sua picada é completamente suportável pela amizade muito mais profunda de Jesus. Ele caminha conosco a todo momento. Ele conhece a dor de ser traído por um amigo, mas nunca nos trairá. Ele nem mesmo nos recebe com frieza. Ele não é assim. Esse não é o seu coração.

Como a amizade deles é doce, também é constante em todas as condições. . . .

Se outros amigos falharem, como amigos podem falhar, esse amigo nunca irá falhar conosco. Se não tivermos vergonha dele, ele nunca terá vergonha de nós. Quão confortável seria nossa vida se pudéssemos desfrutar do conforto que esse título de amigo traz! É uma amizade confortável, frutífera e eterna.

13

[Por que o Espírito?](#)

Vou pedir ao Pai e ele vai dar-lhe outro Ajudante.

João 14:16

Este é um livro sobre Cristo, o Filho, a segunda pessoa da Trindade. Mas devemos ter cuidado para não dar a impressão de que o que vemos em Cristo está de alguma forma em desacordo com o Espírito e com o Pai. Em vez disso, o Filho, "manifestando-se na carne, expressa e pronuncia o que estava nos corações dos três" 1.

Portanto, daremos um capítulo a cada um, perguntando o que a Bíblia ensina sobre como o coração de Cristo se relaciona com o Espírito e depois com o pai. Tomaremos o Espírito neste capítulo e o Pai no próximo.

Qual é o papel do Espírito Santo? O que isso realmente faz?

Existem muitas respostas bíblicas válidas para essa pergunta. O espírito:

- Ele nos regenera (João 3: 6–7)
- Nos convence (João 16: 8)
- Ele nos capacita com dons (1 Cor. 12: 4-7)
- Testifica em nossos corações que somos filhos de Deus (Gálatas 4: 6).
- Ele nos guia (Gálatas 5:18, 25)
- Nos torna frutíferos (Gálatas 5: 22-23)
- Conceda e alimente a vida de ressurreição em nós (Rom. 8:11)
- Isso nos permite matar o pecado (Rom. 8:13)
- Interceda por nós quando não sabemos o que orar (Rom. 8: 26-27)
- Guia-nos para a verdade (João 16:13)
- Ele nos transforma à imagem de Cristo (2 Coríntios 3:18). Tudo isso é gloriosamente verdadeiro. Neste capítulo, gostaria de acrescentar mais um a esta lista: o Espírito nos faz sentir realmente o coração de Cristo por nós.

Isso se sobrepõe um pouco a algumas das operações do Espírito listadas acima. Mas seria útil esclarecer exatamente como o Espírito Santo se conecta com este estudo do coração de Jesus. E o que proponho neste capítulo, mais uma vez com a ajuda de Thomas Goodwin, é que o Espírito torna o coração de Cristo real para nós: não apenas ouvido, mas visto; não apenas visto, mas sentido; não apenas senti, mas apreciou. O Espírito pega o que lemos na Bíblia e cremos no papel sobre o coração de Jesus e o leva da teoria à realidade, da doutrina à experiência.

Uma coisa é, quando criança, ouvir que seu pai a ama. Você acredita nele. Acredite nele em sua palavra. Mas é outra coisa, indizivelmente mais real, ser atraída para seu abraço, sentir o calor, ouvir seu coração batendo dentro do peito, reconhecer instantaneamente o aperto protetor de seus braços. Uma coisa é

ouvir que ele te ama; outra coisa é sentir seu amor. Esta é a gloriosa obra do Espírito.

Em João 14–16, Jesus explica a obra do Espírito como uma extensão de sua própria obra. E ele diz que o tempo em que ele mesmo se for, mas o Espírito chegar, é uma bênção superior para seu povo. Observe cuidadosamente o fluxo de pensamentos em João 16 quando Jesus faz este ponto:

Mas agora vou ver quem me enviou, e nenhum de vocês me pergunta: "Para onde estão indo?" Mas porque eu disse essas coisas a você, a tristeza encheu seu coração. No entanto, digo a verdade: é do seu interesse que eu vá, porque se eu não for, o Ajudante não virá até você. Mas se eu for, vou mandar para você. (João 16: 5-7)

Qual é a vantagem da vinda do Espírito? A leitura natural é que isso corrigirá algo que está errado. E o que há de errado

"A tristeza encheu o seu coração" (João 16: 6). Aparentemente, a vinda do Espírito fará o oposto: encherá seus corações de alegria. O Espírito substitui a dor pela alegria.

Os discípulos ficaram tristes porque Jesus os estava deixando. Ele fez amizade com eles e os abraçou em seu coração, então eles pensaram que a partida de Jesus significava a partida do coração de Jesus, mas o Espírito é a resposta de como Jesus pode deixá-los fisicamente enquanto deixa seu coração para trás. O Espírito é a continuação do coração de Cristo por seu povo após a partida de Jesus para o céu.

Refletindo sobre essa passagem em João 16, Goodwin enfatiza o que Jesus está dizendo aos seus discípulos: "Meu pai e eu temos apenas um amigo, que está no seio de ambos e procede de ambos, o Espírito Santo, e enquanto isso Eu vou mandar para você. . . . Ele será um Consolador melhor do que eu. . . . Ele o confortará melhor do que eu com a minha presença corporal. "De que forma o Espírito é um consolador superior ao povo de Deus?" Ele lhe dirá, se você o ouvir e não o entristecer, nada além de histórias de Meu amor. Todas as palavras dele em seus corações serão para me levar adiante e aumentar meu valor e amor por vocês, e será seu prazer fazê-lo. "2. Goodwin então faz a conexão explícita com o coração de Cristo : Para que você tenha meu coração com tanta certeza e velocidade como se estivesse com você; e ele estará continuamente quebrantando seus corações, seja com meu amor por você, ou o dele por mim, ou ambos. . . . Él les dirá, cuando esté en el cielo, que hay una conjunción tan verdadera entre usted y yo, y un cariño de afecto hacia ustedes tan verdadero como entre mi Padre y yo, y que es tan imposible romper este nudo, y quitarme el corazón de você,

Você já considerou esta operação particular do Espírito Santo?

Lembre-se, o Espírito é uma pessoa. Ele pode ficar triste, por exemplo (Is 63:10; Ef 4:30). Como seria tratá-lo como tal em nossa vida atual? Como seria abrir as aberturas de nossos corações para receber o amor sentido de Cristo atizado em uma chama quente pelo Espírito Santo? Lembremo-nos aqui que o Espírito nunca atizará as chamas do amor sentido de Cristo além do grau em que Cristo realmente nos ama; isso é impossível. O Espírito simplesmente eleva nossa compreensão do amor sincero de Cristo para mais perto do que ele realmente é. Você não se preocupa com o fato de os binóculos fazerem a quadra parecer maior do que realmente é vista dos assentos do convés superior; binóculos simplesmente fazem os jogadores parecerem mais próximos de seu tamanho real.

Jesus disse que ele é "manso e humilde de coração" (Mateus 11:29).

Essa é uma bela declaração, e mesmo sem o Espírito, pode-se respeitá-la e até se maravilhar com ela. Mas o Espírito pega essas palavras de Cristo e as internaliza no nível da individualidade pessoal.

O Spirit transforma a receita em verdadeiro sabor. Isso é o que Goodwin diz. Tudo o que vemos e ouvimos sobre o coração bondoso de Jesus em sua vida terrena, durante seu estado ascendido, entrará na consciência de seu povo como uma realidade experiencial. Quando Paulo se torna pessoal em Gálatas e fala do "Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (Gálatas 2:20), ele está dizendo algo que ninguém poderia dizer sem o Espírito.

É por isso que, em outro lugar, Paulo diz que "não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para que entendamos as coisas que Deus nos deu gratuitamente" (1 Cor. 1

2:12). Para compreender o papel do Espírito Santo, de acordo com este texto, devemos ter em mente que a palavra grega subjacente compreendido (ouvido) não deve se restringir à mera apreensão intelectual.

Este verbo significa simplesmente "saber" e, como geralmente é o caso com a linguagem epistemológica da Bíblia, saber aqui é algo holístico, não menos do que apreensão intelectual, mas mais. É um conhecimento experiencial, a maneira como você sabe que o sol está quente quando você está de pé com o rosto voltado para o céu em um dia sem nuvens de junho.

Paulo está dizendo que o Espírito nos foi dado para que possamos conhecer, muito profundamente, a infinita graça do coração de Deus.

"Dado livremente" neste texto é simplesmente a forma verbal (charizomai) da palavra grega comum para "graça" (charis). O Espírito não ama nada mais do que nos despertar, nos acalmar e nos confortar com o conhecimento do coração daquilo que nos agradeceu.

O papel do Espírito, em suma, é fazer com que nossas apreensões de cartão-postal do grande coração de Cristo por nós e de saudade carinhosa em uma experiência de sentar na praia, em uma espreguiçadeira, com um copo na mão, curtindo o sol. Experiência real . O Espírito faz isso decisivamente, de uma vez por todas, na regeneração. Mas ele faz isso dez mil vezes depois disso, à medida que continuamos, por meio do pecado, da loucura ou do tédio, para nos afastarmos da experiência sentida em seu coração.

14

Pai das misericórdias

. . . o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação.

2 Coríntios 1: 3

"O que vem à mente quando pensamos em Deus é a coisa mais importante sobre nós." Assim começa o livro de AW Tozer, *Knowledge of the Holy* .1 Uma maneira de entender o propósito deste estudo do coração de Cristo é que ele é uma tentativa de tornar nossa imagem mental de quem Deus é mais precisa. Estou procurando nos ajudar a deixar para trás nossas intuições naturais e decaídas de que Deus é distante e parcimonioso e dar um passo em direção ao entendimento libertador de que Ele é manso e humilde de coração.

Mas nosso estudo enfoca o Filho de Deus. E o pai?

Para retornar à declaração de Tozer, devemos imaginar o Filho como gentil e humilde, mas o Pai como outra coisa? Este capítulo responde a essa pergunta.

A teologia protestante clássica e convencional da expiação sempre entendeu que a justiça de Deus foi vindicada e a ira de Deus foi satisfeita na obra do Filho. Cristo não viveu, morreu e ressuscitou dos mortos principalmente como um exemplo moral ou principalmente como um triunfo sobre Satanás ou principalmente como uma demonstração de seu amor. Supremamente, a obra do Filho, e especialmente sua morte e ressurreição, satisfez a justa ira do Pai contra o horror da rebelião humana contra ele. Sua raiva foi fomentada, apagada, apaziguada.

Isso não significa que a disposição do Pai para com seu povo seja diferente da de seu Filho. Uma percepção comum entre os cristãos é que, sim, até certo ponto, pelo menos, o Pai está menos inclinado a amar e perdoar do que o Filho.

Não é isso que a Bíblia ensina.

Então, como podemos entender o fato de que o Pai tinha raiva que precisava ser satisfeita, e o Filho foi quem fez o trabalho necessário para fornecer essa satisfação? Certamente, isso sugere uma postura diferente em relação a nós daquela do Pai e do Filho.

A chave é entender que no nível da absolvição legal, a ira do Pai teve que ser apaziguada para que os pecadores voltassem ao seu favor, mas no nível de seu próprio desejo e afeição interior, ele estava tão ansioso quanto o Filho por deixar esta expiação acontecer. Objetivamente, o Pai era quem precisava ser apaziguado; subjetivamente, seu coração era um com o Filho. Estamos errados quando tiramos conclusões sobre quem ele é subjetivamente com base no que tinha que acontecer objetivamente. Os Puritanos costumavam falar do Pai e do Filho concordando na eternidade passada, ambos juntos, para redimir um povo pecador. Os teólogos chamam isso de *pactum salutis*, a "aliança de redenção", referindo-se ao que o Deus triúno concordou antes da criação do mundo. O Pai não precisava de mais persuasão do que o Filho.

Sua ordenação do caminho da redenção reflete o mesmo coração de amor que faz o cumprimento da redenção do Filho.

Em capítulos posteriores, veremos que o Antigo Testamento fala de Deus de maneira consistente com a declaração de Jesus no Novo Testamento de que ele é "manso e humilde de coração". Por enquanto, consideramos o que o Novo Testamento diz sobre o pai. Tomamos como nosso texto central 2 Coríntios 1: 3, onde o apóstolo Paulo começa o corpo de uma carta com as seguintes palavras de adoração:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação.

"O Pai das Misericórdias". Quando Paulo abre 2 Coríntios, ele nos dá uma janela para o que veio à mente quando ele pensou em Deus.

Sim, o Pai é justo e reto. Inabalavelmente, incessantemente.

Sem tal doutrina, tal consolo, não teríamos esperança de que todos os erros um dia seriam corrigidos. Mas qual é o seu coração? O que flui do seu ser mais profundo? O que isso gera? Misericórdias

Ele é o Pai das misericórdias. Assim como um pai gera filhos que refletem quem ele é, o Pai divino gera misericórdias que o refletem.

Existe uma semelhança familiar entre o Pai e a misericórdia. Ele é

"Diz-se que mais o Pai das misericórdias do que Satanás é o pai do pecado"

A palavra "misericórdia" (oikteirmon) ocorre apenas cinco vezes no Novo Testamento. Um deles é Tiago 5:11, onde se assemelha à compaixão divina: "Vocês ouviram falar da firmeza de Jó e viram o propósito do Senhor, como o Senhor é compassivo (polusplanchnos) e misericordioso. (oikteirmon). "No capítulo 11, notamos que a palavra para a mais profunda compaixão de Jesus é splanchizo, e você pode ver a mesma raiz da palavra no que Tiago 5:11 é traduzido como "compassivo". Aqui, sem No entanto, o palavra é ainda mais rica; tem um prefixo (polu -) que significa

"Muito" ou "muito". O Senhor, de acordo com Tiago 5:11, é "muito compassivo". E que o Senhor é muito compassivo ou muito compassivo é sinônimo de dizer que ele é misericordioso.

Falar de Deus Pai como "o Pai das misericórdias" é dizer que ele é aquele que multiplica misericórdias compassivas para com seu povo necessitado, rebelde, desordenado, caído e errante. Falando do amor de Cristo por seu povo, Goodwin faz um movimento perfeito de falar do coração do Filho para falar do coração do pai.

O seu amor não é um amor forçado, que ele apenas se esforça por nos trazer, porque o seu Pai lhe ordenou que se casasse conosco; mas é sua natureza, sua disposição. . . . Essa disposição é livre e natural para ele; Ele não deve ser outro Filho de Deus, nem seguir seu Pai celestial, a quem é natural mostrar misericórdia, mas não punir, que é sua estranha obra, mas a misericórdia lhe agrada; ele é "o Pai das misericórdias", ele as gera naturalmente.

A maneira como Goodwin nos ajuda a ver que o rótulo "Pai das Misericórdias"

é a maneira bíblica de nos levar aos recessos mais profundos de quem é Deus Pai. Uma compreensão correta do Deus triúno não é a de um Pai cuja disposição central é o julgamento e de um Filho cuja disposição central é o amor. O coração de ambos é um e o mesmo; afinal, este é um Deus, não dois. Seu coração é de amor redentor, que não compromete a justiça e a raiva, mas satisfaz maravilhosamente a justiça e a raiva.

Em outro lugar, Goodwin reflete sobre a misericórdia de Deus Pai. É uma meditação apropriada em 2 Coríntios 1: 3.

Deus tem uma infinidade de misericórdias de todos os tipos. Assim como nosso coração e o diabo são o pai de uma variedade de pecados, Deus é o pai de uma variedade de misericórdias. Não há pecado ou miséria, mas Deus tem misericórdia disso. Ele tem uma infinidade de misericórdias de todos os tipos.

Assim como há uma variedade de misérias a que a criatura está sujeita, ela tem em si uma tenda, um tesouro de todos os tipos de misericórdias, dividido em

várias promessas nas Escrituras, que nada mais são do que caixas desse tesouro, os caixões. de uma variedade de misericórdias.

Se o seu coração está duro, terno é a misericórdia dele.

Se o seu coração está morto, tenha misericórdia de reavivá-lo.

Se você está doente, ele tem misericórdia de curá-lo.

Se você é um pecador, ele tem misericórdia para santificá-lo e purificá-lo.

Tão grandes e variados quanto nossos desejos são, tão grandes e variadas são suas misericórdias. Para que possamos ir corajosamente encontrar graça e misericórdia para nos ajudar em tempos de necessidade, uma misericórdia para cada necessidade. Todas as misericórdias que estão em seu próprio coração ele transplantou para vários canteiros do jardim das promessas, onde crescem, e

tem abundância de variedade deles, adequado para toda a variedade de doenças da alma.

O que deve vir à mente quando pensamos em Deus? O Deus triuno é três em um, uma fonte de infinitas misericórdias que nos alcança, nos encontra e nos fornece transbordando com todas as nossas muitas necessidades, falhas e errâncias. Este é ele, Pai não menos que Filho, Filho não menos que Pai.

Além do que estamos cientes em um dado momento, o terno cuidado do Pai nos envolve com uma doçura persistente, governando suavemente cada detalhe de nossa vida. Ele soberanamente comanda o ângulo particular do bater da folha que cai da árvore e a brisa que a solta (Mateus 10: 29-31), e comanda soberanamente a bomba que detonam as mentes más (Amós 3: 6; Lucas 13: 1-5).

Mas por dentro e por baixo e alimentando tudo que invade nossas vidas, grandes e pequenas, está o coração de um pai.

Quem é Deus Pai? Só isso: nosso pai. Alguns de nós tiveram ótimos pais enquanto cresciam. Outros de nós fomos terrivelmente abusados ou abandonados por eles. Seja qual for o caso, o que há de bom em nossos pais terrenos é uma indicação fraca da verdadeira bondade de nosso Pai celestial, e o que é mau em nossos pais terrenos é a imagem negativa de quem é nosso Pai celestial. Ele é o Pai de quem todo pai humano é uma sombra (Efésios 3:15).

Em João 14, Filipe pede a Jesus para mostrar aos discípulos o Pai (João 14: 8). Jesus responde: “Estou com você há tanto tempo e você ainda não me conhece, Felipe? Quem me viu viu os 5 Goodwins,

Trabalho , 2: 187–88. Cf. Goodwin, *Works*, 2: 180, também citando 2 Cor. 1: 3: "Ele é a fonte de toda misericórdia, por isso é natural para ele, como é para um pai gerar filhos."

Pai. Como você pode dizer: 'Mostre-nos o Pai'? Você não acha que estou dentro o Pai e o Pai em mim? (João 14: 9-10).

"Quem me vê, vê o Pai."

Em outro lugar, o Novo Testamento chama Cristo de "o esplendor da glória de Deus e a impressão exata de sua natureza" (Hb 1: 3). Jesus é a personificação de quem é Deus. Ele é a personificação tangível de Deus. Jesus Cristo é a manifestação visível do Deus invisível (2 Cor. 4: 4, 6). Nele vemos o coração eterno do céu caminhando sobre duas pernas no tempo e no espaço. Quando vemos o coração de Cristo, então, ao longo dos quatro Evangelhos, estamos vendo a própria compaixão e ternura de quem o próprio Deus é mais profundamente.

Ao considerar o coração do Pai por você, lembre-se de que ele é o Pai das misericórdias. Ele não é cauteloso em sua ternura por você. Ele multiplica as misericórdias que atendem a todas as suas necessidades, e não há nada que ele prefira fazer. "Lembre-se", disse o puritano John Flavel, "que este Deus em cujas mãos estão todas as criaturas, é o seu Pai e é muito mais terno com você do que você é, ou pode ser, consigo mesmo" 6.

O tratamento mais gentil de si mesmo é menos cortês do que a maneira como seu Pai celestial o trata. Sua ternura por você excede o que você é capaz de fazer por si mesmo.

O coração de Cristo é manso e humilde. E essa é a imagem perfeita de quem é o Pai. "O próprio Pai te ama" (João 16:27).

quinze

[Seu trabalho "natural" e](#)

[Seu trabalho "estranho"](#)

Não aflige de coração.

Lamentações 3:33

Neste ponto, nos voltamos para o Antigo Testamento. Temos considerado o coração de Cristo, e até mesmo o Pai, do Novo Testamento. Como isso se encaixa no Antigo Testamento?

Depois de gastar alguns capítulos no Antigo Testamento, concluiremos nosso estudo voltando ao Novo Testamento para os capítulos posteriores.

O que quero demonstrar neste capítulo e nos próximos três é que quando vemos Cristo revelar seu coração mais profundo como gentil e humilde, ele continua no caminho natural do que Deus já havia revelado sobre si mesmo ao longo do Antigo Testamento. Jesus traz uma nova clareza sobre quem é Deus, mas não um conteúdo fundamentalmente novo. Os próprios Evangelhos mostram que eles entenderam que o Antigo Testamento nos preparava para um Salvador “humilde” (Mateus 21: 5) .1 O Filho encarnado não envia nosso entendimento de quem Deus está voltando em uma nova direção.

Ele simplesmente fornece em uma realidade de carne e osso sem precedentes o que Deus já vinha tentando convencer seu povo ao longo dos séculos. Como disse Calvino, o Velho Testamento é a revelação sombria de Deus, verdadeira mas sombria. O Novo Testamento é a substância.

Um bom ponto de partida ao considerar o coração de Deus no Antigo Testamento é Lamentações 3.

Nenhum livro da Bíblia é tão surpreendente em seu casamento de profunda emoção com a complexidade literária quanto Lamentações. O autor (talvez Jeremias) está abrindo seu coração, lamentando a destruição de Jerusalém em 587 AC. C. pelos babilônios e os horrores da fome, morte e desespero que se seguiram. No entanto, ele abre seu coração através de uma série de cinco poemas ricamente estruturados que refletem extremo cuidado literário. Você pode ver isso olhando para a versificação de sua Bíblia em inglês. Embora os capítulos e os números dos versículos não tenham sido adicionados até muitos séculos após a escrita de Lamentações, essas divisões em nossas Bíblias modernas refletem as divisões claras do próprio livro. Você notará que dos cinco capítulos, os dois primeiros e os dois últimos

cada um deles tem vinte e dois versos. O capítulo do meio, capítulo 3, tem a palavra grega para "humilde" em Matt. 21: 5, citando a profecia de Zac. 9: 9 que "O teu rei vem até ti; . . . humilde e montado em um burro ", é o mesmo (praus) usado em Matt. 11:29 quando Jesus se chama de "manso".

Sua obra "natural" e sua obra "estranha" três vezes mais: sessenta e seis. Cada capítulo é um lamento cuidadosamente construído.

Com essa estrutura geral do livro em vista, entendemos que o destaque literário da carta é o versículo 33 do capítulo 3. É a metade exata do livro e captura o cerne do livro. Lamentações 3:33 é o livro das Lamentações em poucas palavras.

Que diz? Ele baseia as garantias circundantes da eventual misericórdia e restauração de Deus com a seguinte teologia: Porque ele não aflige de coração nem entristecerás os filhos dos homens.

Há uma premissa implícita neste versículo e uma declaração explícita.

A premissa implícita é que Deus é realmente aquele que aflige. A declaração explícita é que ele não o faz de coração.

A premissa implícita deve ser totalmente aceita antes de passar para a declaração explícita. Quando falamos do que Deus faz ou não de coração, não estamos limitando mais amplamente seu governo soberano; Na verdade, na medida em que acreditamos que Deus é soberano em todas as nossas aflições, podemos sentir o conforto de que ele não nos aflige de coração.

Em primeiro lugar, então, lembramos a beleza da soberania divina absoluta sobre todas as coisas, boas e más. O dedo do pé machucado, a hera venenosa, o amigo que esfaqueia as costas, a dor crônica no pescoço, o chefe complacente que não nos defende, a criança rebelde, o vômito das 2:00

Eu sou, a escuridão implacável da depressão. A Confissão Belga articula maravilhosamente o governo de Deus sobre todas as coisas em seu ensino sobre a providência divina, parte da qual diz:

Esta doutrina nos dá um conforto inefável, pois nos ensina que nada nos pode acontecer por acaso, mas pela disposição de nosso misericordioso Pai celestial, que zela por nós com cuidado paternal, sustentando todas as criaturas sob seu senhorio, para que nenhuma de os cabelos de nossas cabeças (porque estão todos contados) nem mesmo um passarinho pode cair no chão sem a vontade de nosso Pai. (Art. 13) Em todas as Lamentações, essa visão não filtrada da soberania divina está em jogo em todos os lugares. Dando uma olhada

No capítulo 3, por exemplo, vemos versículo após versículo começando com "Ele", enquanto o autor relata todos os horrores que o próprio Deus trouxe sobre Israel (3: 2-16).

Mas no alvo teológico de todo o livro, somos informados de que Deus não traz tanta dor "de seu coração".

Aqui em Lamentações, a Bíblia nos leva profundamente ao próprio Deus. Aquele que governa e ordena todas as coisas traz aflição em nossas vidas com uma certa relutância divina. Ele não é avesso ao bem maior a ser obtido por meio dessa dor; na verdade, é por isso que está fazendo isso. Mas algo recua dentro dele quando ele envia essa aflição. A dor em si não reflete seu coração. Não é uma força platônica puxando as alavancas e roldanas do céu de uma forma que se separa da verdadeira dor e angústia que sentimos em suas mãos. Ele está - se posso colocar desta forma sem questionar suas perfeições divinas - em conflito consigo mesmo quando envia aflição para nossas vidas. Na verdade, Deus está punindo Israel por sua rebelião enquanto os babilônios arrasam a cidade. Você está enviando o que eles merecem.

Goodwin explica:

Meus irmãos, embora Deus seja justo, não obstante, sua misericórdia pode, em certo sentido, ser considerada mais natural para ele do que todos os atos de justiça que ele mesmo mostra, quero dizer justiça vingativa. Nestes atos de justiça há uma satisfação por um atributo, no sentido de que vai ao encontro dos pecadores e está até com eles. No entanto, há um tipo de violência que ele mesmo pratica nele, a Escritura expressa isso; há algo nele que é contrário a ele. "Eu não desejo a morte de um pecador", isto é, eu não simplesmente me deleito, por prazer. . . . Quando ele exerce atos de justiça, é para um propósito mais elevado, não simplesmente para a coisa em si. Sempre há algo em seu coração contra isso.

Mas quando ele vem para mostrar misericórdia, para manifestar que é sua natureza e disposição, é dito que ele o faz de todo o coração. Não há nada nele que seja contra. O ato em si o agrada. Não há relutância nele.

Portanto, em Lamentações 3:33, quando ele fala em punir, ele diz: "Isso não aflige nem entristece os filhos dos homens." Mas quando se trata de falar de mostrar misericórdia, ele diz que o faz "de todo o coração e de toda a alma", conforme expresso em Jeremias 32:41. E, portanto, os atos justos são chamados de sua "obra estranha" e seu "ato estranho" em Isaías 28:21.

Mas quando ele vem para mostrar misericórdia, ele se alegra com eles, para fazer-lhes o bem, com todo o seu coração e com toda a sua alma.

Goodwin traz alguns outros textos aqui - Jeremias 32:41, onde Deus diz sobre seu trabalho restaurador que "Eu me alegrarei em fazer o bem a eles, e os plantarei nesta terra em fidelidade, com todo o meu coração e com todo o meu alma"; e Isaías 28:21, onde a atividade de julgamento de Deus foi chamada de sua obra "estranha" e "alheia". Ao ligar esses textos a Lamentações 3:33, Goodwin está extraindo a revelação bíblica do que é o coração mais profundo de Deus, ou seja, o que ele tem prazer em fazer, o que é mais natural para ele. A misericórdia é natural para ele. A punição não é natural.

Alguns de nós consideram o coração de Deus frágil e fácil de ofender. Alguns de nós vemos seu coração frio e inquieto. O Antigo Testamento nos dá um Deus cujo coração desafia essas expectativas humanas inatas de quem ele é.

Devemos ser cautelosos aqui. Todos os atributos de Deus são inegociáveis. Que Deus deixe de ser, digamos, apenas não-Deus tanto quanto se ele deixasse de ser bom. Os teólogos falam da simplicidade de Deus, com o que queremos dizer que Deus não é a soma total de uma série de atributos, como os pedaços de um bolo que formam um bolo inteiro; antes, Deus é cada atributo perfeitamente. Deus não tem partes. Ele é justo.

Ele está zangado. Ele é bom. E assim por diante, cada um com perfeição infinita.

Mesmo quando se trata da questão do coração de Deus, vemos complexidade nas primeiras páginas das Escrituras. As duas primeiras decisões importantes que Deus toma após a criação são consideradas questões de seu coração: destruir toda a carne, exceto Noé (6: 6), aceitar o sacrifício de Noé e determinar nunca mais inundar a terra (8:21). Aparentemente, Deus também é complexo o suficiente para tomar decisões de julgamento e misericórdia de coração.

No entanto, ao mesmo tempo, se devemos seguir de perto e nos render totalmente ao testemunho das Escrituras, entramos na surpreendente afirmação de que, de um ângulo mais profundo, há algumas coisas que fluem de Deus mais naturalmente do que outras. Deus é inabalavelmente justo. Mas qual é o seu arranjo? O que você está ansioso para fazer quando está sentado? Se você me pegar desprevenido, a única coisa que vai pular de mim antes que eu tenha tempo de recuperar a compostura provavelmente será um mau humor. Se você pegar Deus 140

Sua Obra "Natural" e Sua Obra "Estranha" desprevenidas, o que salta mais livremente é a bênção. O desejo de fazer o bem. O desejo de nos envolver na alegria.⁴ É por isso que Goodwin pode dizer de Deus que "todos os seus atributos parecem mostrar o seu amor" ⁵.

Outro texto chave do Antigo Testamento é Oséias 11, onde, imediatamente após a fornicção espiritual de Israel e o abandono de seu amante divino, Deus relata em termos pungentes de afeição como ele sentiu por Israel: ele amou "(Oséias 11: 1), e em fato "fui eu quem ensinou Efraim a andar; Eu os peguei pelos braços. . . . Eu os conduzi com cordas de bondade, com laços de amor. . . e inclinei-me diante deles e os alimentei "(11: 3-4). No entanto, apesar desse terno cuidado, "meu povo está decidido a se afastar de mim" (11: 7) e persiste na idolatria (11: 2).

Então, qual é a resposta de Deus?

Como posso abandonar você, Efraim?

Como posso libertar você, Israel?

Como posso fazer você gostar de Admah?

Como posso tratá-lo como Zeboim?

Meu coração recua dentro de mim;

minha compaixão se torna calorosa e terna.

Eu não executarei a queima de minha raiva;

Não vou destruir Efraim novamente;

porque eu sou Deus e não um homem,

o Santo no meio de você,

e eu não irei com raiva. (Oséias 11: 8-9)

Nós consideramos este texto no capítulo 7. Lembro-me dele aqui não apenas porque ele perfura o coração de Deus de uma forma semelhante a Lamentações 3, mas também porque, ao comentar Oséias 11: 8, Jonathan Edwards diz algo surpreendentemente semelhante ao que Goodwin disse anteriormente em Lamentações 3. "Deus não tem prazer na destruição ou calamidade de pessoas ou pessoas", escreve Edwards.

"Eu preferia que eles se virassem e continuassem em paz. Ele fica satisfeito por eles abandonarem seus caminhos perversos, para que não tenha a oportunidade de executar sua ira sobre eles. Ele é um Deus que se agrada da misericórdia, e o juízo é a sua estranha obra "6.

Seguindo o exemplo das Escrituras, tanto Edwards quanto Goodwin chamam de misericórdia o que Deus mais agrada e julga Sua

"Trabalho estranho."

Ao lermos e refletirmos sobre esse ensino de grandes teólogos do passado, como Jonathan Edwards ou Thomas Goodwin, devemos entender que eles não estão pedindo o julgamento de Deus.

Uma obra "estranha" de um senso diluído da ira e justiça de Deus.

Edwards é mais famoso por seu sermão "Pecadores nas mãos de um Deus irado", uma descrição aterrorizante do estado precário do impenitente sob a ira de Deus, embora não tão aterrorizante quanto alguns de seus outros sermões, como "A Justiça de Deus na condenação dos pecadores." Este foi o homem que afirmou que Deus

"Ele se deleita com a misericórdia, mas o julgamento é sua estranha obra."

Quanto a Goodwin, ele se levantou e falou do chão com mais frequência (357 vezes) do que qualquer outro divino ao criar os padrões de Westminster na Inglaterra na década de 1640, aquele grande, preciso, crente no inferno e afirmação da raiva. Fé que ensina que quando aqueles fora de Cristo agora morrem, "eles são lançados no inferno, onde permanecem em tormentos e em trevas absolutas, reservados para o julgamento do grande dia" (Confissão de Fé de Westminster 32.1); e no julgamento final, "o ímpio que não conhece a Deus e não obedece ao evangelho de Jesus Cristo será lançado em tormentos eternos e punido com perdição eterna da presença do Senhor" (33.2). Essa era a teologia de Goodwin; ele teve uma mão tão influente quanto qualquer um na sua feitura. Quanto à própria escrita de Goodwin,

Edwards, Goodwin e o rio teológico em que estão não eram moles. Eles afirmaram, pregaram e ensinaram a ira divina e um inferno eterno. Eles viram essas doutrinas na Bíblia (2 Tes. 1: 5-12, para citar apenas um texto). Mas porque eles conheciam suas Bíblias por dentro e por fora e seguiam suas Bíblias escrupulosamente, eles também discerniram uma linha de ensino nas Escrituras sobre quem Deus é mais profundamente - sobre seu coração.

E este, talvez, seja o segredo de sua influência comprovada pelo tempo.

Há uma classe de pregação e ensino bíblico que não sentiu o coração de Deus por seu povo inconstante, não experimentou o que flui naturalmente dele, o que apesar de toda a sua precisão, no final das contas amortece seus ouvintes. Não é assim com os puritanos ou os grandes pregadores do Grande Despertar. Eles sabiam que quando Deus se digna a esbanjar bondade com seu povo, ele o faz com uma certa naturalidade que reflete a profundidade de quem ele é. Que Deus é misericordioso é que Deus é Deus.

Se deixarmos nossas próprias intuições naturais sobre Deus, concluiremos que a misericórdia é sua estranha obra e o julgamento, sua obra natural. Mudando a estrutura de nossa visão de Deus à medida que estudamos as Escrituras, vemos, auxiliados pelos grandes mestres do passado, que o julgamento é sua estranha obra e a misericórdia sua obra natural.

Isso entristece e entristece os filhos dos homens. Mas não de seu coração.

16

O senhor, o senhor

“Um Deus misericordioso e misericordioso, lento para se irar. . . ”

Êxodo 34: 6

Quem é deus?

Se pudéssemos escolher apenas uma passagem do Velho Testamento para responder a essa pergunta, seria difícil melhorar em Êxodo 34.

Deus está se revelando a Moisés, fazendo com que sua glória passe por meio de Moisés, a quem Deus colocou em uma fenda na rocha (33:22). No momento crítico, lemos:

O Senhor passou diante dele e proclamou: “O Senhor, o Senhor, um Deus misericordioso e misericordioso, lento para se irar e grande em misericórdia e fidelidade, mantém misericórdia aos milhares, perdoa a iniquidade e a transgressão e o pecado, mas quem o fará? de forma alguma purifique o culpado, visite a iniquidade dos pais sobre os filhos e os filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração. ”(Êxodo 34: 6–7)

Exceto pela própria encarnação, este é talvez o clímax da revelação divina em toda a Bíblia. Uma forma objetiva de demonstrar esse ponto é a frequência com que este texto é coletado em outras partes do Antigo Testamento. Repetidamente, os profetas que seguiram Moisés recorreram a esses dois versículos de Êxodo para afirmar quem é Deus. Uma delas ocorre no contexto imediato do versículo que acabamos de considerar, Lamentações 3:33. No versículo anterior dessa passagem, Deus é descrito como tendo "compaixão pela abundância de sua misericórdia" (3:32), e o autor usa várias das palavras-chave hebraicas que fundamentam a revelação de Êxodo 34: 6.-7 . Muitos outros textos também ecoam Êxodo 34, incluindo Números 14:18; Neemias 9:17; 13:22; Salmos 5: 8; 69:14; 86: 5, 15; 103: 8; 145: 8; Isaías 63: 7; Joel 2:13; Jonas 4: 2; e Naum 1: 3.

Êxodo 34: 6–7 não é um descritor único, um comentário passageiro periférico. Neste texto, vamos ao centro de quem é Deus.

O erudito do Antigo Testamento Walter Brueggemann dá a este texto atenção especial em sua Teologia do Antigo Testamento, chamando-o de "uma caracterização extremamente importante, estilizada e bastante consciente de Yahweh, uma formulação tão estudada que pode ser considerada uma espécie de declaração normativa clássica para aquele que Israel retornava regularmente, merecendo o rótulo de 'credo' ”¹.

Então, qual é o "credo" de Israel sobre quem é Deus?

Não é o que esperaríamos.

O que você pensa quando ouve a frase "a glória de Deus"? Você pode imaginar o tamanho imenso do universo? Uma voz assustadora e estrondosa vinda das nuvens?

Em Êxodo 33, Moisés pede a Deus: "Por favor, mostre-me a sua glória."

(33:18). Como Deus responde? "Vou passar toda a minha bondade na sua frente" (33:19). Bondade? A glória de Deus não é uma questão de sua grandeza, não de sua bondade? Aparentemente não. Então Deus continua falando sobre mostrar misericórdia e graça a quem ele quiser (33:19).

Ele então diz a Moisés que o colocará na fenda da rocha e que (mais uma vez) sua glória passará (33:22). E o Senhor passa e ainda (mais uma vez) define sua glória em 34: 6-7 como uma questão de misericórdia e graça:

. . . Misericordioso e misericordioso, lento para a raiva e abundante em misericórdia e fidelidade, mantendo grande amor por milhares, perdendo iniquidade e transgressão e pecado, mas que de forma alguma perdoará o culpado, visitando a iniquidade dos pais sobre os filhos e os filhos de os filhos, até a terceira e quarta geração.

Quando falamos sobre a glória de Deus, estamos falando sobre quem é Deus, como Ele é, Seu brilho característico, o que torna Deus Deus. E quando o próprio Deus define os termos do que é Sua glória, ficamos maravilhados. Nossos instintos mais profundos esperam que ele esteja trovejando, brandindo o martelo, saboreando o julgamento. Esperamos que a inclinação do coração de Deus seja a retribuição por nossa obstinação. E então Êxodo 34 nos atinge no ombro e nos faz parar. A inclinação do coração de Deus é misericórdia. Sua glória é sua bondade. Sua glória é sua humildade. "Grande é a glória do Senhor. Pois embora o Senhor seja exaltado, ele olha para os humildes" (Salmo 138: 5-6).

Considere as palavras de Êxodo 34: 6–7.

"Misericordioso e misericordioso." Estas são as primeiras palavras que saem da própria boca de Deus após proclamar o seu nome ("o Senhor" ou "Eu

sou"). As primeiras palavras. As únicas duas palavras que Jesus usará para descrever seu próprio coração são manso e humilde (Mateus 11:29). E as duas primeiras palavras que Deus usa para descrever quem ele é são misericordioso e misericordioso. Deus não revela a sua glória como, "O Senhor, o Senhor, exigente e preciso",

ou, "O Senhor, o Senhor, tolerante e desprezível", ou "O Senhor, o Senhor, decepcionado e frustrado." Sua maior prioridade, seu deleite mais profundo e sua primeira reação, seu coração, é misericordioso e misericordioso. Ele graciosamente acomoda nossos termos em vez de nos oprimir com os seus.

"Lento para a raiva". A frase hebraica é literalmente "nariz comprido".

Imagine um touro furioso, chutando o chão, respirando alto, as narinas dilatadas. Isso seria, por assim dizer, "nariz curto". Mas o Senhor é intransigente. Você não tem o dedo no gatilho. É preciso muita provocação acumulada para provocar sua raiva. Ao contrário de nós, que muitas vezes somos diques emocionais prontos para quebrar, Deus pode suportar muitas coisas. É por isso que o Antigo Testamento fala de Deus sendo "provocado à ira" por seu povo dezenas de vezes (especialmente em Deuteronômio; 1–2 Reis; e Jeremias). Mas nem uma vez somos informados de que Deus é "provocado para amar" ou "provocado para misericórdia". Sua raiva requer provocação; Sua misericórdia foi reprimida, pronta para brotar. Temos a tendência de pensar: a raiva divina é reprimida, carregada por uma mola; a misericórdia divina leva tempo para ser construída. É tudo ao contrário. A misericórdia divina está prestes a explodir ao menor golpe.

(Para os humanos caídos, aprendemos no Novo Testamento, é o contrário.

Devemos provocar uns aos outros ao amor, de acordo com Hebreus 10:24.

Yahweh não precisa provocar amor, apenas raiva. Não precisamos provocar raiva, apenas amor. Mais uma vez, a Bíblia é uma longa tentativa de desconstruir nossa visão natural de quem Deus realmente é.)

"Abundante em amor e fidelidade." Esta é a linguagem da aliança. Há uma palavra hebraica subjacente à frase em inglês

"Amor inabalável". É a palavra hesed, que se refere ao compromisso especial de Deus para com aqueles com quem ele se uniu de bom grado em um vínculo inquebrantável de aliança. A palavra "fidelidade" também se aplica a isso: você nunca levantará as mãos para o ar, apesar de todos os motivos que seu povo lhe dê para isso. Ele se recusa até mesmo a considerar a ideia de abandonar aqueles que merecem ser, ou tirar seu coração de nós como fazemos com outros que nos machucam. Portanto, ele não existe simplesmente em um

Compromisso de aliança de grande coração, mas é abundante. Seu compromisso determinado conosco nunca acaba.

"Manter um amor inquebrantável por milhares." Isso também pode ser traduzido como "manter misericórdia por mil gerações", conforme explicitamente afirmado em Deuteronômio 7: 9: "Saiba, pois, que o Senhor vosso Deus é Deus, o Deus fiel que mantém o pacto e a misericórdia com aqueles que o amam. E guarda os seus mandamentos até mil gerações". Isso não significa que a bondade dele se apagou com a geração 1001. É a maneira do próprio Deus dizer: Não há data para o fim do meu compromisso com você. Você não pode se livrar da minha graça. Você não pode escapar da minha misericórdia. Você não pode fugir da minha bondade. Meu coração está em você.

"Visando a iniquidade dos pais sobre os filhos e sobre os filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração." Este elemento de fechamento, embora inicialmente difícil de ouvir, é vital e, na reflexão, encoraja um maior conforto. Sem ele, tudo o que aconteceu antes poderia ser mal interpretado como mera indulgência. Mas Deus não é um molenga. Ele é uma pessoa perfeitamente justa no universo. Eles não zombam de Deus; colhemos o que semeamos (Gálatas 6: 7). O pecado e a culpa são transmitidos de geração em geração. Vemos isso ao nosso redor no mundo. Mas observe o que Deus diz. Sua aliança de amor flui por mil gerações; mas visite pecados geracionais até a terceira ou quarta geração. Você vê a diferença? Sim, nossos pecados serão passados para nossos filhos e netos. Mas a bondade de Deus será transmitida de uma forma que inexoravelmente engolirá todos os nossos pecados. Suas misericórdias viajam por mil gerações, superando em muito a terceira ou quarta geração.

Isso é o que Deus é. Esse, de acordo com seu próprio testemunho, é seu coração.

A assimetria de Êxodo 34: 6–7 nos surpreende. Misericórdia e amor são de grande importância; A justiça retributiva é reconhecida, mas quase como uma reflexão tardia necessária. John Owen colocou desta forma ao comentar sobre esta passagem:

Quando [Deus] declarou solenemente sua natureza pelo nome completo, para que possamos conhecê-lo e temê-lo, ele o faz listando as propriedades que podem nos convencer de sua compaixão e tolerância, e não até que tudo acabe. qualquer menção de sua severidade, tal como aquela que ele exercerá em relação a ninguém, a não ser aqueles por quem sua compaixão é desprezada.

Os puritanos entenderam que nesta revelação a Moisés, Deus está abrindo seu coração mais profundo para nós. Na revelação suprema de Deus em todo o Antigo Testamento, o próprio Deus não sente a necessidade de equilibrar as comunicações de misericórdia com as comunicações imediatas e iguais.

de sua raiva. Em vez disso, ele fala de si mesmo, como disse Richard Sibbes, "vestido com atributos doces". Sibbes prossegue: "Se queremos conhecer o nome de Deus, e ver Deus como ele se agrada e se delicia por se descobrir diante de nós, deixe-nos conhecê-lo por aqueles nomes que ele proclama ali, mostrando que a glória do O Senhor no evangelho brilha especialmente na misericórdia "4.

O que vemos em Êxodo 34, e o que Owen e Sibbes confirmam, ressoa em todo o resto da Bíblia, como Isaías 54: 7–8, onde o Senhor diz:

Por um breve momento eu te abandonei

mas com grande compaixão irei recolhê-los.

Com raiva transbordante por um momento

Eu escondi meu rosto de você

mas com amor eterno terei compaixão de você.

A vida cristã, por um lado, é a longa jornada de deixar nossa suposição natural sobre quem é Deus, ao longo de muitas décadas, desaparecer, sendo lentamente substituída pela própria insistência de Deus em quem ele é. É um trabalho árduo. São necessários muitos sermões e muito sofrimento para acreditar que o coração mais profundo de Deus é "misericordioso e misericordioso, lento para se irar". A queda em Gênesis 3 não nos enviou apenas para a condenação e o exílio. A queda também enraizou pensamentos sombrios de Deus em nossas mentes, pensamentos que só foram desenterrados depois de várias exposições ao evangelho ao longo de muitos anos. Talvez a maior vitória de Satanás em sua vida hoje não seja o pecado que você comete regularmente,

Mas é claro que a prova final de quem é Deus não pode ser encontrada em Êxodo, mas sim em Mateus, Marcos, Lucas e João. Em Êxodo 33-34

Moisés não pode ver a face de Deus e viver, porque ele iria incinerá-lo.

Mas e se um dia os humanos vissem a face de Deus de uma forma que não os incinerasse? Quando João fala do Verbo feito carne, ele diz: "Vimos a sua glória", vimos o que Moisés pediu para ver, mas não pôde, "cheio de graça e de verdade" (João 1:14, identificando Cristo como o possuidor de plenitude). mesmos traços de Deus em Êxodo 34: 6).

João não é o único escritor do evangelho que faz conexões com Êxodo 33–34. Considere o seguinte: a revelação em Êxodo 34 segue uma alimentação milagrosa (Êxodo 16: 1-36) e uma discussão sobre o sábado (31: 12-

18); envolve o líder representativo de Deus falando com Deus em uma montanha (32: 1, 15, 19; 34: 2, 3, 29); conclui com o apavorado e acalmado povo de Deus se aproximando e conversando com o líder representante de Deus enquanto esse líder desce de uma montanha (34: 30-31); é imediatamente seguido por um relato de admiração entre o povo quando o objeto de sua adoração vai para o meio do povo (34: 9-10); e então é seguido por um novo encontro entre o líder representante de Deus e Deus, resultando no rosto resplandecente do líder (34: 29-33).

Cada um desses detalhes narrativos ocorre em Marcos 6: 45-52 e seu contexto circundante, à medida que Jesus caminha sobre as águas.⁵

5 Ou seja, uma alimentação milagrosa (Marcos 6: 30–44); Discussão de sábado (6: 2); O líder representante de Deus falando com Deus em uma montanha (6:46); concluir com o povo de Deus apavorado, calmo, aproximando-se e falando com o líder representante de Deus como este líder

E agora começamos a ver por que Jesus pretendia "passar" seus discípulos, lutando com os remos no Mar da Galiléia. O texto diz que “viu que avançavam dolorosamente, porque o vento estava contra eles.

E por volta da quarta vigília da noite, ele foi até eles caminhando sobre o mar. Eu queria passar por eles ”(Marcos 6:48). Por que ele deveria tentar ultrapassá-los? A razão é que Jesus não pretende apenas "passar" os discípulos da mesma forma que um carro na estrada pode evitar os outros. Sua passagem é muito mais significativa e só é entendida no contexto do Antigo Testamento. Quatro vezes em Êxodo 33–34, o Senhor diz que “passará” para Moisés, a Septuaginta (o Antigo Testamento grego) usa a mesma palavra (parerchomai) que Marcos usa.

O Senhor passou por Moisés e revelou que sua glória mais profunda é vista em sua misericórdia e graça. Jesus veio para fazer em carne e sangue o que Deus havia feito apenas com o vento e a voz no Antigo Testamento.

Quando vemos o Senhor revelando seu caráter mais verdadeiro a Moisés em Êxodo 34, estamos vendo a sombra que um dia cederá ao lançador das sombras, Jesus Cristo, nos Evangelhos. Estamos recebendo em 2-D o que explodirá em nosso próprio continuum de espaço-tempo 3-D séculos mais tarde, no auge de toda a história humana.

Lemos sobre o coração mais profundo de Deus em Êxodo 34. Mas esse coração é mostrado a nós no carpinteiro galileu, que testemunhou que este foi o seu coração durante toda a sua vida e depois o demonstrou quando foi para uma cruz romana, descendo do inferno ao inferno. Abandono de Deus em nosso lugar.

desce de uma montanha (6: 49–50); é imediatamente seguido por um relato de admiração entre o povo como Jesus no meio do povo (6: 53-56); e é seguido posteriormente por uma nova reunião entre o líder representante de Deus e Deus, resultando no rosto do líder brilhando radiantemente (9: 2-13). Os leitores que desejam ver essas conexões detalhadas podem consultar Dane Ortlund, “O Antigo Testamento e o significado escatológico de Jesus andando no mar (Marcos 6: 45–52),” *Neotestamentica* 46 (2012): 319–37.

17

[As maneiras dele não são as nossas](#)

Meus pensamentos não são seus pensamentos.

Isaías 55: 8

A mensagem deste livro é que tendemos a projetar nele nossas expectativas naturais de quem é Deus, em vez de lutar para que a Bíblia nos surpreenda com o que o próprio Deus diz. Talvez em nenhum lugar da Bíblia esse ponto seja mais claro do que em Isaías 55. "Não há nada que perturbe mais nossa consciência", disse João Calvino nesta passagem, "do que quando pensamos que Deus é como nós."

Quando a vida dá uma guinada difícil, os cristãos muitas vezes lembram aos outros, dando de ombros: "Seus caminhos não são os nossos", comunicando os mistérios da providência divina por meio da qual ele orchestra os eventos de maneiras que nos surpreendem. A profundidade misteriosa da providência divina é, obviamente, uma verdade bíblica preciosa. Mas a passagem onde encontramos “os seus caminhos não são os nossos” vem de Isaías 55. E no contexto, significa algo completamente diferente. É uma declaração não da surpresa da misteriosa providência de Deus, mas da surpresa do coração compassivo de Deus. A passagem inteira se lê assim: Busque o Senhor enquanto Ele pode ser encontrado;

ligue para ele enquanto ele estiver por perto;

Deixe o malvado sair do seu caminho,

e o homem perverso seus pensamentos;

Volte-se para o Senhor, para que ele tenha compaixão dele,

e ao nosso Deus, que será generoso em perdoar.

Porque meus pensamentos não são seus
pensamentos e seus caminhos não são os meus,
declara o Senhor. Porque tão altos quanto os céus
acima da terra, meus caminhos são mais altos do
que os seus

e meus pensamentos do que os seus. (Isa. 55: 6-9) A primeira parte desta passagem nos diz o que fazer. A segunda parte nos diz o porquê. A transição ocorre no final do versículo 7 (que conclui, "porque ele será amplo em perdoar"). Mas observe a linha exata de raciocínio.

Deus nos chama para buscá-lo, para invocá-lo e até convida os ímpios a voltarem para o Senhor. O que vai acontecer quando fizermos isso?

Deus terá "compaixão" de nós (v. 7). O paralelismo da poesia hebraica nos dá outra maneira de dizer que Deus terá compaixão de nós: "Ele será generoso em perdoar" (v. 7). Este é um profundo conforto para nós, pois nos encontramos vez após vez nos afastando do Pai, buscando a calma da alma em qualquer lugar, exceto em seu abraço e instrução. Retornando a Deus com novo arrependimento, por mais envergonhado e desgostoso que eles possam estar conosco,

As maneiras dele não são as nossas

Não perdoe com indiferença. Ele perdoará abundantemente. Ele não apenas nos aceita. Ele nos ergue de volta em seus braços.

Mas observe o que o texto faz. Os versículos 8 e 9 nos levam mais profundamente a essa abundante compaixão e perdão. O versículo 7 nos disse o que Deus faz; os versículos 8 e 9 nos dizem quem ele é. Ou, dito de outra forma, Deus sabe que, mesmo quando ouvimos sobre seu perdão compassivo, nos apegamos a essa promessa com uma visão reduzida do coração de onde flui esse perdão compassivo. É por isso que o Senhor continua: Porque meus pensamentos não são seus pensamentos,

Nem os seus caminhos são meus, declara o
Senhor. Porque tão altos quanto os céus acima
da terra, meus caminhos são mais altos do que
os seus e meus pensamentos do que os seus.

O que Deus está dizendo? Ele está nos dizendo que não podemos ver suas expressões de misericórdia com nossos velhos olhos. Nossa própria visão de

Deus deve mudar. O que diríamos a uma criança de sete anos que, ao receber um

presente de aniversário de seu amado pai, ele imediatamente correu para pegar seu cofrinho para tentar devolver o dinheiro para seu pai? Quão doloroso para o coração de um pai. Essa criança precisa mudar sua própria visão de quem é seu pai e do que ele gosta de fazer.

O fluxo natural do coração humano caído é em direção à reciprocidade, vingança olho por olho, equanimidade, equilíbrio na balança. Somos muito mais intratáveis com a lei do que pensamos. Há algo saudável e glorioso enterrado nessa ânsia, é claro: feitos à imagem de Deus, queremos ordem e justiça em vez do caos. Mas esse desejo, como todas as partes de nós, foi prejudicado pela queda ruïnosa no pecado. Nossa capacidade de compreender o coração de Deus entrou em colapso. Ficamos com uma visão empobrecida de como ele se sente em relação ao seu povo, uma visão empobrecida que (novamente, devido ao pecado) ele acredita ser na verdade uma visão ampla e precisa de quem ele é, como um neto que, mostrando-lhe uma nota de cem dólares, conclui que seu avô deve ser muito rico,

Portanto, Deus nos diz em termos simples quão pequenas são as nossas opiniões naturais sobre o seu coração. Seus pensamentos não são nossos pensamentos. Seus meios não são nossos meios. E não porque estejamos separados por alguns graus. Não, "tão alto quanto os céus acima da terra" - uma forma hebraica de expressar a infinitude espacial - "então os meus caminhos são mais elevados do que os teus caminhos e os meus pensamentos são mais elevados do que os teus pensamentos" (v. 9). No versículo 8, Deus diz que seus caminhos e os nossos são diferentes; no versículo 9 ele é mais específico e diz que seus pensamentos são mais elevados. É como se Deus estivesse dizendo no versículo 8 que ele e nós pensamos de maneira muito diferente, enquanto no versículo 9 ele está dizendo precisamente como, isto é, seus "pensamentos" (a palavra hebraica não significa simplesmente

"Reflexão mental fugaz", mas "planos", "dispositivos", "intenções", "propósitos") são mais elevados, maiores, envoltos em uma compaixão pela qual os pecadores decaídos não têm uma categoria natural.

Existe apenas um outro lugar na Bíblia onde temos a frase exata "tão alto quanto os céus estão acima da terra." No Salmo 103

Davi ora: "Pois tão alto quanto o céu acima da terra, tão grande é o seu misericórdia para com os que o temem" (v. 11). As duas passagens, Salmo 103: 11 e Isaías 55: 9, iluminam-se mutuamente.² Os caminhos e pensamentos de Deus não são os nossos caminhos e pensamentos, pois os seus são pensamentos de amor e compaixão que se estendem a um grau mais elevado, além de nosso horizonte mental. .

2 O texto hebraico em ambos os versículos é quase idêntico, com apenas uma diferença na preposição, embora o significado essencial permaneça o mesmo.

Calvino, o teólogo mais famoso por ensinar sobre a providência divina, viu que o mistério da providência não é o que Isaías 55 está realmente procurando. Ele ressalta que alguns interpretam a frase "meus pensamentos não são os seus pensamentos" como um mero distanciamento entre Deus e nós, expressando o enorme abismo entre a divindade sagrada e a humanidade profana. Porém, Calvino viu que, de fato, o fluxo da passagem está exatamente na direção oposta. Na verdade, existe uma grande distância entre Deus e nós; pensamos pouco no coração de Deus, mas ele sabe que seu coração é inviolável, expansivo e invencível em nós.

"Porque é difícil remover o terror de mentes trêmulas",

Calvino comenta: "Isaías tira um argumento da natureza de Deus, que ele estará pronto para perdoar e ser reconciliado." 3 Calvino então chega ao cerne do que Deus está nos dizendo neste texto.

Depois de identificar a interpretação errônea, ele diz: Mas o significado do Profeta, eu acredito, é diferente, e é mais corretamente explicado, em meu julgamento, por outros comentaristas, que pensam que ele faz uma distinção entre o caráter de Deus e o caráter do homem. . Os homens freqüentemente julgam e medem Deus por si mesmos; porque seus corações são movidos por paixões raivosas e é muito difícil apaziguá-los; e é por isso que pensam que não podem ser reconciliados com Deus, uma vez que o ofenderam. Mas o Senhor mostra que está longe de se parecer com os homens.

A linguagem de Calvino sobre o caráter de Deus aqui é a linguagem do coração.

Lembre-se, quando falamos do coração de Deus, estamos falando da inclinação impulsionada por suas afeições, sua inclinação natural, o fluxo regular de quem ele é e o que faz. E a disposição divina, Calvino ensina, é, de acordo com Isaías 55, a imagem negativa de nossa disposição natural caída.

Nossas apreensões letárgicas da alegria estrondosa do perdão divino abaixam o teto sobre quem percebemos que Deus é, mas não limitam quem Deus realmente é. "Deus é infinitamente compassivo e infinitamente disposto a perdoar, por isso deve ser atribuído apenas à nossa incredulidade, se não obtivermos dele o perdão" 5.

O coração compassivo de Deus confunde nossas predileções intuitivas sobre como seu povo gosta de reagir se jogar a ruína e os destroços de suas vidas em seu colo.

Não é como você. Mesmo o amor humano mais intenso é apenas o mais fraco eco da abundância em cascata do céu. Seus pensamentos sinceros para você

eles excedem o que você pode conceber. Destina-se a restaurar a radiância radiante para a qual foi criado. E isso não depende de você ficar limpo, mas de levar sua bagunça para ele. Não se limita a trabalhar com as partes virgens de nós que permanecem depois de uma vida de pecado. Seu poder é tão profundo que ele é capaz de redimir as piores partes, mesmo quando está com raiva de seu povo, ele nunca abre mão de sua afeição paterna por eles "de nosso passado para as partes mais brilhantes de nosso futuro. Mas temos que trazer a ele essas tristezas sombrias.

Sabemos que ele é o futuro restaurador dos indignos pelo que a passagem diz:

Porque você vai sair com alegria

e ser conduzido em paz;

as montanhas e as colinas antes de você

vai explodir em canções,

e todas as árvores do campo baterão palmas.

Em vez do arbusto crescerá cipreste;

em vez da murta do arbusto crescerá;

e fazer um nome para o Senhor,

um sinal eterno que nunca será apagado. (Isa. 55: 12-13) Os pensamentos de Deus são muito mais elevados do que os nossos, que não apenas perdoa generosamente o penitente; Ele decidiu liderar seu povo para um futuro tão glorioso que mal podemos ousar esperar por isso. A poesia dessa passagem comunica maravilhosamente que o coração de Deus por seu povo está crescendo em crescendo com o passar das gerações, preparando-se para explodir na história humana no final de todas as coisas. Nossa alegre humanidade restaurada avançará com tanta energia espiritualmente nuclear que a própria criação explodirá em estridentes hinos de celebração. Este é o partido pelo qual a ordem criada se senta à beira de seu assento em grande expectativa (Rom. 8:19), porque sua glória está ligada e dependente de nossa glória (Rom. 8:21).

Como podemos ter tanta certeza?

Porque mesmo que seus caminhos sejam mais elevados do que os nossos, a maneira como seus pensamentos são mais elevados do que os nossos é que não percebemos

quão baixas delícias virão. Conforme lemos alguns capítulos mais tarde em Isaías:

Assim diz aquele que é elevado e sublime:

que mora na eternidade, cujo nome é santo:

"Eu moro no lugar sagrado e alto,

e também com os contritos e humildes de espírito, para reavivar o espírito dos humildes,

e reavivar os corações dos contritos. "(57:15) Onde está o coração de Deus, o inefavelmente exaltado, naturalmente atraído, de acordo com Isaías 57:15? Para os humildes. Quando Jesus apareceu setecentos anos depois de Isaías profetizou e revelou que seu mais profundo coração era "manso e humilde", ele estava provando de uma vez por todas que a mansidão é realmente onde Deus ama habitar. É o que ele faz. É quem ele é. Seus caminhos não são os nossos.

18

[Desejando intestinos](#)

Meu coração anseia por isso.

Jeremias 31:20

O clímax da profecia de Jeremias são os capítulos 30–33.

Os estudiosos chamam isso de "Livro da Consolação" porque Deus revela a seu povo nesses capítulos sua resposta final à pecaminosidade deles, e não é o que eles merecem. Aguardando julgamento, ele os surpreende com consolo. Porque? Porque ele os colocou em seu coração, e eles não podem pecar para sair dele. "Eu vos amei com um amor eterno", ele lhes garante (Jer. 31: 3).

De onde vem o Livro da Consolação?

Vinte e nove capítulos de um relato sórdido da pecaminosidade de Israel. Para obter uma única declaração representativa dos capítulos iniciais:

- "Vou declarar meus julgamentos contra eles, apesar de toda a sua maldade."

(1:16)

- "Meu povo me abandonou." (2:13)

- "Você poluiu a terra com sua prostituição vil." (3: 2)
- "Ó Jerusalém, por quanto tempo seus pensamentos perversos permanecerão dentro de você?" (4:14)
- "Esta cidade tem um coração teimoso e rebelde." (5:23)
- "Como um poço mantém sua água fresca, ela mantém sua maldade fresca." (6: 7) E assim por diante por meio de vinte e nove capítulos. E então, do outro lado dos capítulos 30-33, o resto do livro é o julgamento contra as nações.

Mas aqui, no centro do livro, o ápice de onde todo o livro de 52 capítulos pode ser visto, é o Livro da Consolação. E dentro desses quatro capítulos, talvez o texto que melhor resume seja 31:20:

Efraim é meu filho amado?

É meu filho querido?

Porque quantas vezes eu falo contra ele,

Eu ainda me lembro disso.

Portanto, meu coração anseia por isso;

Eu certamente terei misericórdia dele,

declara o Senhor.

"Efraim" é apenas outro termo para Israel, o povo de Deus, embora pareça ser uma espécie de termo divino de afeição por Israel em todo o Antigo Testamento. E Deus pergunta: "É meu filho querido?" Deus não se pergunta. É uma afirmação revestida da doçura de uma pergunta. Seu povo é seu "filho querido" e até mesmo seu "filho querido".

A sua doutrina de Deus tem espaço para ele falar assim?

"Porque sempre que falo contra ele", como ele fez em 29 capítulos, repreendendo severamente seu povo, "ainda me lembro dele". Lembre-se de que não há poder para lembrar aqui. Isso é Deus. Ele é que sabe tudo. Ele tem toda a verdade sobre todas as coisas em todos os momentos em sua mente com igual conhecimento perfeito. Lembre-se que aqui está a linguagem da aliança. É relacional. Isso é lembrar não como alternativa ao esquecimento, mas como alternativa ao abandono.

E então vem o clímax do versículo-chave do centro de quatro capítulos do livro de Jeremias: "Por isso o meu coração anseia por ele."

"Meu coração." Há outra palavra hebraica para "coração", lev (pronuncia-se lãve), que é a palavra hebraica subjacente típica para

"Coração" no Antigo Testamento (como em Lam. 3:33: "não aflige o coração"). Mas aqui em Jeremias 31 a palavra é meah.

Literalmente se refere ao interior de uma pessoa, as entranhas. É por isso que traduções mais antigas, como a KJV, traduzem como "entranhas". É a palavra usada, por exemplo, em 2 Samuel 20:10, quando Joabe apunhala Amasa "no estômago e derrama suas entranhas no chão".

Deus, é claro, não tem coragem. É a sua maneira de falar do seu reflexo mais íntimo, do seu interior turbulento, dos seus sentimentos mais profundos dos quais as nossas emoções são uma imagem; em uma palavra, como diz o texto, seu coração.

Calvino nos lembra que falar das entranhas ou do coração de Deus "não pertence propriamente a Deus", mas de forma alguma dilui a verdade de que Deus está realmente comunicando "a grandeza do seu amor por nós" 1.

Observe o que o texto diz que seu coração faz. "Meu coração anseia por isso." O que é o anseio? É algo diferente de abençoar, salvar ou mesmo amar. A palavra hebraica aqui (hamah) em sua raiz tem uma denotação de ser inquieto ou agitado, ou mesmo rosnar ou rugir ou ser turbulento ou turbulento. Você vê o que Deus está revelando sobre si mesmo, no que ele está insistindo? Suas amplas afeições pelos seus não são ameaçadas por sua inconstância, porque de seu coração brota a turbulência do anseio divino. E o que Deus quer, Deus consegue.

Então: "Eu certamente terei misericórdia dele" Se eu fosse traduzir literalmente, seria algo como: "Tendo misericórdia, eu terei misericórdia dele." Às vezes, o hebraico duplica o verbo ser enfático (a mesma construção ocorre no início do versículo com "lembrar"). O desejo do coração de Deus liberta e resgata pecadores que se encontram afogados no esgoto de suas vidas, com vinte e nove capítulos de profundidade, precisando de um resgate que eles não podem nem começar por conta própria, muito menos completo.

Quem você percebe que ele é, em seu pecado e em seu sofrimento? Quem você acha que Deus é, não apenas no papel, mas no tipo de pessoa que você acha que está ouvindo quando você ora? Como ele se sente sobre você? Sua salvação de nós não é fria nem calculista. É uma questão de saudade, não de saudade do você do Facebook, do você que você projeta em todos ao seu redor. Não é você que gostaria de ser. Ansiando por seu verdadeiro eu. O você abaixo de tudo que você apresenta aos outros.

Precisamos entender que, enquanto estivermos andando com o Senhor, quer nunca tenhamos lido a Bíblia inteira ou tenhamos um Ph.D. nela, teremos uma resistência perversa a isso. A misericórdia flui de seu coração; fora do nosso, a relutância em recebê-lo. Nós somos os frios e calculistas, não ele. Seus braços estão abertos. Temos um braço rígido. Nossas visões naturalmente descafeinadas do coração de Deus podem ser boas porque estamos sendo duros conosco, não saímos de problemas com muita facilidade. Tal severidade parece apropriadamente moralmente séria. Mas esse desvio do coração ansioso de Deus não reflete o testemunho das Escrituras sobre como Deus se sente a respeito dos seus. Deus, é claro, é moralmente sério, muito mais do que nós. Mas a Bíblia nos pega pela mão e nos ergue do sentimento de que seu coração por nós vacila segundo a nossa beleza. O coração de Deus confunde nossas intuições de quem ele é.

Thomas Goodwin cita Jeremias 31:20 e então deduz que se isso é verdade para Deus, quanto mais para Cristo. Ele explica que tal texto "pode nos trazer o maior conforto e encorajamento" na presença de muitos pecados em nossas vidas: Há conforto em tais fraquezas, no sentido de que seus próprios pecados o levam a sentir pena em vez de raiva. . . . Cristo participa com você e está longe de ser provocado contra você, pois toda a sua ira se volta contra o seu pecado para destruí-lo; sim, a compaixão dele aumenta mais por ti, mesmo como o coração de um pai é por um filho que tem alguma doença nojenta, ou como alguém é por um membro do corpo que tem lepra, ele não odeia o membro, porque é a sua carne , mas a doença, e isso faz com que ele sinta pena da parte mais afetada. O que não vai compensar por nós, quando nossos pecados,

Goodwin explica que nossa piedade e compaixão se manifestam em intensidade correspondente ao grau em que amamos aquele que está à vista. "Quanto maior a miséria, maior a pena quando a festa é amada. Agora, de todas as misérias, o pecado é o maior ", e " Cristo o considerará como tal ". Então, como você reage a tal feiúra? em nossas vidas? E ele, amando sua pessoa e odiando apenas o pecado, seu ódio recairá todo, e somente sobre o pecado, para libertá-lo dele por sua ruína e destruição, mas suas afeições serão mais atraídas por você; e isso tanto quando ele está sob o pecado como sob qualquer outra aflição. Portanto, não tenha medo. "

Alguns de nós separam nossos pecados de nossos sofrimentos. Afinal, somos culpados de nossos pecados, enquanto nosso sofrimento (grande parte dele, pelo menos) é simplesmente o que acontece conosco neste mundo arruinado pela queda.

Portanto, tendemos a ter mais dificuldade em esperar a terna compaixão de Deus por nossos pecados, bem como por nossos sofrimentos.

Certamente seu coração flui mais livremente quando você peca contra mim do que quando eu peço a mim mesmo?

Mas olhe para a lógica de Goodwin. Se a intensidade do amor está relacionada à intensidade da miséria no amado, e se nossa maior miséria é nossa pecaminosidade, então o amor mais intenso de Deus flui para nós em nossa pecaminosidade. Sim, Deus tem ódio, Goodwin diz, em relação ao pecado.

E a combinação de amor por nós mais ódio pelo pecado é igual à certeza mais onipotente possível de que ele nos acompanhará até a libertação final do pecado e a alegria não filtrada de seu próprio coração por nós um dia.

O mundo está faminto por um amor que anseia, um amor que mais lembra do que abandona. Um amor que não está ligado à nossa beleza. Um amor que se esconde sob nossa desordem. Um amor que é maior do que a escuridão envolvente pela qual poderíamos estar caminhando até hoje. Um amor do qual até o melhor romance humano é o mais leve sussurro.

E, no entanto, isso pode parecer tão abstrato, já que Jeremias fala do coração de Deus: subjetivo, suave, etéreo. Mas lembre-se de por que Goodwin pode mover-se suavemente do coração de Deus em Jeremias para o coração de Cristo. E se o abstrato se tornasse concreto? E se o coração de Deus não fosse apenas algo que desceu sobre nós do céu, mas algo que apareceu entre nós aqui na terra?

E se víssemos o coração de Deus não em um profeta que nos diz palavras, mas em um profeta que nos diz que é a Palavra de Deus, a personificação de tudo que Deus deseja nos dizer?

Se Jeremias 31:20, “meu coração anseia por isso”, se essas palavras estivessem revestidas de carne, como seriam essas palavras?

Nos perguntamos. Ele se parece com um carpinteiro do Oriente Médio que restaura a dignidade, humanidade, saúde e consciência de homens e mulheres por meio de curas e exorcismos, ensinamentos, abraços e perdão.

E agora começamos a ver a resolução da tensão que Jeremias 31:20 construiu para ele, uma tensão que reverbera por todo o Antigo Testamento, ganhando impulso, crescendo em nitidez: a tensão entre a justiça divina e a misericórdia divina. Deus diz aqui: "Falo contra ele", mas também diz: "Ainda me lembro dele". Acusação e amor, justiça e misericórdia, girando para frente e para trás aqui, como vemos em todo o Antigo Testamento.

Mas no auge da história humana, a justiça foi totalmente satisfeita e a misericórdia foi totalmente derramada ao mesmo tempo, quando o Pai enviou

a seu eternamente "Filho amado" e "filho amado" a uma cruz romana, onde Deus verdadeiramente "falou contra ele", onde Jesus Cristo derramou seu sangue, o inocente pelo culpado, para que Deus pudesse dizer de nós,

"Ainda me lembro". Mesmo quando ele abandonou o próprio Jesus.

Na cruz, vemos o que Deus fez para satisfazer seu desejo por nós.

Chegou tão longe. Foi até o fim. O rubor efusivo das entranhas do céu foi canalizado para a crucificação de Cristo.

Arrependa-se de seus pequenos pensamentos do coração de Deus. Arrependa-se e deixe-me amar você.

19

Rico em misericórdia

Mas Deus, sendo rico em misericórdia. . .

Efésios 2: 4

As obras de Thomas Goodwin chegam até nós em doze volumes, com mais de quinhentas páginas cada, em letras pequenas e densamente escritas. E o volume 2 é inteiramente dedicado ao capítulo 2 de Efésios. Este volume é uma série de sermões, e Goodwin desacelera quando chega ao versículo 4, dando vários sermões neste único versículo: Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou. . .

Os versículos 1-3 nos dizem por que precisávamos ser salvos: estávamos espiritualmente mortos. Os versículos 5 e 6 nos dizem o que era a salvação: Deus nos deu vida.

Mas é o versículo 4, bem no meio, que nos diz por que Deus nos salvou.

Os versos 1-3 são o problema; os versos 5-6 são a solução; e verso 4

É por isso que Deus realmente se preocupou em resolver o problema em vez de nos deixar onde estávamos.

E qual é esse motivo? Deus não é pobre em misericórdia. É rico em misericórdia.

Em nenhum outro lugar da Bíblia Deus é descrito como rico em nada.

A única coisa que o chama de rico é: misericórdia. O que significa isto? Significa que Deus é algo diferente do que naturalmente pensamos que Ele é. Significa que a vida cristã é uma manifestação vitalícia de pensamentos mornos sobre a bondade de Deus. Em sua justiça, Deus exige; em sua misericórdia, Deus transborda. “Ele é rico para todos; quer dizer, é infinito, transbordando de bondade, é bom em abundância, é bom em derramar riquezas, é bom em abundância”¹.

Assim como o Antigo Testamento duplica o verbo "tenha misericórdia"

Em Jeremias 31:20, o Novo Testamento chama Deus de "rico em misericórdia".

Tendo investigado em capítulos recentes os precursores do Velho Testamento sobre o que irrompe na cena da história humana em Mateus 11:29, e a cada passo dos quatro Evangelhos, agora retornamos ao Novo Testamento para nossos capítulos finais.

ou

Efésios 2: 4 diz: “Deus, sendo rico em misericórdia. . . "Ser, não se tornar. Uma declaração como essa está nos levando aos recônditos internos do Criador, ao Santo dos Santos do céu, por trás do véu interno, revelando-nos o centro animador do ser e a natureza de Deus.

“Ele é a fonte de toda misericórdia. . . é natural para ele. . . É a sua natureza e disposição, porque quando mostra misericórdia, o faz de todo o coração”². É por isso que ele se agrada da misericórdia (Miquéias 7:18).

É por isso que Davi, em espírito de oração, reconheceu a Deus que a misericórdia demonstrada para com ele era "segundo o seu coração" (1 Crônicas 17:19). Ele é uma fonte de misericórdia. Ele é um bilionário na moeda da misericórdia, e as retiradas que fazemos enquanto pecamos ao longo da vida fazem sua fortuna crescer mais, não menos.

Como pode ser? Porque misericórdia é quem é. Se misericórdia fosse algo que ele simplesmente tinha, enquanto sua natureza mais profunda fosse algo diferente, haveria um limite para a quantidade de misericórdia que ele poderia distribuir. Mas se ele é essencialmente misericordioso, mostrar misericórdia é agir de acordo com quem ele é. É simplesmente para ele ser Deus. Quando Deus mostra misericórdia, ele age de uma maneira que é fiel a si mesmo. Novamente, isso não significa que ele seja apenas misericordioso. Também é perfeitamente justo e santo. Ele está corretamente zangado contra o pecado e os pecadores. No entanto, seguindo o exemplo bíblico de como

fala de Deus, esses atributos de padrões morais não refletem as profundezas de seu coração.

O texto segue unindo a natureza rica na misericórdia de Deus com seu grande amor: "Deus, sendo rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou. . .

" Considere o que Goodwin diz: onde apenas uma menção é feita por meio de suposição, ou por meio de questão, se Deus separará ou rejeitará alguns de seu povo ou não; você vai descobrir que ele o joga fora com a maior indignação, seu amor é tão grande. . . . Ele fala com o maior desgosto de que haja tal pensamento de Deus.

. . . Ele está tão possuído pelo amor por seu povo que não ouvirá nada contra isso. . . . Sim, o seu amor é tão forte que se houver alguma acusação, se a qualquer momento o pecado ou o diabo vier acusar, move Deus a abençoar. Seu amor é tão violento, tão estabelecido, que ele aproveita para abençoar ainda mais.

Quando as Escrituras falam do "grande amor com que Ele nos amou", devemos ver o que Goodwin está nos ajudando a entender. O amor divino não é indulgência nem paciência. Embora Deus nos apoie, seu amor é algo mais profundo, algo mais ativo. Seu amor é grande porque surge ainda mais quando o ente querido é ameaçado, mesmo que seja ameaçado por sua própria loucura.

Nós entendemos isso em um nível humano; o amor de um pai terreno surge dentro dele quando ele vê seu filho acusado ou afligido, mesmo que seja justamente acusado ou merecidamente afligido. Afeto renovado ferve por dentro.

E é aí que entra a misericórdia. Ele nos ama, como Goodwin diz repetidamente em um de seus sermões sobre Efésios 2: 4, com um

Amor "invencível" 4. E quando o amor sobe, a misericórdia desce. Um grande amor enche seu coração; rica misericórdia flui de seu coração.

Talvez tudo isso pareça um pouco abstrato. Afinal, misericórdia e amor são conceitos bastante vazios. Eles parecem bons, mas o que eles realmente significam em minha tristeza de segunda-feira, meus desânimos de quarta-feira, minha solidão de sexta à noite, meu tédio de domingo de manhã?

Dois pensamentos podem ajudar, um sobre a necessidade dessa rica misericórdia e o outro sobre a personificação dessa rica misericórdia.

Primeiro, a necessidade de grande misericórdia. Efésios 2: 4 não depende de si mesmo. É uma curva de um rio poderoso que atravessa os seis capítulos de Efésios. E o trecho comovente a montante de 2: 4 é este:

E você estava morto nas ofensas e pecados em que andou uma vez, seguindo o curso deste mundo, seguindo o príncipe das potestades do ar, o espírito que agora está trabalhando nos filhos da desobediência, entre os quais todos nós uma vez viviam nas paixões da nossa carne, satisfazendo os desejos do corpo e da mente, e eram por natureza filhos da ira, como o resto da humanidade. (2: 1-3) Cristo não foi enviado para curar os feridos ou acordar os sonolentos, aconselhar os confusos, inspirar os entediados, estimular os preguiçosos ou educar os ignorantes, mas para ressuscitar os mortos.

Considere o impacto geral desses três versículos. Paulo não está falando sobre o pecado da maneira que costumamos fazer: “Eu estava errado”, “Eu cometi um erro”, “Estou lutando. . . ”; Paulo identifica o pecado como o fluxo abrangente, envolvente e inexorável de nossas vidas. Nossos pecados são menos como um homem saudável que ocasionalmente tropeça e mais como um homem atormentado por doenças da cabeça aos pés ou, se levamos a sério a linguagem de Efésios 2, morto.

Seguimos Satanás ("o príncipe das potestades do ar"), embora não o soubéssemos. O poder do inferno não era apenas algo a que nos rendemos, era algo dentro de nós: "o espírito que agora está trabalhando nos filhos da desobediência". Éramos "por natureza filhos da ira". A ira divina era algo tão merecido, tão acompanhante, que éramos seus próprios filhos. Não caímos ocasionalmente nas paixões da nossa carne; Nós "vivemos" nessas paixões. Foi o ar que respiramos. O que a água é para a pesca, a feiúra desordenada do desejo era para nós. Inspiramos a rejeição de Deus e expiramos a autodestruição e o julgamento bem merecido. Por baixo de nossos sorrisos na loja e saudações alegres ao carteiro, estávamos silenciosamente entronizando o Eu e destruindo nossas almas de beleza, a dignidade e o culto para os quais foram feitos. O pecado não foi algo em que caímos; definia nossa existência momento a momento no nível de ações, palavras, pensamentos e, sim, até mesmo desejo: "satisfazer os desejos do corpo e da mente." Não vivemos apenas em pecado; gostamos de viver em pecado. Queríamos viver em pecado. Era nosso tesouro mimado, nosso anel Gollum, nosso deleite estabelecido. Em suma, estávamos mortos. Totalmente indefeso. Isso é o que sua misericórdia curou. gostamos de viver em pecado. Queríamos viver em pecado. Era nosso tesouro mimado, nosso anel Gollum, nosso deleite estabelecido. Em suma, estávamos mortos. Totalmente indefeso. Isso é o que sua misericórdia curou. gostamos de viver em pecado. Queríamos viver em pecado. Era nosso tesouro mimado, nosso anel Gollum, nosso deleite estabelecido. Em suma, estávamos mortos. Totalmente indefeso. Isso é o que sua misericórdia curou.

Bem, você diz, isso realmente não me descreve. Eu cresci em um lar que respeita a lei. Fomos à igreja. Eu mantive meu nariz limpo. Eu nunca fui preso. Tenho sido decente com meus vizinhos. Mas veja o que Paulo diz: “. . . entre os quais todos nós vivemos nas paixões da nossa carne ”.

Provavelmente não. Este é Paulo, o ex-fariseu, o guardião da lei para destruir todos aqueles que a guardam, “um hebreu de hebreus; quanto à lei, um fariseu; quanto ao zelo, perseguir a igreja; Quanto à justiça sob a lei, irrepreensível” (Fp 3: 5-6). Como você poderia se incluir entre os

que eram devotados às paixões da carne? Além disso, nenhum desses é uma autodescrição única. Várias vezes em Atos, como em Filipenses 3, Paulo descreve sua vida anterior como "segundo o caminho estrito de nossos pais" (Atos 22: 3), ou "segundo a parte mais estrita de nossa religião" (Atos 26: 5), mesmo desde tenra idade (Atos 26: 4). E ainda, como em Efésios 2, em Tito 3 ele novamente identifica sua vida anterior como "tola, desobediente, rebelde, [escravizado] a várias paixões e prazeres" (Tito 3: 3). Então o que foi?

A única maneira de dar sentido a esses dois tipos de passagens é entender que podemos desabafar nossas paixões carnis quebrando todas as regras, ou podemos desabafar nossas paixões carnis, mantendo todas as regras, mas ambas as maneiras de desabafar a carne ainda precisam ressurreição. Podemos ser mortos imorais ou podemos ser mortos morais. De qualquer maneira, estamos mortos.

A misericórdia de Deus estende e expulsa não apenas as pessoas obviamente más, mas também as pessoas fraudulentamente boas, que também precisam da ressurreição.

Deus é rico em misericórdia. Ele não retém a misericórdia de alguns tipos de pecadores enquanto a estende a outros. Porque misericórdia é quem é

"Sendo rico em misericórdia", seu coração derrama misericórdia sobre todos os pecadores. Sua misericórdia supera até mesmo a morte de nossas almas e a existência vazia, semelhante a um zumbi, na qual todos nascemos naturalmente.

A misericórdia de Efésios 2: 4 não parece distante e abstrata quando sentimos o peso do nosso pecado.

Em segundo lugar, a personificação da rica misericórdia.

A riqueza da misericórdia divina torna-se real para nós não apenas quando vemos o quão depravados somos naturalmente, mas também quando vemos que o rio da misericórdia que flui do coração de Deus tomou forma de homem.

Talvez a noção de misericórdia celestial pareça abstrata; Mas e se essa misericórdia se tornasse algo que pudéssemos ver, ouvir e tocar?

Foi o que aconteceu na encarnação. Quando Paulo fala da aparência salvadora de Cristo, ele diz: "Quando a graça apareceu. . ."

(Tito 2:11). A graça e a misericórdia de Deus estão tão ligadas e manifestadas no próprio Jesus que falar da aparição de Cristo é falar da aparição da graça. "Cristo é apenas pura graça revestida de nossa natureza", escreveu Sibbes.

Portanto, quando olhamos para o ministério de Cristo nos quatro evangelhos, vemos como ele parece “rico em misericórdia”: como fala “rico em misericórdia”, como se comporta para com os pecadores, como se move para com aqueles que sofrem. Jesus não apenas demonstrou que Deus é rico em misericórdia indo para a cruz e morrendo em nosso lugar para garantir essa misericórdia. Jesus também nos mostra como a riqueza da misericórdia de Deus se parece e fala.

Em outras palavras, o amor de Deus é "invencível" (para usar a palavra de Goodwin) por causa da vinda de Cristo. Mais tarde, em Efésios 2, no versículo 6, Paulo diz que agora mesmo estamos sentados com Cristo no céu. Isso significa que se você está em Cristo, você é tão invencível eternamente quanto ele. Sibbes disse: “De tudo de que Cristo está livre, eu estou livre disso. Você não pode me machucar mais do que você pode machucá-lo agora no céu. ”

Para Deus ressuscitar você, para acabar com sua rica misericórdia, o mesmo Jesus Cristo teria que ser sugado do céu e devolvido ao túmulo de José de Arimathea. Você tem tanta certeza.

ou

Considere a riqueza da misericórdia de Deus para sua própria vida.

Ele não encontra você no meio do caminho. Sua própria natureza é comprometer a morte e trazer vida. Ele o fez decisivamente de uma vez por todas em sua conversão, mas continua a fazê-lo continuamente em seu pecado e loucura.

"Depois do nosso chamado, como provocamos Deus?" Goodwin pregou.

“É assim com todos os cristãos. . . . Porém, [somos] salvos, porque o amor de Deus é invencível, supera todas as dificuldades ”7.

Talvez, olhando para a evidência de sua vida, você não saiba o que concluir, exceto que esta misericórdia de Deus em Cristo o deixou para trás. Talvez eles o tenham maltratado profundamente. Incompreendido.

Traído pela única pessoa em quem você deveria confiar.

Abandonado. Tirar proveito de. Talvez você carregue uma dor que nunca vai sarar até que você esteja morto. Se minha vida é alguma evidência da misericórdia de Deus em Cristo, você pode pensar que não estou impressionado.

Eu digo a você que a evidência da misericórdia de Cristo para com você não é a sua vida. A prova de sua misericórdia para com você é dele: maltratado, incompreendido, traído, abandonado. Eternamente. No teu lugar.

Se Deus enviou seu próprio Filho para caminhar pelo vale da condenação, rejeição e inferno, você pode confiar nele enquanto caminha por seus próprios vales em seu caminho para o céu.

Você pode achar difícil receber a rica misericórdia de Deus em Cristo, não por causa do que outros fizeram a você, mas por causa do que você fez para torpedear sua vida, talvez por meio de uma grande decisão estúpida ou talvez por meio de dez mil pequenas decisões . Você desperdiçou sua misericórdia e sabe disso.

Eu digo a você, você sabe o que Jesus faz com aqueles que desperdiçam sua misericórdia? Ele derrama mais misericórdia. Deus é rico em misericórdia.

Esse é ponto principal.

Quer tenhamos pecado ou afundado na miséria, a Bíblia diz que Deus não é mesquinho de misericórdia, mas generoso, não frugal, mas generoso, não pobre, mas rico.

O fato de Deus ser rico em misericórdia significa que suas regiões de profunda vergonha e tristeza não são hotéis pelos quais a misericórdia divina passa, mas lares onde a misericórdia divina habita.

Significa as coisas sobre você que mais o fazem se encolher, que o fazem abraçar com mais força.

Isso significa que sua misericórdia não é calculista e cautelosa como a nossa. É desenfreado, como uma inundação, avassalador, magnânimo.

Isso significa que nossa vergonha obsessiva não é um problema para ele, mas o que ele mais gosta de trabalhar.

Isso significa que nossos pecados não afetam seu amor. Nossos pecados fazem seu amor emergir ainda mais.

Significa que naquele dia em que na frente dele, em silêncio, sem estivermos choraremos de alívio, pressa, quão empobrecidos tínhamos surpresos por um coração rico em de seu misericórdia.

vinte

[Nossos corações ish da lei,](#)

Seu coração generoso

O Filho de Deus, que me amou. . .

Gálatas 2:20

Existem duas maneiras de viver a vida cristã. Você pode vivê-lo do coração de Cristo ou do coração de Cristo. Você pode viver para o sorriso de Deus ou para ele. Por uma nova identidade como filho ou filha de Deus ou dele. Por sua união com Cristo ou o dele.

A batalha da vida cristã é alinhar seu próprio coração com o de Cristo, ou seja, levantar todas as manhãs e substituir sua mentalidade de órfão natural por uma mentalidade de adoção plena e livre na família de Deus por meio do trabalho. de Cristo, teu irmão mais velho, que te amou e se entregou por ti com a plenitude do seu coração misericordioso.

Imagine uma criança de 12 anos crescendo em uma família saudável e amorosa. À medida que amadurece, sem culpa dos pais, ela tenta descobrir como realmente garantir um lugar na família.

Uma semana ela tenta fazer uma nova certidão de nascimento. Na semana seguinte, ele decide passar todo o seu tempo extra esfregando a cozinha. Na semana seguinte, ele decide fazer todo o possível para imitar seu pai. Um dia, seus pais questionam seu comportamento estranho.

"Estou fazendo tudo que posso para garantir meu lugar na família, pessoal!"

Como seu pai responderia? "Calma, meu filho querido! Não há nada que você possa fazer para conquistar seu lugar entre nós. Você é nosso filho. Período. Você não fez nada no início para entrar em nossa família, e agora você não pode fazer nada para sair dela. Viva sua vida sabendo que sua linhagem é estabelecida e irreversível. "

O propósito deste capítulo, ao refletirmos sobre o livro de Gálatas, é atrair o coração de Cristo para descansar em nossa tendência crônica de funcionar a partir de uma crença sutil de que nossa obediência fortalece o amor de Deus. Agimos como aquele menino de 12 anos. E nosso Pai responde com amor corretivo.

Gálatas ensina que somos justificados com Deus com base no que Cristo fez e não no que fazemos. Ajudar o evangelho, portanto, é perder o evangelho. Mas o principal objetivo da carta não é aprender isso pela primeira vez na conversão, mas sobre a facilidade com que nos afastamos disso como crentes. A pergunta desconcertante de Paulo é: "Tendo começado com o Espírito, você agora vai terminar com a carne?" (Gálatas 3: 3).

A mensagem central de Gálatas é que a gratuidade da graça e do amor de Deus não é apenas a porta de entrada, mas também o caminho da vida cristã.

Nossos corações para a lei, seu coração generoso No decorrer da carta, Paulo explica a doutrina da justificação pela fé para ajudar os gálatas a viver uma vida cristã saudável. A justificação representa o lado objetivo de nossa salvação.

Mas Paulo também fala do lado subjetivo da salvação, o amor de Cristo, como quando fala do "Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim" (2,20). Uma vida cristã saudável é baseada nos lados objetivo e subjetivo do evangelho: a justificação que flui da obra de Cristo e o amor que flui do coração de Cristo.

Mas os dois estão relacionados. Em março de 1767, o pastor e escritor de hinos John Newton escreveu uma carta a um amigo e disse: Não te surpreende às vezes que você tenha uma esperança, mesmo que pobre e necessitado, o Senhor pensa em você? Mas não deixe que tudo o que você sente o desanime. Porque se nosso médico é todo-poderoso, nossa doença não pode ser desesperadora, e se ele não expulsa ninguém que vem a ele, por que você deveria temer? Nossos pecados são muitos, mas suas misericórdias são maiores: nossos pecados são grandes, mas sua justiça é maior: somos fracos, mas ele é poder. A maioria de nossas reclamações se deve à incredulidade e o resto ao espírito jurídico.

Observe a maneira como Newton fala sobre a maneira "que, pobre e necessitado como você é, o Senhor pensa em você", e o fato de que (aludindo a João 6:37, explorado anteriormente, no capítulo 6) "Ele não lança fora qualquer um que O vê.

" Newton está alcançando o coração de Cristo aqui. E veja o que ele diagnostica como a fonte fundamental de nossa resistência a essas garantias: "um espírito jurídico". Essa é uma maneira do século XVIII de se referir a obras de justiça ou legalismo, a tendência inveterada, mas sutil, de buscar aproveitar o favor de Cristo com nosso comportamento.

Newton nos ajuda a ver que uma das razões pelas quais temos uma consciência diminuída do coração de Cristo é que estamos operando cegamente em um espírito legal. Não vemos como é natural operarmos por obras de justiça. Mas isso mata nosso sentido do coração de Cristo por nós, porque esse espírito legal filtra nosso sentido de seu coração de acordo com como estamos desempenhando espiritualmente. Pense em um respiradouro em seu quarto que está conectado ao aquecimento. Se você mantiver esse respiradouro fechado em um dia frio de inverno, o calor circulará pelos dutos em sua casa, mas você não sentirá calor porque o está fechando. A abertura da ventilação inunda seu quarto com calor.

O calor já estava lá, esperando para ser acessado. Mas você não estava se beneficiando.

Gálatas existe para abrir as aberturas de nossos corações para a graça do coração de Deus.

Mas esse amor e graça não são básicos o suficiente? Nós, cristãos, já não sabemos?

Sim e não. Em Gálatas 3:10, Paulo diz algo surpreendente que é fácil de passar despercebido. Nosso texto em inglês nos diz que "todos os que confiam nas obras da lei estão sob maldição". A passagem continua explicando que isso ocorre porque, se vamos tentar nos justificar de acordo com nosso desempenho, teremos que fazer isso perfeitamente. Uma vez que nos inscrevemos na abordagem da lei para a salvação, a menor falha irá torpedear todo o projeto.

Considere o que Paulo quer dizer quando afirma que "todos os que confiam nas obras da lei estão debaixo de maldição" (3:10). O texto diz literalmente:

“Todos os que são das obras da lei estão sob maldição”. “Confiar” em nossas obras é uma boa interpretação, mas considere o que é ser pelas obras (Paulo usa a mesma frase em Romanos 9:32 quando fala de Israel seguindo a lei “como pelas obras”). Paulo não diz que aqueles que fazem obras estão sob maldição. Diz que quem trabalha está sob maldição. Certamente há uma sobreposição aqui, e o fazer está incluído até certo ponto. Mas fala sobre ser obras.

Paulo está expondo quem somos mais profundamente. Não, com o que você concorda doutrinariamente? Mas você é de onde? Ser de obras não é um eufemismo. Está marchando na direção errada. É um certo espírito, um espírito jurídico.

À medida que o evangelho se aprofunda com o tempo e nos aprofundamos cada vez mais no coração de Cristo, uma das primeiras camadas externas de nossa vida antiga pela qual o evangelho passa é fazer obras para aprovação.

Mas existe um outro nível, mais profundo, um instinto ou nível de "ausência", que também deve ser desconstruído e jogado fora. Podemos passar o dia todo alardeando a futilidade de fazer obras para agradar a Deus, enquanto dizemos a coisa certa com um coração “de obras”. E nossa "naturalidade pelas obras" reflete não apenas uma resistência à doutrina da justificação pela fé, mas também, ainda mais profundamente, uma resistência ao próprio coração de Cristo.

Há toda uma subestrutura psicológica que, devido à queda, é uma fabricação quase constante de alavancagem relacional, preenchimento do medo, nervosismo, contagem de pontos, controle neurótico, estupidez que

A ansiedade cresce, o que não é algo que dizemos ou mesmo pensamos tanto quanto algo que exalamos. Você pode sentir o cheiro nas pessoas, embora alguns de nós sejam bons em escondê-lo. E se você rastrear esta fonte de corrida

A pressa, em todas as suas várias manifestações, até a raiz, não é encontrada nas dificuldades da infância ou no diagnóstico de Myers-Briggs ou nos impulsos freudianos. Encontre o déficit do evangelho. Encontre uma falta de consciência sentida do coração de Cristo. Todas as preocupações, disfunções e ressentimentos são frutos naturais de viver em um universo mental de leis. O amor sentido por Cristo é realmente o que traz descanso, plenitude, florescimento, shalom.

aquela calma existencial que por breves momentos saudáveis como o evangelho se instala em você e permite que você saia da tempestade do trabalho. Você vê por um momento que em Cristo você é verdadeiramente invencível. O veredicto realmente está em; nada pode te tocar. Ele o tornou seu e nunca o expulsará.

Viver de uma resistência subconsciente dirigida por lei ao coração de Cristo, que todos nós tendemos a pensar que estamos evitando com sucesso (aqueles gálatas tolos!), É profundo, sutil e onipresente. É mais onipresente do que indicariam os momentos ocasionais de obras autoconscientes de justiça. Esses momentos de autoconhecimento são, de fato, dádivas da graça e não devem ser ignorados. Mas eles são apenas a ponta visível de um iceberg invisível. São sintomas superficiais. A lei-ish-ish-ish-ness, é por sua própria natureza indetectável porque é natural, não antinatural, para nós. Parece normal. "Das obras" para as pessoas caídas é o que a água é para os peixes.

E o que o evangelho diz? Ele põe as seguintes palavras em cada uma de nossas bocas: "o Filho de Deus. . . me amou e se entregou por mim. "Seu coração por mim não podia ficar quieto no céu. Nossos pecados obscurecem nossos sentimentos de seu bom coração, mas seu coração não pode ser diminuído por seu próprio povo por causa dos pecados deles, nem o a existência do sol pode ser ameaçada pela passagem de algumas nuvens finas ou mesmo por uma tempestade prolongada. O sol está brilhando.

Legal, seu coração pródigo não consegue parar. Nuvens, não nuvens, pecado, não pecado, o terno coração do Filho de Deus brilha sobre mim. Este é um afeto imperturbável.

E a extensão do ensino do Novo Testamento é que é o sol do coração de Cristo, não as nuvens dos meus pecados, que agora me define.

Quando estamos unidos a Cristo, a punição de Cristo na cruz se torna minha punição. Em outras palavras, o julgamento do tempo do fim que aguarda todos os seres humanos, para aqueles em Cristo, já aconteceu.

Aqueles de nós que estão em Cristo não olham mais para o futuro para se julgar, mas para o passado; Na cruz, vemos nosso castigo acontecendo, todos os nossos pecados sendo punidos em Jesus. O amado e restaurado, portanto, triunfa, vence, devora, o não restaurado. Não ao contrário.

E a vida cristã é simplesmente o processo de alinhar meu senso de identidade, minha identidade com um "eu" maiúsculo, o ego, meu mundo interior girando com um pânico inquietante que surge desse déficit do evangelho, em alinhamento com a verdade mais fundamental . . . O evangelho é o convite a deixar o coração de Cristo nos acalmar de alegria, porque já fomos descobertos, incluídos, incorporados. Podemos sujeitar nosso desempenho moral ascendente e descendente à firme assertividade do que Jesus sente a nosso respeito.

Somos pecadores. Pecamos, não apenas no passado, mas no presente, e não apenas por causa de nossa desobediência, mas também por causa de nossa obediência “pelas obras”.

Resistimos perversamente a permitir que Cristo nos ame. Mas, como diz Flavel: “Por que você deveria ser um inimigo de sua própria paz? Por que ler as evidências do amor de Deus por sua alma? . . . ? Por que você estuda as evasivas e desliga os confortos que correspondem a você? ”

No evangelho, somos livres para receber o consolo que nos é devido. Não os desligue. Abra o canal do seu coração para o amor de Cristo, que te amou e se entregou por você.

Nosso coração para a lei fica relaxado quando seu coração generoso volta para casa, para nós.

vinte e um

[Ele nos amou então;](#)

[Ele vai nos amar agora](#)

Deus mostra seu amor por nós. . .

Romanos 5: 8

Uma coisa é acreditar que Deus removeu e perdoou todas as nossas velhas falhas que ocorreram antes do novo nascimento. Essa é uma maravilha de

misericórdia, indescritivelmente rica; mas esses foram, afinal, pecados cometidos enquanto ainda estávamos no escuro. Não tínhamos

feitas novas criaturas, recentemente fortalecidas para andar na luz e honrar o Senhor com nossas vidas.

Outra coisa é acreditar que Deus continua, com a mesma liberdade, eliminando todas as nossas falhas presentes que ocorrem após o novo nascimento.

Talvez, como crentes hoje, saibamos que Deus nos ama. Nós realmente acreditamos nisso. Mas se olharmos mais de perto como nos relacionamos com o Pai a cada momento, o que revela nossa verdadeira teologia, digamos o que dizemos que acreditamos no papel, muitos de nós tendemos a acreditar que é um amor infectado pela decepção. Ele nos ama; mas é um amor nervoso. Nós o vemos olhando para nós com afeto paternal, mas com as sobrancelhas ligeiramente levantadas: "Como é que eles ainda estão falhando depois de tudo que fiz por eles?" Nós o imaginamos pensando. Agora estamos pecando "contra a luz", disseram os puritanos; conhecemos a verdade e nossos corações foram fundamentalmente transformados, mas mesmo assim caímos. E os ombros de nossa alma permanecem curvados na presença de Deus. Mais uma vez, é o resultado de projetar nossas próprias capacidades de amar em Deus. Não conhecemos seu coração mais verdadeiro.

E é por isso que Romanos 5: 6-11 está na Bíblia:

Enquanto ainda éramos fracos, no momento oportuno Cristo morreu pelos ímpios. Porque dificilmente alguém morrerá por um justo, embora talvez por uma pessoa boa alguém ouse até morrer, mas Deus mostra seu amor por nós porque, quando éramos ainda pecadores, Cristo morreu por nós. Portanto, visto que agora fomos justificados por seu sangue, muito mais seremos salvos por ele da ira de Deus. Porque se sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho, muito mais, agora que nos reconciliamos, seremos salvos por sua vida. Mais do que isso, também nos regozijamos em Deus por nosso Senhor Jesus Cristo, por quem agora recebemos a reconciliação.

Uma consciência cristã é uma consciência sensibilizada. Agora que conhecemos Deus como Pai, agora que nossos olhos foram abertos para nossa rebelião traiçoeira contra nosso Criador, sentimos mais profundamente do que nunca a feiura do pecado. O fracasso faz a alma estremecer como nunca antes. E assim, após um parágrafo regozijando-se nas bênçãos da redenção dos pecadores pela graça de Deus (Rom. 5: 1-5), Paulo faz uma pausa para nos convencer de como podemos ter certeza da presença e do favor de Deus no futuro (5: 6-11).

Pelo menos três vezes neste segundo parágrafo de Romanos 5, Paulo diz aproximadamente a mesma coisa:

Enquanto ainda estávamos fracos , no momento oportuno, Cristo morreu pelos ímpios. (5: 6)

Quando ainda éramos pecadores , Cristo morreu por nós. (5: 8) se enquanto éramos inimigos fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho. . . (5:10)

Para dizer a mesma verdade ao contrário: Jesus não morreu por nós uma vez nos tornamos fortes (5: 6); Ele não morreu por nós quando começamos a superar nossa pecaminosidade (5: 8); Deus não nos reconciliou consigo mesmo depois que nos tornamos amigos dele (5:10).

Deus não nos encontrou no meio do caminho. Ele se recusou a se conter, cauteloso, avaliando nosso valor. Esse não é o seu coração. Ele e seu filho tomaram a iniciativa. Em termos de graça e graça apenas. Desafiando o que merecíamos. Quando nós, apesar de nossos sorrisos e cortesia, estávamos fugindo de Deus o mais rápido que podíamos, construindo nossos próprios reinos e amando nossa própria glória, lambendo os prazeres fraudulentos do mundo, rejeitados pela beleza de Deus e fechando nossos ouvidos aos Seus chamados para voltar para casa; foi então, no horror oco daquela existência hedionda, que o príncipe dos céus se despediu de seus anjos adoradores. Foi então que ele se colocou nas mãos assassinas desses mesmos rebeldes em uma estratégia divina planejada desde a eternidade passada para expulsar pecadores enlameados e mantê-los em seu próprio coração, apesar de sua tentativa distorcida de se libertar e se purificar. Cristo desceu à morte: "paciência voluntária de angústia indescritível", 1 War Field a chama, conforme aplaudimos. Não poderíamos ter nos importado menos. Éramos fracos. Pecadores. Inimigos.

Foi só depois do fato, apenas uma vez que o Espírito Santo veio inundando nossos corações, que a compreensão tomou conta de nós: Ele passou pela minha morte. E ele não simplesmente morreu. Ele foi condenado.

Ele não apenas me deixou o céu; suportou o inferno por mim. Ele, que não merecia ser condenado, absorveu em meu lugar, eu, que era o único que merecia. Esse é o seu coração. E em nossas almas vazias, como um copo de água fria em uma boca sedenta, Deus derramou seu Espírito Santo para internalizar a verdadeira experiência do amor de Deus (v. 5).

Qual foi o propósito desta missão de resgate celestial? “Deus mostra seu amor por nós. . . ”(v. 8). A palavra grega para "mostra" aqui significa louvando, sustentando, trazendo à luz, colocando além da dúvida. Na morte de Cristo, Deus está confrontando nossos pensamentos sombrios sobre ele e nossa insistência crônica de que o amor divino deve ter um ponto final, um limite, um ponto em que finalmente se esgota. Cristo morreu para confundir nossas suposições intuitivas de que o amor divino

data de expiração. Ele morreu para mostrar que o amor de Deus é, como disse Jonathan Edwards, “um oceano sem costa ou fundo” 2.

O amor de Deus é tão ilimitado quanto o próprio Deus. É por isso que o apóstolo Paulo fala do amor divino como uma realidade que se estende a uma "largura, comprimento, altura e profundidade" incomensuráveis (Efésios 3:18); a única coisa no universo tão incomensurável quanto isso é o próprio Deus.

O amor de Deus é tão expansivo quanto o próprio Deus.

Para Deus deixar de amar os seus, Deus teria que deixar de existir, porque Deus não tem simplesmente amor; ele é amor (1 João 4:16). Na morte de Cristo por nós, pecadores, Deus pretende colocar seu amor por nós além de qualquer dúvida.

Esta é a notícia mais importante da história do mundo. Mas mesmo esse não é o principal encargo de Paulo nos versículos 6 a 11. Ele procura outra coisa.

Qual é o ponto final a que Paulo se refere em Romanos 5: 6-11?

Não é obra passada de Deus, principalmente. O fardo mais profundo de Paulo é nossa segurança atual, dado o trabalho anterior. Ele menciona a obra anterior de Cristo para enfatizar este ponto: Se Deus fez isso naquela época, quando você era tão louco e não tinha interesse nele, o que o preocupa agora? A carga central dos versículos 6 a 11 é capturada no "de" do versículo 9 (observe a maneira como todo o parágrafo gira em torno de um eixo neste ponto): "Visto que, portanto, agora fomos justificados por seu sangue", e agora ouvimos a principal preocupação de Paulo: "muito mais seremos salvos por ele da ira de Deus." O versículo 10 traz o ponto ainda mais longe:

A linguagem de ser "salvo" nos versículos 9 e 10 visa a salvação final, referindo-se não ao momento da conversão nesta vida, mas à entrada na presença de Deus na próxima. Paulo está dizendo que é impossível ser verdadeiramente justificado na conversão sem que Deus cuide de nós diretamente para o céu. A conversão não é um novo começo. A conversão, a regeneração autêntica, é a invencibilidade do nosso futuro.

Éramos inimigos quando Deus veio a nós e nos justificou; Quanto mais Deus se preocupará conosco agora que somos amigos, na verdade, filhos?

Como disse John Flavel: “Como Deus não escolheu você no início porque você era alto, agora ele não vai abandonar você porque você é baixo” 3.

Com que facilidade aqueles de nós que foram unidos a Cristo se perguntam o que Deus pensa de nós em nossas falhas agora. A lógica de Romanos 5 é: por meio de seu Filho ele se aproximou de nós quando o odiamos. Você ficará indiferente agora que esperamos poder agradá-lo?

Ele sofreu ansiosamente por nós quando estávamos fracassando, como órfãos. Ele cruzará os braços sobre nossas falhas agora que somos seus filhos adotivos?

Seu coração foi gentil e humilde conosco quando estávamos perdidos. Seu coração será algo diferente em relação a nós agora que fomos encontrados?

Enquanto ainda estávamos . . . Então ele nos amou em nossa bagunça. Agora ele vai nos amar em nossa bagunça. Nossa própria agonia no pecado é o fruto de nossa adoção. Um coração frio não se incomodaria. Não somos quem éramos.

Quando você peca, faça um trabalho completo de arrependimento. Odeie o pecado novamente. Consagre-se novamente ao Espírito Santo e aos seus caminhos puros. Mas rejeite o sussurro do diabo de que o terno coração de Deus por você está um pouco mais frio, um pouco mais rígido. Ele não está nervoso com a sua pecaminosidade. Sua maior decepção é com seus pensamentos calorosos em seu coração. Cristo morreu, colocando o amor de Deus diante de você.

Se você está em Cristo, e apenas uma alma em Cristo se importaria em ofendê-lo, sua rebelião não ameaça seu lugar no amor de Deus mais do que a própria história pode desvendar.

A parte mais difícil foi realizada. Deus já executou tudo o que é necessário para garantir a sua felicidade eterna, e Ele o fez enquanto você era órfão. Agora, nada pode se livrar do seu filho.

Nem mesmo você. Aqueles que estão em Cristo estão eternamente aprisionados no terno coração de Deus. Seremos menos pecadores na próxima vida do que somos agora, mas não estaremos mais seguros na próxima vida do que estamos agora. Se você está unido a Cristo, você já é tão bom quanto no céu. Como Spurgeon pregou:

Cristo amou você antes de todos os mundos; Muito antes de a estrela do dia lançar seu raio através da escuridão, antes que a asa de um anjo agitasse o éter não salvo, antes que nada da criação tivesse lutado desde o ventre do nada, Deus, até mesmo nosso Deus, ele colocou seu coração em todos os seus filhos.

Desde aquela época, ele se desviou uma vez, desviou uma vez, uma vez mudou? Não; Você, que experimentou seu amor e conhece sua graça, testificará para mim que ele tem sido um verdadeiro amigo em circunstâncias incertas. . . .

Você o deixou frequentemente; ele já te deixou? Você teve muitas provações e problemas; Ele já te deixou? Você já virou seu coração e fechou suas entranhas em compaixão?

Não, filhos de Deus, é seu dever solene dizer "não" e dar testemunho de sua fidelidade.

22

Até o final

Tendo amado os seus que estavam no mundo, ele os amou até o fim. João 13: 1

"O amor em Cristo não diminui", escreveu Bunyan, "nem pode ser tentado a fazê-lo por qualquer coisa que aconteça, ou aconteça no futuro, no objeto tão amado." 1 O que estamos vendo nestes últimos capítulos é que O coração de Cristo pelos pecadores e sofredores não resplandece de ternura ocasional ou temporariamente, cuspindo com o tempo. Mansidão e humildade de coração é o que Cristo é constante, constante e eternamente, quando toda a beleza em nós se desvanece.

Como sabemos?

Sabemos disso pelo que diz João 13: 1, que narra os últimos capítulos dos quatro relatos do Evangelho: Jesus chegou à falésia da cruz e não mudou de idéia. Ele caminhou até a borda.

Proporcionalmente, o Evangelho de João dedica mais espaço à última semana da vida de Jesus do que qualquer outro Evangelho. E é o primeiro versículo do capítulo 13 que inicia esta seção estendida final deste Evangelho.

A declaração de João de que Jesus amou os seus até o fim lança a narrativa da paixão, e a acusação e crucificação de Cristo é a demonstração histórica do que é resumido em João 13: 1. E o ponto de João em 13: 1 é que indo para a cruz, Jesus não guardou nada para si, como costumamos fazer quando buscamos amar os outros com sacrifício. Ele não ama como nós.

Amamos até sermos traídos. Jesus continuou na cruz apesar da traição. Amamos até sermos abandonados. Jesus amou por desamparo.

Amamos até o limite. Jesus ama até o fim.

O que João 13: 1 diz aos pecadores e sofredores com aquela pequena frase "até o fim"? É um ponto semelhante à primeira metade de Romanos 5, que consideramos no capítulo anterior. Lá o foco é mais objetivo, pois Paulo desenvolve sua doutrina da justificação de Romanos 3 até o final de Romanos 5. Aqui no Evangelho de João encontramos uma tranquilidade semelhante, mas é mais subjetiva, focando no amor de Jesus. Romanos 5 nos diz que abandonar a nós mesmos seria uma violação da justiça de Deus. João 13 nos diz que abandonar a nós mesmos seria quebrar o coração de Cristo.

Leitura:

Antes da festa da Páscoa, quando Jesus sabia que era chegada a hora de partir deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.

(João 13: 1)

Jesus sabe que este é o começo do fim para ele. Você está entrando no capítulo final e no vale mais profundo de seu ministério terreno.

Ele "sabia que havia chegado o seu tempo de partir deste mundo para o Pai". Em seguida, John faz uma pausa em um momento de reflexão comovente e relembra o ministério de Jesus e a última semana.

Em retrospecto, diz João, Jesus "amou os seus que estavam no mundo". Olhando para a frente, "ele os amou até o fim".

Seu ministério até este ponto tem sido extremamente exigente: ele está fisicamente cansado e com fome; incompreendido e maltratado por amigos e familiares, relacionalmente; encurralado e acusado publicamente pela elite religiosa. Mas o que é tudo isso comparado com o que o espera agora? O que é uma garoa fria comparada a um afogamento? O que é um insulto gritando quando você vai para a guilhotina?

Para considerar exatamente o que era iminente. Jesus fez a vontade de seu Pai sem hesitação. Mas, apesar de tudo, ele sabia que tinha o prazer e o favor de seu pai. Ela havia governado sobre ele (Mt 3:17; 17: 5). Agora seu pior pesadelo estava prestes a invadi-lo. O próprio inferno - não metaforicamente, mas na verdade, o horror da condenação e escuridão e morte - estava abrindo suas mandíbulas.

O que aconteceu na cruz, para aqueles de nós que afirmam ser seus beneficiários?

Está além da compreensão de cálculo, é claro. Uma criança de três anos não consegue entender a dor que um cômico sente quando é traído.

Quanto menos poderíamos entender o que significava para Deus canalizar o julgamento cumulativo por toda a pecaminosidade de seu povo para um homem. Mas refletir sobre como nos sentimos em relação, digamos, ao perpetrador de algum ato impensável de abuso contra uma vítima inocente nos dá uma ideia do que Deus sentiu por Cristo quando ele, o último Adão, substituiu os pecados do povo de Deus. A raiva humana justa que sentimos, a raiva que seria errado não sentirmos, é uma gota no oceano da raiva divina e justa que o Pai desencadeou.

Afinal, Deus puniu Jesus não pelo pecado de uma pessoa, mas por muitos. O que deve significar quando Isaías diz do servo que

“O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós” (Isaías 53: 6)? Como foi para Cristo engolir a distorção acumulada, a auto-entronização, o ódio natural de Deus pelos eleitos? O que deve ter sido para a soma total da ira divina justa gerada não apenas pelo pecado de um homem, mas pela "iniquidade de todos nós" desabou sobre uma única alma?

É especulação, mas por mim mesmo não posso acreditar que foi um membro físico que matou Cristo. O que é tortura física em comparação com o peso total de séculos de absorção acumulada de raiva? Essa montanha de horrores empilhados? Como Jesus poderia reter psicologicamente a sanidade ao absorver a dor total de cada pensamento e ato lascivo que vinha do coração do povo de Deus, e esse é um pecado entre muitos? Talvez tenha sido o desespero absoluto que o levou à morte. Se você estava suando sangue ao pensar no abandono de Deus (Lucas 22:44), como foi passar por isso? Não foi a retirada do amor de Deus de seu coração, não a retirada do oxigênio de seus pulmões, que o matou? Quem poderia manter a estabilidade mental bebendo o que o povo de Deus merecia? “Na presença desta angústia mental”,

escreveu War Field, "as torturas físicas da crucificação ficam em segundo plano, e podemos muito bem acreditar que nosso Senhor, embora tenha morrido na cruz, não

Ele morreu na cruz, mas, como costumamos dizer, de coração partido. ”2 Foi o sofrimento do coração de Cristo que ultrapassou o que seu corpo físico poderia suportar.

O estudioso do Novo Testamento Richard Bauckham aponta que, embora o Salmo 22: 1 ("Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?") Foi originalmente escrito em hebraico, Jesus falou em aramaico e, portanto, foi apropriado pessoalmente dele.³ Jesus não foi não apenas repetir a experiência de David mil anos antes como uma expressão paralela conveniente. Em vez disso, todo grito angustiado do Salmo 22: 1 ao longo dos milênios foi recapitulado, cumprido e aprofundado em Jesus. Dele era o verdadeiro Salmo 22: 1, do qual os nossos são sombras. Como povo de Deus, todos os nossos sentimentos de abandono foram canalizados através de um verdadeiro coração humano em um único momento de angustiado horror no Calvário, verdadeiro abandono.

Quem poderia suportar? Quem não gritaria e calaria a boca?

Quando a comunhão com Deus era o oxigênio, o alimento e a bebida de uma pessoa, ao longo da vida, sem um único momento de interrupção pelo pecado, para repentinamente carregar o peso indizível de todos os nossos pecados? Quem poderia sobreviver a isso? Perder aquela profundidade de comunhão estava morrendo. O grande amor no coração do universo estava se partindo em dois. A luz do mundo estava se apagando.

E ao desabafar essa raiva justa, Deus não estava atingindo uma árvore moralmente neutra. Estava estilhaçando o Belo. A própria Beleza e Bondade estavam sendo feias e difamadas. “Ferido, ferido por Deus. . .”(Isaías 53: 4).

Para que nós, os feios, sejamos embelezados, perdoados, confortados livremente.

Nosso paraíso em seu inferno. Nossa entrada no Amor por meio de sua perda.

Era isso que significava amar até o fim. Atravessar o horror da cruz e beber a torrente de imundície, os séculos de pecado, tudo isso é nojento até aos nossos olhos.

Mas por que ele iria continuar com isso? Por que ele se afundaria no horror da desgraça infernal quando ele era a única pessoa que não merecia?

O texto nos diz. “Ter amado os seus. . . amei eles até o fim”. Bunyan nos apresenta como funciona esse amor: é comum que iguais amem e superiores sejam amados; Mas para o Rei dos príncipes, para o Filho de Deus, para Jesus Cristo amar o homem assim: isso é incrível, e ainda mais, porque aquele homem, o objeto de seu amor, é tão baixo, tão mesquinho,

tão vil, perder o sentido do amor de Deus e um canal aberto de comunhão com o pai. Sobre isso, ver especialmente Institutes of Electronic Theology, de Francis Turretin, 3 vols., Trans. GM Giger, ed. JT Dennison (Phillipsburg, NJ: Q&A, 1997), cujo décimo quarto tópico (no vol. 2) é "O Ofício Mediador de Cristo", no qual Turretin explica a cruz como a perda da experiência do amor do Pai, mas não o absoluto perda do amor do pai. Seguindo de perto a linguagem das narrativas da Paixão, o abandono na cruz deve ser entendido principalmente como um abandono de Jesus (que representa a humanidade pecadora) por Deus, não principalmente como o divino Filho do Pai.

indigno, e tão insignificante, como pelas Escrituras, onde quer que seja descrito.

Ele é chamado de Deus, o Rei da glória. Mas o povo de seu amado é chamado de transgressores, pecadores, inimigos, pó e cinzas, pulgas, vermes, sombras, vapores, vis, impuros, pecaminosos, impuros, ímpios, loucos. E agora, é de se admirar, e não deveríamos nos sentir afetados por isso, dizendo: E você vai colocar seus olhos em alguém assim? Mas quanto mais quando Ele colocará Seu coração em nós?

O amor nele é essencial para o seu ser. Deus é amor; Cristo é Deus; portanto, Cristo é amor, ele ama naturalmente. Pode muito bem deixar de ser, como deixar de amar. . . .

O amor de Cristo não exige que se tomem beleza no objeto a ser amado. Ele pode agir por conta própria, sem todos os tipos de dependências. O Senhor Jesus estabelece seu coração para amá-los.

Observe a maneira como Bunyan fala do amor de Cristo como uma questão de colocar seu coração em nós. Quando o apóstolo João nos diz que Jesus amou os seus até o fim, João está removendo o véu para nos permitir olhar nas profundezas de quem Jesus é. Seu coração pelo dela não é como uma flecha, disparada rapidamente, mas logo caindo no chão; ou um corredor, rápido para fora da porta, logo diminuindo a velocidade e oscilando. Seu coração é uma avalanche, ganhando impulso com o tempo; um incêndio florestal, crescendo em intensidade à medida que se espalha.

Cristo não está indiscriminadamente. O texto diz que é

"Seus" a quem ele ama até o fim. "Seu" é uma frase usada em João para se referir aos verdadeiros discípulos de Cristo, os filhos de Deus. Em João 10, por exemplo, Jesus fala de seus seguidores como suas ovelhas e diz que ele "chama pelo nome as suas ovelhas" (v. 3). Para aqueles que não são dele, Jesus é um juiz temeroso, cuja raiva não pode ser apaziguada ou apagada; a Bíblia ensina que um dia Jesus será "revelado do céu com seus anjos poderosos em chamas de fogo, infligindo vingança sobre aqueles que não o fazem

eles conhecem a Deus e aqueles que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus ”(2 Tes. 1: 7-8).

Essa passagem continua a dizer que aqueles que não pertencem a Cristo "sofrerão o castigo da perdição eterna" (1: 9).

Mas por conta própria, o próprio Jesus suportou aquele castigo. Ele colocou seu coração no dela. Eles são seus. "Não existe o crente mais mesquinho, o mais fraco e o mais pobre na terra", escreveu Owen, "mas Cristo o aprecia mais do que o mundo inteiro."

Cristo amou os seus até a própria morte. O que isso significa para você? Significa, em primeiro lugar, que seu futuro está garantido. Se você é dele, o céu e o alívio ainda estão por vir, porque você não pode deixar de ser dele.

Ele próprio o fez dele, e você não pode escapar de suas garras.

E significa, em segundo lugar, que ele o amará até o fim. Não apenas seu futuro está seguro, com base em sua morte; seu presente está seguro, testado em seu coração. Ele o amará até o fim, porque não suportará fazer mais nada. Nenhuma estratégia de saída. Não pré-nupcial. Ele amará até o fim: "até o fim de suas vidas, até o fim de seus pecados, até o fim de suas tentações, até o fim de seus medos"

[Enterrado em seu coração para sempre](#)

. . . para que nas eras vindouras ele possa exhibir as imensuráveis riquezas de sua graça em sua bondade para conosco.

Efésios 2: 7

Qual é o significado de tudo isso? Qual é o telos, o objetivo, a razão macro e o objetivo de nossas vidinhas comuns?

Estamos em uma base sólida, tanto bíblica quanto historicamente, se respondermos: "Para glorificar a Deus".

Afinal, o que mais existe? Somos obras de arte, pensadas para ser belas e assim chamar a atenção para a nossa artista. Simplesmente não fomos feitos para mais nada. Quando vivemos para glorificar a Deus, entramos no único modo de vida verdadeiramente humanizador. Funcionamos corretamente, como um

carro que funciona com gasolina em vez de suco de laranja. E além disso, que tipo de vida mais agradável existe? Quão exaustiva é a miséria do eu. Quão energizantes são as alegrias de viver para outra pessoa.

Mas se o objetivo final de nossas vidas é glorificar a Deus, como chegamos lá? Em outras palavras, se podemos concordar sobre o "porquê" de nossas vidas, podemos também concordar sobre o "como"? De que forma glorificamos a Deus? E na eternidade, como Deus será glorificado para sempre?

Uma maneira de glorificar a Deus é por nossa obediência a Ele, recusando-nos a acreditar que sabemos o melhor e confiando que Seu caminho é o modo de vida. A Bíblia nos chama a viver de uma maneira "honrosa" entre os incrédulos "para que. . . eles poderão ver as suas boas obras e glorificar a Deus" (1 Pedro 2:12).

Neste capítulo final de nosso estudo do coração de Cristo, gostaria de considerar outra maneira de glorificar a Deus, e sempre o faremos.

Jonathan Edwards será nosso treinador.

Num sermão tardio, Jonathan Edwards pregou: "A criação do mundo parece ter sido especialmente para este propósito. . ." - agora como você terminaria essa frase? É assim que Edwards faz: A criação do mundo parece ter sido especialmente para este propósito, que o eterno Filho de Deus pudesse obter uma esposa, para quem ele pudesse exercer plenamente a infinita benevolência de sua natureza, e para quem ele pudesse, como ele era, abra e derrame toda aquela imensa fonte de condescendência, amor e graça que estava em seu coração, e para que Deus seja glorificado.

Se você conhece Edwards, provavelmente sabe que uma das ênfases retumbantes de seu ministério e escrita foi a glória de Deus. Ele era um pensador totalmente centrado em Deus. Ele escreveu um tratado chamado O fim pelo qual Deus criou o mundo, no qual ele argumentou este único ponto, que o mundo existe para a glória de Deus.

Mas às vezes temos menos consciência do que Edwards disse sobre como isso acontece. A citação acima é uma declaração representativa. Deus fez o mundo para que o coração de seu Filho tivesse uma saída. Não usamos muito uma palavra como benevolência hoje; significa uma disposição para ser gentil e gentil, uma espiral agachada de compaixão pronta para surgir. Imagine um rio cheio de represas, reprimido, congestionado, prestes a estourar; essa é a bondade no coração de Cristo. Ele é infinitamente benevolente, e a história humana é sua oportunidade de "abrir e derramar toda aquela imensa fonte de condescendência, amor e graça". A criação do mundo e a queda ruinoso no pecado que exigiu um trabalho de recreação,

libertou o coração de Cristo. E a inundação do coração de Cristo é a maneira pela qual a glória de Deus se torna mais e mais brilhante do que nunca.

Este arrebatamento matrimonial entre Cristo e sua noiva começa, em uma extensão relativamente pequena, no que diz respeito à nossa experiência, nesta vida. Mas a união final de Cristo com sua esposa ocorre no final da Bíblia, quando o céu desce à terra, “preparada como noiva adornada para o marido” (Apocalipse 21: 2). Na eternidade desfrutaremos da glória de Deus, mas (novamente) como? A resposta é: a glória de Cristo é vista e desfrutada de forma preeminente em seu amor pelos pecadores.

O infatigável e famoso missionário nativo americano David Brainerd morreu na casa de Edwards no oeste de Massachusetts em outubro de 1747. Jonathan Edwards pregou seu sermão fúnebre. Refletindo sobre ver Cristo na próxima vida, Edwards disse:

“A natureza desta glória de Cristo que eles verão será tal que os atrairá e os encorajará, porque não apenas verão majestade e grandeza infinitas; mas infinita graça, condescendência e mansidão, e mansidão e doçura, igual à sua majestade”. O resultado será que “a visão da grande majestade real de Cristo não os aterrorizará; mas só servirá mais para aumentar o seu prazer e surpresa.”
"Mais especificamente:

As almas dos santos que partiram com Cristo no céu terão Cristo como se ele não tivesse peito, manifestando aquelas infinitas riquezas de amor para com eles, que estão lá desde a eternidade.

. . . Eles comerão e beberão abundantemente, nadarão no oceano de amor e serão eternamente engolidos pelos raios infinitamente brilhantes, infinitamente suaves e doces do amor divino.

A criação do mundo deveria libertar o coração misericordioso de Cristo. E a alegria do céu é que desfrutaremos esse coração sem restrições e sem diluição para sempre.

Mas isso é bíblico?

No início de nosso estudo, consideramos a frase “rico em misericórdia” em Efésios 2: 4. Você já parou para observar o que Paulo diz, no final daquela longa oração (v. 7), é a razão fundamental para nossa salvação? É assim, depois de descrever nossa situação desesperadora se deixada por nossa própria conta:

Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, mesmo quando estávamos mortos em nossas ofensas, nos deu a vida junto com Cristo - pela graça vocês foram salvos - e nos ressuscitou com ele e nos assentou com ele nos lugares celestiais em Cristo Jesus, para que nas eras vindouras ele

poderia mostrar as riquezas incomensuráveis de sua graça em sua bondade para conosco em Cristo Jesus.

O objetivo da vida eterna sem fim nos novos céus e na nova terra é que Deus "possa mostrar as riquezas incomensuráveis de sua graça em sua bondade para conosco em Cristo Jesus".

Estamos aqui. Apenas pessoas comuns, ansiando ansiosamente por nosso caminho na vida, pecando e sofrendo, vagando e voltando, arrependendo-se e desesperando, persistentemente se afastando de um sentimento de coração que desfrutaremos para sempre se estivermos em Cristo.

Um texto como Efésios 2: 7 conecta-se com nossas vidas em tempo real? Ou é apenas para teólogos escreverem?

Ao concluirmos nosso estudo do coração de Cristo, gostaria de parar em Efésios 2: 7 e considerar exatamente no que estamos sendo libertados por este breve texto, que simplesmente reflete o ensino das Escrituras de forma mais ampla sobre o que é nosso futuro .

“Para que nos próximos séculos ele possa exibir as imensuráveis riquezas de sua graça em sua bondade para conosco em Cristo Jesus”, o que isso significa para aqueles que estão em Cristo? Isso significa que um dia Deus nos guiará através do armário até Nárnia, e nós ficaremos paralisados de alegria, admiração, espanto e alívio.

Significa que enquanto estivermos lá, nunca seremos repreendidos pelos pecados desta vida, nunca olharemos de soslaio e nunca ouviremos: "Aproveite isso, mas lembre-se de que você não merece isso." O verdadeiro objetivo do céu e da eternidade é desfrutar de sua "graça no bem". E se o objetivo do céu é exibir as riquezas incomensuráveis de sua graça em bondade, então estaremos seguros, porque a única coisa que tememos que nos manterá fora - nosso pecado - só pode aumentar o espetáculo da graça e bondade de Deus.

Isso significa que nossa queda agora não é um obstáculo para aproveitar o céu. É o ingrediente chave para desfrutar do céu. Qualquer que seja a bagunça que tenhamos feito em nossa vida, isso é parte de nossa glória final, calma e esplendor. O que fizemos fez nossa vida desmoronar

é aí que Deus em Cristo se torna mais real do que nunca nesta vida e mais maravilhoso para nós na próxima. (E aqueles de nós que foram limpos o suficiente chegarão lá um dia e perceberão mais do que nunca quão profundamente o pecado, a justiça própria e o orgulho e todos os tipos de rebeliões subconscientes deliberadas estavam profundamente dentro de nós, e como tudo o que envia graça a Deus em bondade se levanta, e nós também ficaremos surpresos com o quão grande é seu coração para com ele.

nós.) Se sua graça em bondade é “incomensurável”, então nossas falhas nunca podem exceder sua graça. Nossos momentos de sentimento completamente dominado pela vida são onde mora o coração de Deus. Nossos bolsões mais assombrados de fracasso e arrependimento são onde seu coração está mais firmemente atraído.

Se sua graça na bondade são “riquezas incomensuráveis”, em oposição à graça mensurável da classe média, então nossos pecados nunca podem exaurir seu coração. Pelo contrário, quanto mais fraqueza e fracasso, mais o coração dele sente pelo dela.

Efésios 2: 7 diz não apenas "as imensuráveis riquezas da sua graça", mas "as imensuráveis riquezas da sua graça na bondade". A palavra grega para bondade significa o desejo de fazer o que está ao seu alcance para evitar o desconforto de outra pessoa. É a mesma palavra usada em Mateus 11:30, onde Jesus diz "meu jugo é suave". Seu jugo é gentil.

Sobre "bondade" em Efésios 2: 7, Goodwin comenta: "a palavra aqui 210

Enterrado em seu coração para sempre contém toda doçura, toda franqueza, toda simpatia, toda cordialidade e toda gentileza, e com todo seu coração”3.

Sua graça em bondade é "para conosco". Você poderia traduzir isso

"Para nós" ou mesmo "sobre nós" ou "sobre nós". Isso é pessoal. Não é abstrato.

Seu coração, seus pensamentos, agora e na eternidade, estão voltados para nós.

Sua graça não é uma mancha na qual temos que descobrir como entrar. Ele nos envia sua graça, pessoalmente, individualmente, eternamente. Na verdade, ele diz a si mesmo, não existe tal "coisa" como graça (lembrando que tal visão é ensinamento católico romano). Ele não envia graça em abstrato, mas para o próprio Cristo. É por isso que Paulo imediatamente adiciona "em Cristo Jesus".

Falando de "em Cristo Jesus", você percebe o que é verdade a seu respeito se você está em Cristo? Aos que estão em união com ele é prometido que todo quebrantamento angustiante que contagia tudo - todo relacionamento, toda conversa, toda família, todo e-mail, todo despertar matinal, todo trabalho, toda férias, tudo, um dia será rebobinado e revertido. Quanto mais escuridão e dor experimentamos nesta vida, mais brilho e alívio na próxima. Como diz um personagem em O Grande Divórcio, de CS Lewis, refletindo o ensino bíblico: “Isso é o que os mortais não entendem.

Eles falam de algum sofrimento temporário: 'Nenhuma felicidade futura pode compensar isso', sem saber que o Céu, uma vez alcançado, funcionará ao contrário e transformará até mesmo aquela agonia em glória. "4 Se você está em Cristo, você é eternamente invencível. Esta passagem fala de Deus dando vida aos mortos, não cuidando dos feridos. E como isso nos dá vida? "Ele ama a vida em nós", de acordo com John Owen.⁵ Seu poder de ressurreição que flui para os cadáveres é o próprio amor.

Efésios 2: 7 diz que sua morte não é um fim, mas um começo. Não é uma parede, mas uma porta. Não é uma saída, mas uma entrada.

O objetivo de toda a história humana e da própria eternidade é mostrar o que não pode ser mostrado totalmente. Demonstre o que não pode ser demonstrado de forma adequada. Na era por vir, descenderemos cada vez mais profundamente na graça de Deus em sua bondade, em seu próprio coração, e quanto mais o compreendermos, mais veremos que está além da compreensão.

É incomensurável.

Para aqueles que não estão em Cristo, esta vida é a melhor que eles terão. Para aqueles em Cristo, para quem Efésios 2: 7 é a visão eterna na próxima curva da estrada, esta vida é a pior que jamais terá.

Naquela manhã de ressurreição, quando o Sol da Justiça aparecer nos céus, brilhando com todo o seu esplendor e glória, ele aparecerá como um noivo; ele virá na glória de seu Pai, com todos os seus santos anjos.

Esse será um encontro alegre com este glorioso marido e mulher, de fato. Então o noivo aparecerá em toda a sua glória revelada; e então os santos brilharão como o sol no reino de seu Pai e à direita de seu Redentor.

Então chegará o tempo em que Cristo convidará gentilmente sua esposa para entrar com ele no palácio de sua glória, que ele preparou para ela desde a fundação do mundo, e a tomará pela mão como se fosse, e a conduzirá ela com ele.: e este glorioso marido e esposa com todos os seus adornos resplandecentes, irão ascender juntos ao céu dos céus; toda a multidão de anjos gloriosos que esperam por você: e este Filho e filha de Deus, em sua glória e alegria unidos, aparecerão juntos diante do Pai; quando Cristo diz: "Aqui estou eu e os filhos que me deste": e ambos, nessa relação e união, receberão juntos a bênção do Pai; e doravante eles se regozijarão juntos, na glória consumada, ininterrupta, imutável e eterna, no amor mútuo e nos abraços, e no gozo conjunto do amor do Pai.

[Epílogo](#)

Agora que?

Este é um livro sobre o coração de Cristo e de Deus. Mas o que vamos fazer com isso?

A principal resposta é nada. Pergunte: "Como aplico isso à minha vida?" Seria uma banalização do objetivo deste estudo. Se um esquimó ganha férias em um lugar ensolarado, ele não consegue chegar ao seu quarto de hotel, ele sai para a varanda e se pergunta como aplicar isso à sua vida. Ele simplesmente gosta disso. Ele simplesmente gosta disso.

Mas há uma coisa que devemos fazer. Jesus diz isso em Mateus

11:28. "Vem a mim."

Por que não fazemos isso? Goodwin nos diz. É o objetivo do nosso estudo de Jesus:

O que mantém os homens afastados é que eles não conhecem a mente e o coração de Cristo. . . . A verdade é que ele está mais feliz conosco do que nós com ele. O pai do filho pródigo foi o transportador dos dois para aquele alegre encontro. Você tem uma mente? Aquele que desceu do céu, como ele mesmo diz no texto, para morrer por ti, te encontrará mais da metade, como disse o pai do filho pródigo. . . . Venha, então, para ele. Se você conhecesse o coração dela, você o faria.

Vá com ele. Tudo o que isso significa é, abra-se para isso. Deixe-me te amar. A vida cristã se resume em duas etapas: 1. Vá até Jesus.

2. Veja # 1.

O que quer que esteja desmoronando ao seu redor em sua vida, onde quer que você se sinta preso, isso permanece, infalível: seu coração por você, o verdadeiro você, é gentil e humilde. Então vá com ele. Aquele lugar em sua vida onde você se sente mais derrotado, ele está lá; ele mora lá, bem ali, e seu coração por você, não do outro lado, mas naquela escuridão, é gentil e humilde.

Sua angústia é sua casa. Vá com ele.

"Se você conhecesse o coração dela, você o faria."

[Expressões de gratidão](#)

Este livro não existiria sem as seguintes pessoas.

Minha esposa, Stacey. Só você sabe. Seu "adorno [é] a pessoa oculta do coração com a beleza imperecível de um espírito sereno e quieto" (1 Pedro 3: 4).

Meus irmãos, Eric e Gavin, cientes de meus pecados e lutas, que me amam de qualquer maneira. “Arão e Hur levantaram as mãos, um para um lado e o outro para o outro” (Êxodo 17:12).

Meu pai, Ray, cuja vida e pregação me convenceram do coração de Jesus. “Escute o seu pai que lhe deu a vida” (Pv.23: 22).

Drew Hunter, com quem tenho lido Goodwin na última década, enviando mensagens de texto com citações de descobertas sobre o coração de Cristo, maravilhados juntos. "Eu não tenho ninguém como ele"

(Filipenses 2:20).

Mike Reeves, que me apresentou a Thomas Goodwin, cujo ministério reflete a pulsação de Goodwin, e que traz as riquezas da história da igreja para nos influenciar hoje. "Todo escriba que foi educado para o reino dos céus é como o dono de uma casa, que revela o novo e o velho" (Mt 13:52).

Art Wittmann, trinta e cinco anos mais velho do que eu no caminho da vida, que por meio da oração e do amor está me ajudando a encontrar o meu caminho. "A doçura de um amigo vem de seus conselhos sinceros" (Prov. 27: 9).

Lane Dennis, meu chefe, que me deu tempo para pensar e escrever, e que vive e dirige Crossway como se Deus realmente existisse.

“A coroa da justiça está posta para vocês” (2 Timóteo 4: 8).

Os colegas da Crossway, Justin Taylor, Dave DeWit, Lydia Brownback e Don Jones, que animaram o livro ao longo do caminho e supervisionaram sua edição e produção. “Eles refrescaram o meu espírito” (1 Coríntios 16:18).

O Senhor Jesus, o Grande Coração. Quem teria imaginado que você, o mais exaltado, é o mais terno? Meditar na doçura do seu coração me fez chorar mais de uma vez enquanto escrevia. Lágrimas de espanto, de alívio. "Então, quem é?" (Lucas 8:25).

[Índice Geral](#)

"Abundante em misericórdia e fidelidade

o coração [de Cristo, 22, 181, 182-82,](#)

ness [", 149](#)

[187, 216](#)

"Perdão abundante", [156-57](#)

Controvérsias [Cristológico, 28](#)

promoção , [87-88](#)

[limpo e sujo, 30](#)

vamos para , [108-12](#)

[apego a Cristo, 65](#)

opomorfismo [anhr, 73n5](#)

Venha e dê as boas-vindas a Jesus Cristo (Bun-

Opopatismo [anhr, 73n5](#)

[yan\), 59-64](#)

"Tão alto quanto o céu acima da terra",

[vindo a Cristo, 64-65, 215-16](#)

[157-58](#)

comunhão com [Deus, 45, 201](#)

[segurança, 63](#)

companheirismo , [118](#)

[expição, 39-40, 79, 128](#)

[compaixão, 26, 32, 105; visão diminuída](#) a partir

de , [75](#) conv [ersão, 193](#)

Bauckham, Richar [d, 201](#)

[Conselho da Calcedônia, 104](#)

Bavinck, [Herman, 141n4](#)

pacto de [redenção, 128](#)

beleza , [96, 98](#)

cr [oss, 169-70; abandono a partir de , 202n4](#)

[a beleza de Cristo, 95-101](#)

[B Confissão Elgic, 137-38](#)

" [Lidar com](#) atenção ", [51-57](#)

benevolência , [207 disciplina](#)

[de Cristo, 71](#) Berkhof , [Luis,](#)

[84](#)

[afeições divinas, 73n5](#)

[corpo de Cristo, 40-41](#)

amor divino , [174](#)

Livro da Consolação (Jeremias), [163-64](#)

ternura divina, [confie naqueles que estão em](#)

[Cristo, 68](#) arco [els, 26-27, 165](#)

Brainerd, [David, 207](#)

Edwards, J [onathan, 15, 95-98, 100, 117-18,](#)

Brueggemann, Walter, [146](#)

[142-43, 192, 206-8, 212-13](#)

Bunyan, J [ohn, 14, 15, 59-64, 81, 82, 87, 90,](#)

[emoções, 105](#)

[93-94, 197, 202-3](#) E

[phraim, 164](#) segurança

eterna , [65-66](#)

Calvin, [Juan, 78, 83-84, 104, 111n9, 136,](#)

Euty [Chianismo 104](#)

[155, 159-60](#)

conhecimento experiencial , [125-26](#)

Cristo, um salvador completo (B [unyan\), 81, 82](#)

Vida cristã: abandonando as suposições naturais

[fidelidade, 149](#)

ções em [Deus, 151, 172; vívido](#) a partir de

[emoções caídas, 107](#)

219

Índice Geral

Pai [, o, 60; carro fofo](#) a partir de [, 132-33](#)

Coração de Cristo, o (G [oodwin](#)), [43-45, 70](#)

"Pai da misericórdia [", 129-33](#)

H [Catecismo de Eidelberg, 103](#)

felicidade [, 38n4](#)

[sumo sacerdote, 55](#)

ferocidade [, 67](#)

[santidade e ternura, 69-70](#)

Flavel, [John, 18n2, 129n2, 133, 187, 194](#)

Espírito Santo: e ouça [de Cristo, 32-33,](#)

[tolerância, 174](#)

[121-26; como pessoa, 124](#)

[abandono, 165, 168](#)

Ofni e P [hinehas, 51](#)

amizade [, 113](#)

[humilde, 19-20](#)

[amigo dos pecadores, 114-15](#)

“Riquezas incomensuráveis”, [210](#)

G [alacianos, 182-84](#)

"Em Cristo ", [70, 211-12](#)

[bondade, 19, 21. *See também* Jesus Cristo](#)

[como "De maneira nenhuma ", \[61-62 suave e\]\(#\)](#)

[humilde](#)

entre outras [atribuição, 79, 87](#)

Glória de Deus [, \[147, 205-6, 207\]\(#\)](#)

Amor "invencível" [, \[174, 178\]\(#\)](#)

Deus: beleza e santidade de [, \[68; sem\]\(#\)](#)

[fundo amor de \[192; compaixão por, \\[72-\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

[73, Jeffery, Stev e, \[15 anos\]\(#\)](#)

[130, 146, 160; não aflige para Jesus Cristo: defesa de \[, \\[87-94; sujeito a-\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

o coração [, \[137-38; a vida emocional de os pecadores e aqueles que sofrem \\[, \\\[28- 29; raiva\\\]\\\(#\\\)\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

[73-74; impassividade de \[.73n5; Justiça\]\(#\)](#)

a partir de [, \[108-12; ascensão de, \\[48, 103;\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

[beleza a partir de \[, \\[128, 139, 143-44; Isto ir\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

de [, \[141; O que\]\(#\)](#)

do coração de [, \[95-101; compaixão, \\[misericordioso e misericordioso, \\\[145- 48; Tão rico\\\]\\\(#\\\)\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

[21-32, 106-7; morte de \[199-204; como eles-\]\(#\)](#)

em misericórdia [, \[171-80; simplicidade de, \\[140; O que\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

corpo da rica misericórdia de Deus [, \[177-78;\]\(#\)](#)

lento para a raiva [, \[148-49; para o\]\(#\) \[vereignty de, a vida emocional de \\[, \\\[105; amizade de, \\\\[27,\\\\]\\\\(#\\\\)\\\]\\\(#\\\)\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

[137-38; e coração renda de \[165-67\]\(#\)](#)

[113-20; tão gentil e humilde \[, \\[18-24,\\]\\(#\\)\]\(#\)](#)

Godbeer, Richar [d, \[113\]\(#\)](#)

[24, 57, 148, 162; glorioso](#) visualizar em seu amor, bondade e glória de Deus .
[147](#)

[para pecadores, 207–8; disposição amigável](#)
Goodwin, [Thomas, 14, 15, 96, 129n2](#); sobre
e terna afeição de [, 43; dirigindo vir a](#)
[Cristo, 215–16; no amigo - de impenitente,](#)
[21; felicidade de, 35-36, barco , 116,](#)
[120n8; na graça e Misericórdia 37, 38n4;](#)
[ouço t a partir de , 13-16, 26; tão alto de](#)
[Cristo, 35–38; ao ouvir Cristo, padre, 39,](#)
[49, 51–57, 83; santidade de , 43-45, 48-49,](#)
[167, 169; em ouvir t a partir de](#)
[69-70; inter atribuição a partir de , 77-85, 90; Isto Você vê Pai , 130-31; sobre](#)
[eleEspírito Santo e](#)
[até o final, 197-204; como mediador, 37-38;](#)
ouço [de Cristo, 122, 124, 125; em em -](#)
[mansidão e mansidão, 56; mo Vejo para vencer ”lov e, 174, 178; sobre](#)
[julgamento,](#)
compaixão por [pecados, 69-70; humanidade permanente](#)
[143-44; sobre a justiça como uma obra estranha a partir de , 103; rhumanizado](#)
a desumanizado, G [OD, 138-39; na bondade, 210-11;](#)
[32; r ressurreição a partir de , 212; Saudaçãopara a mansidão e](#)
bondade de Cristo, [supremo, 82-83, 85; impecabilidade de, 57; 23-24;](#)
[no mer cy por G OD, 171-74;](#)
solidariedade [, 46-47; tentação de, 47-48,](#)
nos pecados que movem Cristo à compaixão [, 69-70; 49, 57; C](#)
eeping a partir de [, 26, 32](#)
sobre a ira de deus [, 68](#)
alegria [, 39](#)

[déficit gospel, 186-87](#)

juízo, como uma estranha obra de [Deus, 130,](#)

"Graça em bondade ", [209-11, 212](#)

[142-44](#)

graça e misericórdia , [27, 28, 36-37, 131, 177](#)

justiça e misericórdia , [169](#)

Grande [acorde 144](#)

[justificação, 77-81, 183, 185, 198](#)

ouço [t, 18](#)

[bondade, 22, 210-11](#)

ouço [de Cristo, 13-16, 26](#)

encontro [Deus, 125](#)

220

Índice Geral

[Lamentações, 136](#)

"Rico em misericórdia ", [208](#)

Lázaro, morte de [110-11](#)

Teologia católica romana , [69](#)

[espírito jurídico, 183-85](#)

Vocês [wis, CS, 49, 211](#)

Sach, Andrew , [quinze](#)

Lloyd-Jones, março [tyn, 67-68](#)

[satisfação, 128](#)

Luther , [Martin, 78, 182n1](#)

escribas e [Fariseus, 109-10](#)

Lyte, HF [, 9](#)

Defesa pessoal [, 92-93](#)

Sibbes, Richard [, 14, 15; em bo](#)wels de Cristo, Macleod, D [Onald,](#)

[15 27; sobre aliberdade em Cristo, 178; sobre](#)

amizade masculina [, 113](#)

[amizade de Cristo, 116, 117, 118-19;](#)

[Canção de Maria , vinte](#)

[na graça de Cristo, 177; sobre intercessão](#)

[manso 19](#)

[de Cristo, 85; sobre os](#) doce atributos de Melanchthon, Philip [, 18n1 G](#)

[OD, 151](#)

Misericórdia [, 29, 40, 129-30, 171-74; como de](#) Deus

[pecado: morte em, 175-77; e sofrimento, 168](#)

trabalho natural [, 130, 143-44.](#) *Assistir* também

[pecaminosidade, 168](#)

[graça e misericórdia](#)

"Lento para a raiva " [, 148-49](#)

[milagres, 31](#)

solidariedade [, 46-47, 48](#)

Moltmann, Jürgen [, 31 anos](#)

Splanchniz [ou, 106, 130](#)

M [onfisismo, 104](#)

S [purgeon, Charles, 15, 17, 195](#)

amor inabalável [, 149](#)

Newton, John [, 183-84](#)

Stott, John RW , [15 anos](#)

[sofrimento, 46, 49, 57](#)

[obediência 206](#)

simpatia , [53-54](#)

" [Do-work-ness](#) ", [184-87](#)

Ovey, M [ichael, 15 anos](#)

"Ao máximo ", [82-83, 85](#)

Owen, J [ohn, 46n2, 49-50, 54n1, 55-56,](#)

Tozer, AW , [127](#)

[150-51, 204, 212](#)

Turretin, F [rancis, 202n4](#)

Empacotador , [JI, 15, 28](#)

[sujeira, 30](#)

[pacum salutis, 128](#)

[união com Cristo, 33, 66, 194-95, 211](#)

perseverança no coração [de Cristo, 64-66](#)

perseverança [dos santos, 65-66](#)

[Campo de guerra , BB, 15, 20, 105-6, 108, 111,](#)

padres de [Israel, 51](#)

[192, 200-201](#)

pr [filho odigal, 215-16](#)

w [eakness, 52, 56-57](#)

pr [opção, 89](#)

Confissão de [fé](#) a partir de

[Westminster, 143](#) providência,

mistério de , [155-56, 159](#)

local de construção [justiça 184](#)

[punição, 130, 142-43](#)

[ira de Cristo, 29](#)

[P uritanos, 14-15, 128, 144](#)

Ira de deus , [28-29, 67-68, 70, 128,](#)

[143-44, 175, 200](#)

reciprocidade , [157](#)

lembre-se de como [linguagem da aliança, 165](#)

y lucro, [165-66](#)

resistência, à misericórdia de Deus , [166-67](#)

y [oke of goodness, 22-](#)

[23](#) 221

[Índice das Escrituras](#)

Gênese

Deuteronômio

Isaías

3.....[151](#)

7: 9[149](#)

6: 1-8.....[70](#)

6: 6[140](#)

6: 3[70](#)

8:21.....[140](#)

Samuel I

6: 7[70](#)

1-4.....[51](#)

28:21. [139](#)

Êxodo

40: 10-11. [54](#)

16: 1-36. [152](#)

2 Samuel

53: 2 [47](#)

17:12. [217](#)

20:10

53: 4

. [165](#)

. [111, 202](#)

31: 12-18. [152](#)

53: 6 [200](#)

32: 1 [152](#)

1 crônicas

54: 7-8. [151](#)

32:15. [152](#)

55 [159, 160](#)

17:19. [173](#)

32:19. [152](#)

55: 6-9. [156](#)

33:18. [147](#)

55: 7 [156, 157](#)

Neemias

33:19

55: 8

.....[147](#)

.....[155, 157,](#)

9:17.....[146](#)

33:22

[158](#)

.....[145, 147](#)

13:22.....[146](#)

33-34

55: 8–9.....[160n5](#)

.....[152, 153](#)

3. 4

55: 9.....[157, 158](#)

.....[151, 153](#)

Salmos

34: 2

55: 12-13.....[161](#)

.....[152](#)

4: 4

57:15

34: 3

.....[112](#)

.....[162](#)

.....[152](#)

62: 5

34: 6	
5: 8	146
.....	206n1
.....	145, 152
63: 7	146
34: 6–7	
22: 1	201
.....	145, 146,
63:10.....	124
	147, 148,
63: 8	sessenta e cinco
	150
69:14.....	146
<i>Jeremias</i>	
34: 9-10.....	152
86: 5	146
1:16.....	163
34:29.....	152
86:15.....	146
2:13.....	163
34: 29–33.....	152
89: 2	159n4
3: 2	163
34: 30–31.....	152
103: 8	146

4:14

103: 11

.....[164](#)

.....[158](#)

5:23.....[164](#)

Levítico

138: 5-6.....[147](#)

6: 7.....[164](#)

5: 3.....[30](#)

145: 8.....[146](#)

30–33.....[163, 164](#)

5: 6.....[30](#)

31.....[165](#)

Proverbios

31: 3.....[163](#)

Números

4:23.....[18](#)

31:20.....[163, 164,](#)

14:18.....[146](#)

23:22.....[217](#)

[167, 169,](#)

15: 27–31.....[53](#)

27: 9.....[218](#)

[172](#)

222

Índice das Escrituras

32:41. [139](#)

onze. [20, 23](#)

7:13. [26, 106](#)

11:19. [113, 114](#)

7:34. [27](#)

Lamentando

11h21. [vinte e um](#)

8:25. [218](#)

3. [142](#)

11h24. [vinte e um](#)

10:21. [35](#)

3: 2-16. [138](#)

11h28. [20, 215](#)

13: 1-5. [132](#)

3:32. [146](#)

11: 28-30. [18, 114](#)

13:11. [82](#)

3:33. [135, 137,](#)

11h29. [17, 20, 25,](#)

15: 1 [114](#)

[139, 140,](#)

[97, 125,](#)

15: 7 [40](#)

[146, 165](#)

[136n1, 148,](#)

19:41. [26](#)

[172](#)

22:44. [200](#)

Oséias

11:30. [210](#)

onze. [75](#)

13:52. [217](#)

Juan

11: 1 [141](#)

14:14. [25, 26](#)

1:14. [152](#)

11: 2 [141](#)

15:32. [26](#)

2:15. [110](#)

11: 3-4. [141](#)

17: 5. [199](#)

3: 6-7. [121](#)

11: 7 [141](#)

18: 6 [109](#)

6: 32-40. [60](#)

11: 7-9. [72](#)

18: 8-9. [22](#)

6:37. [59, 63, 183](#)

11: 8 [67, 142](#)

20: 30–31.[106](#)
10[203](#)
11: 8–9.[141](#)
20:34.[106](#)
10: 3[204](#)
21: 5[19, 136,](#)
onze.[111n9](#)

Joel

[136n1](#)

11:33.[103](#)
2:13.[146](#)
2. 3. 4..[109](#)
11: 33-38
23:15
.[110](#)
.[109](#)
11h35

Amos

23: 34-35
.[26](#)
.[110](#)
3: 6
13[198](#)
.[132](#)
23:37.[110](#)

25:21

13: 1[197](#),

.....[35](#)

Jonah

25:23

[198-99](#)

.....[35](#)

4: 2

14-16.....[88, 123](#)

.....[146](#)

marca

14: 8[132](#)

Micah

1:22

14: 9-10

.....[27](#)

.....[133](#)

7:18.....[172](#)

1:24.....[114](#)

14:16.....[88, 121](#)

1:40.....[106](#)

15:11.....[40](#)

Nahum

1:41.....[106](#)

15:15.....[117](#)

1: 3	146
6: 2	152n5
15:26.....	88
6: 30–44.....	152n5
16: 5-7.....	123

Zacarias

6:34.....	26
16: 6	123
9: 9	19, 136n1
6: 45–52.....	152
16: 7	88
6:46.....	152n5
16: 8	121

Mateus

6:48.....	153
16:13.....	122
3:17.....	199
6: 49–50.....	153n5
16:27.....	133
5: 5	19
6: 53–56.....	153n5
17:13.....	40
5:17.....	27
9: 2-13.....	153n5
17:24.....	40

5: 19-20.[22](#)

10: 21-23.[35](#)

8: 2-3.[25](#)

Fatos

9: 2[25](#)

Lucas

9: 4[41](#)

9:35.[26](#)

1:52.[vinte](#)

11h38.[105](#)

9:36.[26](#)

4: 9[114](#)

22: 3[176](#)

10: 29–31.[132](#)

5: 8[27](#)

26: 4[176](#)

10:37[95, 96](#)

7:12.[106](#)

26: 5[176](#)

223

Índice das Escrituras

Romanos

5: 22-23.[122](#)

2: 14-18.[57](#)

2: 4[22](#)

5:25.	122
2:17.	104
3.	198
6: 7	150
4:14.	46, 48
5.	198
4: 14-16.	Quatro cinco
5: 1	78
<i>Efésios</i>	
4:15.	43-50, 52,
5: 1-5.	190
2: 1-3.	171, 175
	57, 104
5: 5	192
2: 4	171, 172,
4:16.	45-46, 49
5: 6	191
	174-75,
5: 2	51-57
5: 6-11.	190, 191,
	177, 208
5: 3	56
	193
2: 5	171
7:23.	83

5: 8[189, 191,](#)
2: 6[171, 178](#)
7:24.[83](#)
[192](#)
2: 7[205, 208,](#)
7:25.[39, 77, 82,](#)
5: 9[193](#)
[209, 210,](#)
[83, 87, 90](#)
5:10.[191, 193](#)
[212](#)
7: 26-27.[47](#)
5:20.[68](#)
3:15.[132](#)
7:27.[57](#)
8:11.[122](#)
3:18.[192](#)
8: 1[39](#)
8:13.[122](#)
4:26.[112](#)
10:12.[39](#)
8:19.[161](#)
4:30.[124](#)
10h24
8:21

.....[148](#)
.....[161](#)
4:32.....[22](#)
12: 1-11
8: 26-27
.....[71](#)
.....[122](#)
5:29.....[40](#)
8: 33-34
12: 2[35, 39](#)
.....[80](#)
5: 29-30.....[41](#)
9:32.....[185](#)
12h16
James
.....[vinte](#)
Filipenses
2: 9-11
4: 6[vinte](#)
.....[24](#)
1 Corinthians
2: 12-13
5:11.....[130](#)
.....[22](#)
2:12.....[125](#)

2:20.[217](#)

6: 15-16

1 Peter

.[33](#)

3: 5-6.[176](#)

12: 4-7

02:12

.[122](#)

.[206](#)

15:10.[22](#)

Colossenses

3. 4.[19, 217](#)

16:18.[218](#)

1:29.[22](#)

1 Juan

2 Corinthians

2 tessalonicenses

vinte e um.[87, 88, 90](#)

1: 3[127, 129,](#)

1: 5-12.[143](#)

2: 2[89](#)

[131, 132n5](#)

1: 7-8.[204](#)

4:16.[193](#)

3:18.[122](#)

1: 9[204](#)

4: 4[133](#)

Revelação

4: 6[133](#)

2 timóteo

1: 12-16.....[117](#)

13: 5[57](#)

4: 8[218](#)

1: 14-16.....[24](#)

1:16.....[54](#)

Gálatas

Titus

2:12.....[54](#)

2:20.....[125, 181,](#)

2:11.....[177](#)

3:17.....[116](#)

[183](#)

3: 3[176](#)

3:20.....[116](#)

3: 3[182](#)

5: 5-6.....[54](#)

3:10.....[184](#)

Hebreus

19:15.....[54](#)

4: 6[122](#)

1: 3[39, 133](#)

19:21.....[54](#)

5:18.....[122](#)

2.....[46](#)

21: 2[207](#)

224

"Dane Ortlund leads us into the very heart of God incarnate."

MICHAEL HORTON

"The insights of *Gentle and Lowly* are truly a river of mercy flowing from the throne of God."

BRYAN CHAPPELL

"I have read no book that more carefully and tenderly displays Christ's heart."

PAUL DAVID TRIPP

"For any feeling bruised, weary, or empty, this is the balm for you."

MICHAEL REEVES

"Read this book and you will understand God's grace in a whole new way."

ROSARIA BUTTERFIELD

"Your soul needs this book. I highly recommend it."

PAUL E. MILLER

"One of the best books I've read."

SAM ALLBERRY

CHRISTIAN LIVING

 **CROSSWAY**
crossway.org

